



PÓS-MILENISMO

Lorraine Boettner

pm

PÓS-MILENISMO

Lorraine Boettner

Tradução

Daniel P. Rodrigues



Extraído de obra publicada originalmente em inglês sob o título
The Millennium

Presbyterian and Reformed Publishing Company
Phillipsburg, New Jersey

Uso permitido dentro de condições estabelecidas por
autor em sua obra original

É permitida a livre reprodução e distribuição do presente material,
sem necessidade de permissão, desde que não o seja para fins comerciais

Pós-Milenismo Produções
www.posmilenismo.com.br
editor@posmilenismo.com.br

1ª Edição: 2025
ISBN: 978-65-01-49317-6

Tradução: Daniel P. Rodrigues
Diagramação: Daniel P. Rodrigues

Citações bíblicas foram extraídas da Almeida Corrigida e Fiel,
salvo indicação do contrário
Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011
Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boettner, Loraine

Pós-milenismo / Loraine Boettner ; tradução Daniel P. Rodrigues.
-- 1. ed. -- Sumaré, SP : Ed. do Autor, 2025.

Título original: The millennium.
ISBN 978-65-01-49317-6

1. Doutrina cristã 2. Escatologia - Doutrina bíblica 3. Escatologia -
Ensino bíblico 4. Milênio (Escatologia) I. Título.

25-274966

CDD-236.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Milênio : Escatologia : Cristianismo 236.9
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ABREVIACÕES

Versões Bíblicas

TB – Tradução Brasileira

Copyright © 1917, 2010 Sociedade Bíblica do Brasil

ARA – Almeida Revista e Atualizada

Copyright © 1993 Sociedade Bíblica do Brasil

ARC – Almeida Revista e Corrigida

Copyright © 2009 Sociedade Bíblica do Brasil

KJF – King James Fiel

Copyright © 2017 por BKJ 1611 Editora LTDA.

NVI – Nova Versão Internacional

Copyright © 1993, 2000, 2011, 2023 por Biblica, Inc.

SUMÁRIO

Prefácio À Edição Brasileira	7
1. Introdução	9
2. Teólogos Representativos nos Diferentes Sistemas.....	19
3. Declaração de Doutrina	25
4. Terminologia Inadequada	33
5. Um Mundo ou Raça Redimida	37
6. A Imensidão da Multidão dos Remidos	49
7. O Mundo está Melhorando	59
8. Prosperidade Material Durante a Era Milenar	75
9. O Milênio: Não um estado perfeito ou sem pecado	83
10. A Era Milenar Se Aproxima A Passos Imperceptíveis	89
11. Os Mil Anos como uma Figura Simbólica	95
12. Uma Apostasia e Rebelião Final?	101
13. Princípios de Interpretação	121
Apêndice: Um Breve Resumo do Pós-Milenismo.....	155

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Dentre as visões escatológicas que permeiam a ortodoxia cristã, talvez não haja alguma mais questionada e atacada e, ao mesmo tempo, mais malcompreendida que o Pós-Milenismo. Uma quantidade considerável de tempo se faria necessária para listar e discorrer em detalhes as diversas acusações e tentativas de refutação levantadas contra o Pós-Milenismo, tanto por parte de leigos quanto por pastores ordenados e teólogos eruditos.

O presente tratado, extraído da magistral obra *The Millenium*, do Dr. Loraine Boettner (que, merecidamente, figura entre os teólogos reformados mais influentes do século XX), examina as principais divergências entre as três mais proeminentes visões escatológicas – a saber, o Pré-Milenismo, o Amilenismo e o Pós-Milenismo – e discorre, de forma meticulosa, mas, ao mesmo tempo, mantendo uma linguagem simples e acessível, sobre os princípios basilares e fundacionais da visão pós-milenista.

A presente obra certamente servirá tanto àquele que se interessa pelo Pós-Milenismo, e deseja desenvolver um conhecimento mais sólido sobre ele, assim como, também, aos aderentes às outras visões escatológicas, como um auxílio para a compreensão de seus preceitos fundamentais, permitindo, assim, um questionamento mais embasado.

Daniel P. Rodrigues
Pós-Milenismo Produções

Capítulo I

INTRODUÇÃO

Falando de modo geral, há três sistemas que professam definir o ensino da Escritura com relação à Segunda Vinda de Cristo e o curso futuro do Reino. São eles: Pós-Milenismo, Amilenismo e Pré-Milenismo.

As pressuposições essenciais dos três sistemas são similares. Cada um defende que as Escrituras são a palavra de Deus e são autoritativas. Cada um adere ao mesmo conceito geral da morte de Cristo como um sacrifício para satisfazer a justiça Divina e como o único fundamento para a salvação de almas. Cada um defende que haverá uma Vinda de Cristo futura, visível e pessoal. Cada um concorda que todos os indivíduos serão ressuscitados corporalmente, e que todos estarão diante do trono de julgamento de Cristo, que os justos serão recompensados no Céu, e os iníquos serão punidos no inferno. Portanto, cada um destes sistemas é consistentemente evangélico, e também foi defendido por muitos homens fiéis e sinceros. As diferenças surgem não por causa de alguma deslealdade consciente ou intencional à Escritura, mas, primariamente, devido ao *método distinto empregado por cada sistema em sua interpretação da Escritura*, e elas se concentram primordialmente na questão do tempo e do propósito da vinda de Cristo e do tipo de reino que há de ser estabelecido em Sua vinda.

Será útil ao início desse estudo definir cada um dos sistemas o mais claramente possível. Definições exatas não podem ser dadas, já que inúmeras variações são encontradas dentro de cada sistema. Contudo, oferecemos as definições a seguir como sendo essencialmente corretas. A primeira é de

nossa própria autoria. As três últimas, incluindo a do Dispensacionalismo, que é uma forma radical de Pré-Milenismo, são fornecidas pelo Dr. J. G. Vos, um escritor recente e filho do Dr. Geerhardus Vos que, por muitos anos, foi um professor no Seminário Teológico Princeton. Estas definições são apresentadas como sendo as mais precisas e abrangentes que encontramos.

Pós-Milenismo

Pós-Milenismo é a visão das últimas coisas que defende que o Reino de Deus atualmente se expande no mundo através da pregação do Evangelho e da obra salvífica do Espírito Santo, que o mundo, por fim, será cristianizado, e que a volta de Cristo ocorrerá ao fim de um longo período de justiça e paz comumente chamado de o *Milênio*.

Esta visão, claramente, deve ser distinguida da visão otimista, porém falsa, de aprimoramento e progresso da humanidade defendida por modernistas e liberais que ensina que o Reino de Deus na terra será alcançado através de um processo *natural*, pelo qual as condições da raça humana serão melhoradas e as instituições sociais serão reformadas e levadas a um nível mais elevado de cultura e eficiência. Esta última visão apresenta um espúrio ou um pseudo-Pós-Milenismo, e considera o Reino de Deus como o produto de leis naturais num processo evolucionário, enquanto o Pós-Milenismo ortodoxo compreende o Reino de Deus como o produto da obra sobrenatural do Espírito Santo em união com a pregação do Evangelho.

Amilenismo

“Amilenismo é a visão das últimas coisas que defende que a Bíblia não prediz um ‘Milênio’ ou um período de paz e justiça mundial nessa terra antes do fim do mundo. (O Amilenismo defende que haverá um desenvolvimento paralelo e contemporâneo de bem e mal – Reino de Deus e Reino de Satanás – neste mundo, que continuará até a segunda vinda de Cristo. Na segunda vinda de Cristo, acontecerá a ressurreição e o juízo final, seguidos pelo estado eterno das coisas – o Reino de Deus perfeito e absoluto, no qual não haverá pecado, sofrimento ou morte).”

Pré-Milenismo

“Pré-Milenismo é a visão das últimas coisas que defende que a segunda vinda de Cristo será seguida por um período de paz e justiça mundiais, antes do fim do mundo, chamado de ‘o Milênio’ ou ‘o Reino de Deus’, durante o qual Cristo reinará como Rei de forma pessoal nesta terra. (Pré-Milenistas são divididos em vários grupos de acordo com suas diferentes visões em relação à ordem dos eventos associados com a segunda vinda de Cristo, mas todos concordam que haverá um milênio na terra *após* a segunda vinda de Cristo, mas *antes* do fim do mundo).”

Dispensacionalismo

“O falso sistema de interpretação bíblica apresentado pelos escritos de J. N. Darby e da Bíblia de Referência Scofield, que divide a história da humanidade em sete períodos distintos ou ‘dispensações’, e afirma que em cada período Deus lida com a raça humana com base em um conjunto de princípios específicos. (O Dispensacionalismo

nega a identidade espiritual de Israel e da Igreja, e tende a contrapor ‘graça’ e ‘lei’ como se fossem mutualmente exclusivas).”

A palavra *milênio* é derivada de duas palavras latinas, *mille*, significando ‘mil’, e *annum*, significando ‘ano’. Daí o sentido literal ser um período de mil anos. O termo é encontrado apenas seis vezes na Escritura, todas nos primeiros sete versículos do vigésimo capítulo de Apocalipse, uma porção da Escritura admitidamente difícil e altamente simbólica. Os prefixos Pós-, A- e Pré-, usados juntos à palavra designam uma visão específica referente aos mil anos. Pré-Milenistas tomam a palavra em seu sentido literal, defendendo que Cristo estabelecerá um Reino na terra que durará precisamente esse período de tempo. Pós-Milenistas e Amilenistas interpretam a palavra de forma figurada, significando um período indefinidamente longo, defendido por alguns como sendo parte e, por outros, como sendo o todo da Era Cristã.

Similarmente, a palavra *Quiliasmo*, mais comumente usada na Igreja primitiva que no tempo presente, vem da palavra grega *chilias*, que também significa mil. Os cristãos primitivos que criam que Cristo em sua vinda estabelecerá um Reino de mil anos eram chamados de *Quilistas*. Em seu período histórico, as palavras *Quiliasmo* e *Pré-Milenismo* eram usadas como sinônimos, e é comumente entendido que hoje os que carregam o nome de Pré-Milenistas são, logicamente, os mesmos que eram antes conhecidos como Quilistas, apesar de seus sistemas divergirem em muitos aspectos importantes.

Em relação ao Dispensacionalismo, deve-se acrescentar que, enquanto o Pré-Milenismo histórico defendia que a Igreja passará pela Grande Tribulação, o Dispensacionalismo defende que a Igreja será arrebatada¹ e, dessa forma, tirada do mundo antes desse evento e que, após o Arrebatamento, haverá um período de sete anos, durante o qual, na primeira metade, os judeus entrarão numa aliança com o Anticristo e habitarão na palestina, mas, na segunda metade, sofrerão terrível perseguição sob o governo do Anticristo. No final desse período de sete anos, Cristo retorna, aniquila o Anticristo, e estabelece Seu Reino em Jerusalém. Os judeus não de ter uma posição favorecida no Reino, e devem permanecer como um corpo distinto dos gentios por toda eternidade. Assim, segue-se que os Dispensacionalistas são duplamente ‘prés’ – Pré-Milenistas Pré-tribulacionistas. A distinção entre judeus e a igreja gentílica é de grande importância para os Dispensacionalistas, já que ela lhes dá um período de sete anos, alegadamente a 70ª semana da Profecia de Daniel (Dn. 9:24-27), durante a qual todos os eventos profetizados em Apocalipse do capítulo 4 até o 19 se cumprirão. O fato de os Dispensacionalistas darem grande importância a essa distinção é mostrado pelo vigor com o qual eles atacam seus companheiros Pré-Milenistas que são Pós-Tribulacionistas, ou seja, que defendem que a Igreja de fato passa pela Tribulação.

Outro aspecto proeminente do Dispensacionalismo é a sua doutrina de que, quando os judeus rejeitaram a alegada oferta do Reino Davídico feita por Cristo, o Reino foi retido,

¹ Atualmente, a visão pré-tribulacionista não é unanimidade no Dispensacionalismo, com alguns expositores deste defendendo o pós-tribulacionismo [N. T.]

e a Igreja foi então estabelecida como um substituto – fazendo da presente era da igreja, portanto, um interlúdio ou um parêntese, durante o qual Deus lida com os homens através da Igreja até o retorno de Cristo, quando, por sua vez, a Igreja será tomada e o Reino estabelecido.

O Dispensacionalismo é, comparativamente, um desenvolvimento recente. Suas visões distintivas foram primeiro estabelecidas de forma clara e efetiva por J. N. Darby, um líder dentre os Irmãos Plymouth na Inglaterra, por volta de 1830, e mais tarde popularizada pela *Bíblia de Referência Scofield*.

Primariamente por meio da influência da Bíblia de Referência Scofield, com suas notas explanatórias impressas na mesma página do texto, esta visão se tornou, nos tempos atuais, a forma mais prevalente de Pré-Milenismo nos Estados Unidos. Ela nunca foi estabelecida nas declarações de fé de quaisquer das denominações protestantes de maior importância, mas são defendidas por indivíduos em meio a todas estas denominações, e são a crença padrão de vários grupos pentecostais e *holiness*, os quais, como regra geral, não são conhecidos por prezar erudição ou pesquisa científica. Ela foi ainda mais popularizada pelos institutos bíblicos, a maior parte destes sendo dispensacionalistas em seu ensino teológico. Tal visão tem sido consistentemente rejeitada e combatida na maior parte dos seminários teológicos, nos quais se dá mais proeminência a erudição e pesquisas, e também pela grande maioria dos teólogos mais notáveis.

Não pode haver dúvidas de que o Pré-Milenismo² se adequa mais a um tipo de pregação e ensino bíblico emotivo que o Pós-Milenismo ou o Amilenismo. Ele dá algo a ser esperado no futuro imediato e imbuí o tempo presente de possibilidades portentosas. Embora muitos dentre seus defensores não o explorem nesse sentido, o sistema tem sido frequentemente utilizado dessa maneira por aqueles que são menos moderados.

O Pré-Milenismo tende a fazer da Bíblia um manual de consulta rápida, em vez de uma fonte a partir da qual declarações devem ser reunidas, comparadas, organizadas em suas relações lógicas e, dessa forma, desenvolvidas numa Teologia Sistemática. Ele professa “tomar a Bíblia como a Palavra de Deus” e “aceitar a verdade bíblica em seu sentido direto, na forma como Deus a revelou”. Tal raciocínio tem sua utilidade ao ser direcionado contra os modernistas, que rejeitam a doutrina da inspiração plena das Escrituras. Porém, ele não pode ser aplicado contra aqueles que, apesar de aceitarem a doutrina da inspiração plena das Escrituras, reconhecem, todavia, que boa parte da verdade é expressa por meio de expressões figuradas. O cerne da questão é que a revelação de Deus como encontrada na Bíblia contém muitos mistérios e segredos profundos, os quais sempre desafiaram os intelectos até mesmos dos mais sábios dentre os homens, e talvez sempre o farão. Declarações superficiais sobre tomar a Bíblia como sendo a Palavra de Deus e sobre a harmonia plena da Palavra de Deus são, portanto, ilusórias

² Boa parte das menções ao Pré-Milenismo deste ponto em diante por parte do autor original referem-se ao Dispensacionalismo, devido a este ser a forma mais proeminente de Pré-Milenismo à época da elaboração da obra original. [N. T.]

e autorrefutáveis. Rejeitando soluções fáceis como estas, somos profundamente gratos pela rica herança que os grandes eruditos e teólogos da Igreja deixaram para nós. Uma compreensão mais aprofundada das Escrituras e a correlação entre essas doutrinas não é algo que pode ser alcançado em um dia, ou mesmo em uma vida, mas é uma tarefa da Igreja pelos séculos. Ao escrever sobre esse assunto, o Dr. William H. Rutgers disse muito bem: “Se homens travaram guerra intelectual por séculos para resolver o problema cristológico, e por muitas outras questões, não é de se esperar que a escatologia, o problema mais difícil da ciência teológica, será resolvido de forma diferente. A segurança e convicção com a qual muitos estudantes da Bíblia falam com respeito ao futuro do plano de Deus é apenas orgulho e arrogância.”³

O Pré-Milenismo tem seu melhor desempenho e seus maiores ganhos em tempos de guerra ou de crises nacionais, quando o povo está ansioso e preocupado sobre o futuro. Clérigos pré-milenistas de todas as denominações se reúnem em “conferências proféticas” para discutir eventos iminentes como o estabelecimento da nação de Israel na Palestina, os movimentos militares futuros da Rússia e da Alemanha, sinais de que a apostasia está prestes a chegar a seu estágio final, etc., já que se supõe que estes eventos são profetizados na sabedoria “encoberta” nos livros de Daniel, Ezequiel, Zacarias ou no Livro de Apocalipse.

As formas mais primitivas de Pré-Milenismo, assim como as doutrinas dispensacionalistas em sua forma atual, geralmente – se não sempre – foram sustentadas apenas por uma minoria do povo cristão. As doutrinas dispensacionais

³ William H. Rutgers, *Premillennialism in America*, pg. 42

distintivas ocupam um lugar bem menos proeminente na vida eclesiástica europeia que na americana.

Há, portanto, três visões principais sobre o tempo da segunda vinda de Cristo: a pós-milenista, que defende que Ele retornará após o Milênio; a pré-milenista, que defende a Sua vinda precede o Milênio; e a amilenista, que defende que não há Milênio algum no sentido geralmente aceito do termo. Dispensacionalismo, às vezes considerado como uma quarta visão, é, na realidade, uma forma mais extrema de Pré-Milenismo.

Capítulo II

TEÓLOGOS REPRESENTATIVOS NOS DIFERENTES SISTEMAS

Mencionamos que cada uma das visões milenares foi defendida por homens de sinceridade e capacidade teológica inquestionáveis. Entre os pós-milenistas, em primeiro lugar, deve-se mencionar o grande Agostinho de Hipona, cuja interpretação notavelmente sã da Escritura definiu o padrão para a Igreja por quase mil anos. Mais tarde, temos o Rev. David Brown, um ministro da Igreja da Escócia, e um número considerável de teólogos sistemáticos: os Hodges em Princeton (Drs. Charles, Archibald A., e Caspar Wistar Hodge, Jr., sendo este último o estimado mestre do presente escritor), Dr. W. G. T. Shedd, Dr. Robert L. Dabney, Dr. Henry B. Smith, Dr. Augustus H. Strong e Dr. Benjamin B. Warfield. Provavelmente, os livros mais influentes da interpretação pós-milenista foram *The Second Advent* [O Segundo Advento], por David Brown (1846, revisado em 1849), que, por muitos anos, foi reconhecido como a obra clássica sobre o assunto, e a *Teologia Sistemática* do Dr. Charles Hodge (1871). Em tempos mais recentes, o Dr. Warfield (1851-1921) fora reconhecido como um teólogo pós-milenista proeminente. Ele exerceu sua influência ao longo de mais de 33 anos como professor de Teologia Sistemática no Seminário Teológico de Princeton e como editor do periódico acadêmico *Presbyterian and Reformed Review*, mais tarde, como um dos principais contribuidores ao *Princeton Theological Review*. Um livro por Dr. James H. Snowden, *The Coming of the Lord* [A Vinda do Senhor] (1919), mostrou-se como uma obra de especial importância. Este último livro contém uma forte refutação da visão pré-

milenista, apesar de o Dr. Snowden não diferenciar claramente o Pré-Milenismo do Dispensacionalismo.

A visão pós-milenista tem sido muito negligenciada durante as últimas três décadas, com a maior parte da discussão referente à escatologia estando centrada em torno do Pré-Milenismo e do Amilenismo. Isso levou alguns a concluírem que o Pós-Milenismo não é mais digno de consideração séria. Alexander Reese, por exemplo, um pré-milenista, em seu livro *The Approaching Advent of Christ* [O Iminente Advento de Cristo] (1937), expressou sua opinião nas seguintes palavras: “Aqui, só se pode fazer a declaração categórica que a interpretação pós-milenista de Orígenes, Jerônimo, Agostinho, e da maior parte dos teólogos da Igreja desde então, está agora tão morta quanto a Rainha Ana, e sepultado com as mesmas honrarias.”⁴ Dr. Lewis Sperry Chafer, numa introdução ao livro do Dr. Charles Feinberg, *Premillennialism or Amillennialism?* (1936), diz: “Pós-Milenismo está morto”. Mais tarde, no entanto, ele faz uma ressalva ao dizer que ele está morto no sentido de não oferecer nenhuma voz viva em sua própria defesa quando a questão do Milênio está em pauta. Isso, no entanto, não é verdade hoje, e era uma declaração no mínimo questionável mesmo na época em que foi feita. Que essa também era a opinião do próprio Dr. Feinberg fica evidente pelo título de seu livro, e por sua quase total omissão do Pós-Milenismo.

Porém, tais declarações são, no mínimo, prematuras. Já que o Pós-Milenismo fora tão habilmente defendido por teólogos e pastores excepcionais, cujas influências perduram até o tempo presente, e já que ele ocupa um lugar tão proeminente em um número considerável de obras clássicas

⁴ Alexander Reese, *The Approaching Advent of Christ*, pg. 306

de teologia, parece bem curioso ver Pré-Milenistas tentarem relegá-lo a uma posição de mera antiguidade teológica. Não se pode deixar de perceber que, nesses casos, o desejo fala mais alto que a razão. O Dr. Warfield, que, na opinião do presente escritor, deve ser considerado, junto a Agostinho, Calvino e Charles Hodge, como um dos quatro teólogos mais notáveis de toda a história da Igreja, foi um Pós-Milenista, e a coletânea de seus escritos, reimpressa em dez grandes volumes, continua a exercer forte influência em muitos círculos teológicos. O Pós-Milenismo, assim como o próprio cristianismo, frequentemente sofreu reveses. Mas, após cada período de desprezo ou má compreensão, ele foi reafirmado com ainda mais poder e convicção. Não há dúvidas que isso ocorrerá novamente após o presente período de desprezo seguir o seu curso natural. Temos que nos lembrar que o Pré-Milenismo também estava num eclipse quase total por mil anos, entre o tempo de Agostinho até a Reforma, e que durante o período da Reforma, e por um longo período após isso, foi defendido apenas por umas pequenas seitas que eram tidas como bastante heréticas. Além do mais, o Amilenismo como sistema não foi claramente desenvolvido, nem agressivamente defendido, até tempos bem recentes. Quatro livros recentes foram escritos com base na visão pós-milenista. São eles: *An Eschatology of Victory* (1955), por J. Marcellus Kik; *Israel and the New Covenant* (1954), por Roderick Campbell; *Thy Kingdom Come* (1974), por R. J. Rushdoony; e *The Puritan Hope* (1971), por Iain Murray (Inglaterra). cremos que o verdadeiro sistema escatológico pode ser construído apenas sobre o fundamento do Pós-Milenismo, e que um estudo cuidadoso da Escritura estabelecerá esse fato.

Entre os Amilenistas, encontramos um número considerável de homens hábeis, quase todos nos tempos recentes: Dr. Louis Berkhof, *Teologia Sistemática* (1941, trad. 1990); Dr. Geerhardus Vos, *The Pauline Eschatology* (1930); Dr. Albertus Pieters, *Studies In The Revelation of St. John* (1937), e *The Seed of Abraham* (1950); Professor Floyd E. Hamilton, *The Basis of Millennial Faith* (1942); Dr. George L. Murray, *Millennial Studies* (1948); Dr. William H. Rutgers, *Premillennialism in America* (1930); Dr. Abraham Kuyper, *Chiliasm or the Doctrine of Premillennialism* (panfleto); Dr. Martin J. Wyngaarden, *The Future of the Kingdom* (1934); Dr. William Hendriksen, *Mais que Vencedores* (1939, trad. 2001); Dr. William Masselink, *Why Thousand Years?*; Rev. William J. Grier, *The Momentous Event* (1945); e Prof. Everett I. Carver, *When Jesus Comes Again* (1979). Entre estas obras, o presente escritor considerou os livros por Pieters, Hamilton e Carver especialmente úteis.

Escritores notáveis da visão Pré-Milenista Histórica incluem: Rev. Alexander Reese, *The Approaching Advent of Christ* (1937); Dean Alford, *The Greek Testament* (1874); Dr. Nathaniel West, *The Thousand Years in Both Testaments* (1880); Dr. E. B. Elliott, *Horae Apocalypticae* (4 vols., 5ª ed., 1862); Dr. H. Grattan Guinness, *The Approaching End of the Age* (1880); Dr. S. G. Kellogg, *The Jews, or Prediction and Fulfillment* (1883); Dr. Henry W. Frost, *The Second Coming of Christ* (1934); e Dr. George E. Ladd, *Questões Cruciais Sobre o Reino de Deus* (1952, trad. 2024), e *Esperança Abençoada* (1956, trad. 2016).

Escritores dispensacionalistas notáveis incluem: John N. Darby, *Synopsis of the Books of the Bible* (5 vols.), e outros escritos; Dr. C. I. Scofield, *A Bíblia de Referência Scofield* (1909, rev. em 1967, trad. 1995); Dr. William E. Blackstone,

Jesus is Coming (1878, rev. em 1908); Dr. Jesse F. Silver, *The Lord's Return* (1914); Rev. James M. Brookes, *Maranatha* (1870); Dr. James M. Gray, *Prophecy and the Lord's Return* (1917); Dr. Arno C. Gaebelein, *The Return of the Lord* (1925); Dr. Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology* (1948); Dr. Charles L. Feinberg, *Premillennialism or Amillennialism?* (1936, rev. em 1954); Dr. John F. Walvoord, *O Arrebatamento* (1957, trad. 2021); e Dr. J. Dwight Pentecost, *Manual de Escatologia* (1958, trad. 2006).

Há também outros escritores que abordaram aspectos específicos da Segunda Vinda como, por exemplo, o Dr. Oswald T. Allis, cuja obra valiosa, *Prophecy and the Church* [Profecia e A Igreja], lida especificamente com a visão dispensacionalista. Dr. Allis foi um 'anti-quiliasta', mas não deve ser classificado, especificamente, como sendo pós- ou amilenista⁵.

⁵ Outros teólogos, por vezes, consideram Oswald T. Allis como sendo pós-milenista (p. ex. R. C. Sproul em *Os Últimos Dias Segundo Jesus*, pg. 161, e Gary North em *Rapture Fever*, pg. 25) [N. T.]

Capítulo III

DECLARAÇÃO DE DOUTRINA

Definimos o Pós-Milenismo como a visão das últimas coisas que defende que o Reino de Deus está, no presente, sendo expandido no mundo através da pregação do Evangelho e da obra salvífica do Espírito Santo nos corações de indivíduos, que o mundo, por fim, será cristianizado, e que a Segunda Vinda de Cristo acontecerá no encerramento de um longo período de justiça comumente chamado de “O Milênio”. Deve-se acrescentar aos princípios pós-milenistas que a Segunda Vinda de Cristo será imediatamente seguida pela ressurreição geral, o julgamento geral, e a introdução do céu e do inferno em sua plenitude.

O Milênio que os pós-milenistas aguardam é, portanto, uma era dourada de prosperidade espiritual durante a presente dispensação, isto é, a era da Igreja, e há de ser inaugurado através de forças que estão presentemente ativas no mundo. É um período de tempo indefinidamente longo, talvez até mais longo que mil anos literais. O caráter mudado de indivíduos há de ser refletido através de uma renovada vida social, econômica, política e cultural da humanidade. O mundo no geral desfrutará, então, de um estado de justiça que, no presente, fora apenas visto em grupos relativamente pequenos e isolados, como, por exemplo, alguns círculos familiares, grupos de igrejas locais e outras organizações de natureza semelhante.

Isso não significa que haverá um tempo nessa terra em que cada pessoa será um cristão regenerado, ou que todo o pecado será abolido. Porém, significa que o mal, em suas muitas formas, será reduzido a proporções insignificantes,

que princípios cristãos serão a regra e não a exceção, e que Cristo voltará a um mundo verdadeiramente cristianizado.

Além disso, o Pós-Milenismo defende que a proclamação universal do Evangelho e a conversão absoluta de uma grande maioria dos homens em todas as nações durante a presente dispensação foi a ordem, o significado e a promessa explícitas da Grande Comissão dada pelo próprio Cristo: “E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação do mundo. Amém.” (Mateus 28:18-20).

Cremos que a Grande Comissão inclui não apenas o anúncio formal e externo do Evangelho pregado como um “testemunho” às nações, como pré-milenistas e amilenistas defendem, mas sim a verdadeira e eficaz evangelização de todas as nações, para que assim os corações e as vidas das pessoas sejam transformados por ele. Isso parece ficar bem claro a partir do fato que *toda a autoridade* no céu e na terra e um mandato de conquista de ilimitada extensão foram entregues a Cristo e, por meio dEle, aos seus discípulos especificamente com esse propósito. Os discípulos foram ordenados não meramente a pregar, mas a *fazer discípulos de todas as nações*. Não foi para um experimento improvável que eles foram chamados, mas para o triunfo certo. A pregação do Evangelho sob a direção do Espírito Santo e durante esta dispensação é, assim, o meio todo-suficiente para cumprir este propósito.

Devemos reconhecer que a Igreja durante os últimos dezenove séculos tem sido extremamente negligente em seu

dever, e que a gritante necessidade de nosso tempo é que ela leve a sério sua tarefa designada. Em vez de discussões sobre problemas sociais, econômicos e políticos, resenhas de livros e frases de efeito descontraídas nos púlpitos, a necessidade que temos é de sermões com real conteúdo do Evangelho, elaborados para mudar vidas e salvar almas. A acusação de negligência, é claro, não se aplica apenas aos ministros, mas também aos leigos. Cada cristão individual é chamado a pregar o Evangelho e mostrar sua fé por meio de seu testemunho pessoal, ou através da distribuição da palavra impressa, ou através do uso generoso e eficaz de seu tempo e dinheiro para fins cristãos. Cristo ordenou a evangelização do mundo. Esta é a nossa tarefa. Certamente Ele não irá – e de fato não poderá – voltar à terra e dizer à Sua Igreja, “Muito bem, servo bom e fiel”, até que a tarefa tenha sido cumprida. O Rev. J. Marcellus Kik disse:

O fato de que ainda exista um remanescente de paganismo e papismo no mundo é, principalmente, culpa da Igreja. A Palavra de Deus é tão poderosa em nossa geração quanto foi durante a história primitiva da Igreja. O poder do Evangelho é tão forte neste século quanto nos dias da Reforma. Estes inimigos poderiam ser totalmente aniquilados se os cristãos de nossos dias e de nossa época fossem tão vigorosos, tão corajosos, tão diligentes, tão dedicados à oração e tão fieis quanto os cristãos foram nos primeiros muitos séculos [da Era Cristã] e no tempo da Reforma⁶

Em contraste a essa visão, o Pré-Milenismo defende que o mundo não será convertido nesta dispensação e que é, de fato, ilusório esperar pela sua conversão antes da volta de

⁶ J. Marcellus Kik, *An Eschatology of Victory*, pg. 250

Cristo. Em vez disso, ele defende que o mundo está ficando cada vez pior, que a presente era há de terminar numa grande apostasia e rebelião, que terá seu clímax no reinado do Anticristo e na batalha do Armagedom, quando então Cristo virá com repentino e sobrepujante poder para resgatar Seu povo, destruir Seus inimigos, e estabelecer um reino terreno de mil anos com capital em Jerusalém. Muitos parecem estar convencidos de que vivemos agora nos últimos estágios da apostasia laodiceana, e que o fim está muito próximo. Dessa forma, o Pré-Milenismo não tem esperança no poder do Evangelho para cristianizar o mundo e, em vez disso, afirma que ele deve ser pregado apenas como um testemunho. Ao passo que o Pós-Milenismo defende que a vinda de Cristo encerra a presente era, sendo seguida do estado eterno, o Pré-Milenismo defende que a Sua vinda há de ser seguida por outra dispensação, o Milênio, ou a era do Reino, e que a ressurreição e o juízo finais não ocorrerão até que se passem mil anos. Tem sido, também, uma doutrina padrão do Pré-Milenismo que, em cada era, a vinda de Cristo está “próxima” ou “iminente”, apesar do fato que cada geração de pré-milenistas desde o primeiro século até o presente estivera errada em relação a isso.

O Pré-Milenismo, em sua forma dispensacionalista, divide a Segunda Vinda de Cristo em duas partes: (1) o Arrebatamento, ou Sua vinda “para” Seus santos, quando os justos mortos de todas as eras serão ressuscitados na “primeira ressurreição”, os justos vivos transformados, e ambos os grupos arrebatados para encontrar o Senhor nos ares; (2) a Revelação, que ocorre sete anos depois, no fim da Grande Tribulação, quando Cristo retorna à terra “com” Seus santos, sobrepuja o Anticristo, derrota e esmaga todos os seus inimigos, ressuscita os justos que morreram ou

foram mortos durante a Grande Tribulação, e estabelece Seu Reino nesta terra. Ao fim do Milênio, os mortos iníquos são ressuscitados numa ressurreição final, e isto, por sua vez, é seguido pelo seu juízo e pela inauguração do estado eterno. O Milênio no qual o Pré-Milenista crê é, dessa forma, um governo direto e pessoal de Cristo sobre esta terra.

O Amilenismo também difere do Pós-Milenismo ao sustentar que o mundo não será cristianizado antes do fim e que, de fato, continuará como é atualmente, com um desenvolvimento paralelo e contínuo tanto do bem quanto do mal, do Reino de Deus e do Reino de Satanás. Ele concorda com o Pós-Milenismo, no entanto, em afirmar que Cristo não estabelece um reino político terreno, e que a Sua vinda é seguida por uma ressurreição geral e pelo juízo final. Pós- e amilenistas, dessa forma, concordam que o Reino de Deus neste mundo não é político e econômico, mas espiritual, e presente agora nos corações de Seu povo e manifesto exteriormente através da Igreja.

O Amilenismo, como o termo implica, não crê em Milênio algum. Alguns amilenistas aplicam o termo para a era cristã inteira entre o primeiro e o segundo adventos de Cristo⁷. Alguns aplicam a uma era relativamente cristã e pacífica, como aquela que a Igreja desfrutou após a amarga perseguição dos três primeiros séculos, por volta do tempo em que o Imperador Constantino fez do Cristianismo a religião favorecida do Império Romano. Alguns aplicam ao estado intermediário. A posição adotada pelos amilenistas não necessariamente os impedem de crer que o mundo pode

⁷ Tal visão do Milênio também é sustentada por alguns pós-milenistas modernos, porém afirmando o triunfo final e global do Evangelho antes do fim (Cf. David Chilton, *Paraíso Restaurado*, pg. 164). [N. T.]

ser cristianizado antes do fim, mas a maioria deles não crê nisso. Em vez disso, eles preferem dizer que provavelmente não haverá muita mudança em relação ao que vemos no presente⁸. Para apoiar essa ideia, eles citam a parábola do trigo e do joio, na qual ambos crescem juntos até a colheita. Historicamente, o ímpeto principal do Amilenismo foi muito mais fortemente direcionado contra o Pré-Milenismo do que contra o Pós-Milenismo, uma vez que este interpreta Apocalipse 20 simbolicamente e não crê que Cristo reinará pessoalmente num reino terreno.

Devemos lembrar, no entanto, que, enquanto pós-, a- e pré-milenistas diferem com relação à maneira e ao tempo da vinda de Cristo, isto é, aos eventos que precedem ou seguem Sua vinda, eles concordam em relação ao *fato* de que Ele retornará pessoalmente e visivelmente e em grande glória. Todas estas posições almejam a “bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo” (Tito 2:13). Todas reconhecem a declaração de Paulo que “o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus” (1 Ts. 4:16). O retorno de Cristo é ensinado tão clara e repetidamente na Escritura que não pode haver questionamento algum por parte daqueles que aceitam a Bíblia como a palavra de Deus. Elas também concordam que, em Sua vinda, Ele ressuscitará os mortos, executará o julgamento, e por fim instituirá o estado eterno. Nenhuma destas visões possui qualquer tipo de tendência inerentemente liberalizante. Portanto, os

⁸ Muitos amilenistas, atualmente, defendem que, na realidade, haverá uma piora gradativa nas condições do mundo, culminando num período de tribulação global (Cf. R. C. Sproul, *Os Últimos Dias Segundo Jesus*, pp. 158-159) [N. T.]

pontos nos quais concordam são muito mais importantes do que aqueles nos quais elas divergem entre si. Esse fato deve permitir com que os cristãos que as adotam cooperem como evangélicos e se apresentem como uma frente unificada contra modernistas e liberais que, de forma mais ou menos consistente, negam o sobrenatural em todo o testemunho da verdade bíblica.

Capítulo IV

TERMINOLOGIA INADEQUADA

Uma dificuldade que constantemente enfrentamos nessa discussão é a de uma terminologia inadequada. O uso dos prefixos “pré-” e “pós-”, juntos a “milenista”, é, até certo ponto, infeliz e enganoso, uma vez que a distinção vai muito além de meramente ser entre “antes” ou “depois”. O Milênio esperado pelos pré-milenistas é algo bem diferente do que é esperado pelos pós-milenistas, não apenas com relação ao tempo e à maneira em que ele será estabelecido, mas, primariamente, com relação à natureza do Reino e a forma na qual Cristo exerce seu controle.

O pós-milenista aguarda uma era dourada que não será essencialmente diferente de nossa própria no que tange aos aspectos básicos da vida humana. A presente era, de forma gradual, dará lugar à era milenar à medida que uma parcela cada vez maior dos habitantes do mundo se converter ao cristianismo. Casamentos e a vida familiar continuarão, e novos membros serão introduzidos à raça humana através do processo natural de nascimento, assim como no presente. O pecado não será eliminado, mas será reduzido a um nível mínimo, à medida que o ambiente moral e espiritual da terra se torna predominantemente cristão. Problemas sociais, econômicos e educacionais ainda existirão, mas com suas características desagradáveis eliminadas em sua maior parte, e com os aspectos desejáveis de cada uma destas esferas da sociedade se tornando cada vez mais nítidos. Princípios cristãos de vida e conduta serão os padrões aceitos. A vida durante o Milênio se comparará com a vida no mundo atual da mesma forma que a vida numa comunidade cristã se compara à de comunidade pagã ou irreligiosa. A Igreja,

sendo bem mais zelosa em seu testemunho da verdade e muito mais influente na vida das pessoas, continuará a ser então, como é agora, a manifestação exterior e visível do Reino de Deus na terra, e com ainda mais intensidade. E o Milênio será encerrado com a segunda vinda de Cristo, a ressurreição e o juízo final. Em sua, pós-milenistas pregam sobre um Reino espiritual nos corações dos homens.

Por outro lado, o Milênio esperado pelos pré-milenistas envolve um reinado pessoal e visível de Cristo como Rei em Jerusalém. O Reino será estabelecido não pela conversão de almas individuais por um longo período de tempo, mas repentinamente e com poder sobrepujante. Os judeus hão de ser convertidos não como indivíduos, juntamente com outros grupos da população, mas repentinamente e *em massa*, através da mera visão do Cristo glorificado, e deverão se tornar os principais governantes do novo Reino. A natureza compartilhará das bênçãos do Milênio e se tornará abundantemente produtiva, e até mesmo a ferocidade dos animais selvagens será domada. O mal, no entanto, não cessará de existir, nem é necessariamente reduzido em quantidade, apenas contido pelo governo de Cristo com vara de ferro e, ao fim do Milênio, eclode em uma terrível rebelião que completamente sobrepuja os santos e a cidade santa. Durante o Milênio, os santos em corpos glorificados convivem livremente com seres humanos que ainda estão em carne. Este último elemento, em particular, parece a nós uma inconsistência – um reino híbrido, a nova terra e a humanidade glorificada e sem pecado convivendo com a velha terra e a humanidade pecaminosa; Cristo e os santos em corpos de ressurreição imortais vivendo em um mundo que ainda contém muito do pecado e em meio a cenas de morte e de degradação. Trazer Cristo e os santos para viver

novamente no ambiente pecaminoso deste mundo pareceria o equivalente a introduzir pecado no céu. Como o amilenista William J. Grier observou, tal estado seria um “mixtum gatherum”⁹.

Amilenistas, é claro, rejeitam ambas concepções pós- e pré-milenistas, e geralmente se contentam em afirmar que não haverá Milênio em nenhum dos sentidos da palavra.

Estes termos são, portanto, um tanto quanto imprecisos e enganosos. Por essa razão, alguns teólogos hesitam em se rotular como pós-, a- ou pré-milenistas. Mas não há termos mais apropriados disponíveis. Estes termos servem, ao menos, para distinguir entre as diferentes escolas de pensamento, e seu sentido é geralmente compreendido.

Mas, enquanto as três escolas diferem com relação ao sentido da palavra “milênio”, isso não implica que a palavra em si não possua um significado real, nem que as distinções entre os sistemas sejam imaginárias ou insignificantes. Pelo contrário: na realidade, estes sistemas representam visões altamente divergentes entre si com relação a este assunto muito importante, o qual possui consequências profundas e abrangentes, como veremos.

Uma terminologia mais ampla, e talvez mais precisa, foi sugerida por alguns – a de Quiliastas e Anti-Quiliastas. Quiliastas incluiriam, então, pré-milenistas históricos e dispensacionalistas, enquanto anti-quiliastas incluiriam pós- e amilenistas, sem fazer ser necessário escolher entre um destes dois.

Ademais, o fato de que alguns dentre os que se designam amilenistas defendem que a presente era da Igreja constitui

⁹ Lit., do latim, ajuntamento misto ou heterogêneo [N. T.]

o Milênio e que Cristo virá ao findar da era da Igreja parece fazê-los pós-milenistas. Mas, já que o ensino primário da visão pós-milenista, conforme geralmente compreendida, é que a vinda de Cristo ocorrerá em seguida a uma era dourada de justiça e paz, aqueles que veem toda a história da Igreja como sendo o Milênio não são comumente chamados de pós-milenistas.

Capítulo V

UM MUNDO OU RAÇA REDIMIDA¹⁰

Nos princípios pós-milenistas, uma forte ênfase é posta na universalidade da obra de redenção de Cristo, e mantém-se uma esperança da conversão e redenção de um número incrivelmente grande da raça humana. Já que foi o mundo, ou a raça humana, que sofreu a queda com Adão, foi o mundo, ou a raça, o objeto da redenção de Cristo. Isso não significa que todos os indivíduos serão salvos, mas que a raça humana, como uma raça, será salva. Jeová não é uma mera divindade tribal, mas é descrito como o “Senhor de toda a terra”, um “Rei grande sobre toda a terra” (Salmo 97:5, 47:2). A salvação que Ele tem em vista não pode ser limitada a um pequeno grupo seletivo ou a uns poucos favorecidos. O Evangelho, as boas notícias da redenção não foram meramente notícias locais para algumas poucas aldeias na Palestina, mas uma mensagem mundial; e o abundante e contínuo testemunho da Escritura é que o reino de Deus há de *preencher* a terra: “de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra” (Zacarias 9:10).

Logo no início do Antigo Testamento, temos a promessa que “toda a terra se encherá da glória de Jeová” (Números 14:21, TB)¹¹; e Isaías repete a promessa de que toda carne verá a glória de Jeová (40:5, TB). Isaías fala sobre a “luz para os gentios” posta para “salvação até aos confins da terra”

¹⁰ Parte do material deste e dos capítulos 6 e 7 é proveniente de outro livro do presente escritor, *The Reformed Doctrine of Predestination*, pp. 130-143

¹¹ O autor original faz citações bíblicas a partir da *American Standard Version*, que verte o Tetragrama como ‘Jeová’ [N. T.]

(Isaías 49:6; Atos 13:47, ARA). Joel fez a afirmação clara que, nos dias vindouros de bênção, o Espírito Santo, até então dado apenas a Israel, seria derramado sobre toda terra: “E há de ser que, depois”, disse o Senhor através de Seu profeta, “derramarei o meu Espírito sobre toda a carne” (2:28); e Pedro aplicou esta profecia ao derramamento que começou em Pentecostes – “Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel...” (Atos 2:16f).

Nada poderia exceder a clareza, assertividade e precisão com a qual a conversão das nações é anunciada nos Salmos:

“Todas as nações que fizeste virão diante de ti, Senhor,
se prostrarão e glorificarão o teu nome.” (Salmo 86:9, TB)

“Lembrar-se-ão e converter-se-ão a Jeová todos os confins
da terra;
adorarão perante ti todas as famílias das nações.”
(Salmo 22:27, TB)

“Pede-me, que te darei as nações por tua herança
e as extremidades da terra, por tua possessão.”
(Salmo 2:8, TB)

O Salmo 47 canta sobre a soberania de Deus, e seu domínio sobre as nações:

“Pois Jeová Altíssimo é terrível;
é grande Rei sobre toda a terra.
Ele nos submeteu os povos a nós,
e as nações, debaixo dos nossos pés...
Pois Deus é o Rei de toda a terra;
cantai louvores com canto harmonioso.
Deus reina sobre as nações;
Deus está sentado sobre o seu santo trono.”
(Salmo 47:2-3, 7-8, TB)

Provavelmente, em nenhum outro lugar da Escritura o reino universal de Cristo é declarado mais fortemente que no Salmo Messiânico 72:

“Floresça em seus dias o justo,
e abundância de paz, até que não haja mais lua.
Domine ele também de mar a mar
e desde o rio, até os confins da terra.
Curvem-se diante dele os que habitam no deserto,
e lambam o pó os seus inimigos.
Paguem tributo os reis de Társis e das ilhas;
ofereçam donativos os reis de Sabá e de Sebá.
Prostrem-se diante dele todos os reis,
sirvam-no todas as nações...
Nele, se bendigam todas as nações e proclamem feliz...
Encha-se da sua glória a terra toda!”
(Salmo 72:7-11, 17, 19, TB)

“Todas as nações que fizeste virão diante de ti, Senhor, se prostrarão e glorificarão o teu nome.” (Salmo 86:9)

“Diz Jeová ao meu Senhor: Senta-te à minha mão direita,
até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.” (Salmo 110:1)

Damos uma atenção especial ao fato que este último verso do Salmo 110 implica que Cristo deve conquistar a tudo. A posição da destra é a posição de poder e influência. Esta conquista está agora em processo de realização, à medida que Ele avança contra Seus inimigos. Seu reinado mediador a partir da destra de Deus deve continuar até que todos os Seus inimigos sejam subjugados. No Novo Testamento, o próprio Cristo citou este versículo para provar Sua divindade (Lucas 20:42-43). Pedro também citou este versículo (Atos 2:34-35) para provar que o que

aconteceu em Pentecostes era o cumprimento de Salmos 110:1. Ele viu o cumprimento, então, não como um ato cataclísmico vindo no dia do juízo, mas no derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja durante a presente era. Este processo deve continuar até que todos os inimigos de Cristo sejam postos debaixo de Seus pés, para que assim Ele reine por toda a terra.

Não há confusão no sentido destas declarações encontrada nos Salmos. Elas são tão claras e assertivas quanto as falas dos mais enérgicos defensores de missões internacionais neste século XX. Porém, elas vêm do tempo de Davi, e diretamente de sua pena em sua maioria. Através de suas palavras, o Espírito Santo, por vinte e nove séculos, tem dado testemunho de que a Igreja visível de Deus está destinada a abranger todas as nações que Ele criou em toda a face da terra. Está chegando um tempo em que elas reconhecerão o Senhor como o seu Rei. Elas se esqueceram dEle por muito tempo, mas um dia reconhecerão Suas declarações e se tornarão a Ele, até mesmo nos extremos da terra. Assim diz o Rev. Kik:

O conceito Pactual de ‘todas as nações sendo benditas’ é trazido à tona na poesia do Saltério. Os compositores do Livro de Louvor do Antigo Testamento esperavam o triunfo da Igreja na terra. Não há melhores hinos missionários que aqueles contidos nos Salmos. Um dos fatores que contribuem para o pessimismo, a melancolia, o derrotismo do presente na Igreja é a omissão dos Salmos nos hinários.¹²

¹² J. Marcellus Kik, *An Eschatology of Victory*, p. 22

Em Isaías 2:2-3 lemos: “Sucederá, nos dias vindouros, que o monte da Casa de Jeová será estabelecido no cume dos montes e será exaltado sobre os outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. Irão muitos povos e dirão: Vinde e subamos ao monte de Jeová, à Casa do Deus de Jacó; dê-nos ele a lição dos seus caminhos, e andaremos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra de Jeová.” (TB). No livro de Hebreus, o “Monte Sião”, o monte santo de Deus, é espiritualizado para significar a Igreja (12:22). Dessa forma, esta profecia deve indicar que a Igreja, tendo atingido tal posição ao ponto de se destacar como uma montanha numa planície, será proeminente e influente em todos os assuntos do mundo.

Ezequiel nos dá o retrato do crescente fluir das águas purificadoras que saem por debaixo do umbral do templo; águas as quais, a princípio, batiam nos tornozelos, então nos joelhos, então nos lombos, e, por fim, se tornavam um grande rio, águas que não podiam ser atravessadas (47:1-5). A interpretação de Daniel do sonho do Rei Nabucodonosor ensinou a mesma verdade. O rei viu uma grande estátua, com partes diferentes feitas de ouro, prata, bronze, ferro e barro. Então ele viu uma pedra que foi cortada sem o auxílio de mãos, pedra que feriu a estátua de tal forma que o ouro, a prata, o bronze, o ferro e o barro foram levados pelo vento como a palha das eiras no verão. Estes vários elementos representavam grandes impérios mundiais que haveriam de ser partidos em pedaços e completamente destruídos, enquanto a pedra cortada sem o auxílio de mãos, por sua vez, representava um reino espiritual que o próprio Deus estabeleceria e que, figuradamente, se tornaria uma grande montanha e *preencheria toda terra*: “Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais

destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre.” (Daniel 2:44). A interpretação geralmente aceita do sonho é que as quatro partes da imagem representavam quatro impérios sucessivos: o Império Babilônico, o Medo-Persa, o Macedônico, de Alexandre o Grande, e o Romano. À luz do Novo Testamento, vemos que o reino final, representado pela pedra cortada sem o auxílio de mãos, foi aquele que Cristo estabeleceu, o qual de fato foi estabelecido enquanto o Império Romano ainda existia. A Igreja, uma instituição de origem não humana, mas divina, e, portanto, descrita como “cortada sem auxílio de mão”, estava destinada a sobreviver a e despedaçar todos os reinos anticristãos, isto é, convertê-los e transformá-los, e assim, figuradamente, se tornar uma grande montanha e preencher toda a terra, de tão proeminente que será em cada fase da vida humana.

Na visão de Daniel, registrada no capítulo 7, a besta travou guerra contra os santos e prevaleceu contra eles por um tempo, mas “chegou o tempo em que os santos possuíram o reino” (Daniel 7: 22).

Jeremias entrega a promessa de que viria o tempo em que não seria mais necessário um homem dizer ao seu irmão ou ao seu vizinho “Conhece a Jeová”; “porque todos me conhecerão desde o menor até o maior deles” (Jeremias 31:34, TB). O último livro do Antigo testamento contém uma promessa que “desde o nascente do sol até o poente do mesmo, é grande entre os gentios o meu nome... diz Jeová dos Exércitos” (Malaquias 1:11, TB)

No Novo Testamento, encontramos o mesmo ensino claro. No Concílio de Jerusalém, Tiago cita a profecia de Amós 9:11-12, que viriam dias em que Deus derramaria

bênção espirituais em Seu povo “para que possuam o restante de Edom, e todos os gentios que são chamados pelo meu nome” – Edom aqui sendo tomado como um representante dos inimigos de Jeová; e Tiago, falando por inspiração e citando esta profecia, dá-lhe uma interpretação mais ampla, dizendo que “o restante dos homens” e “todos os gentios” hão de ‘buscar o Senhor’ (Atos 15:17). Isso claramente implica na conversão mundial das nações.

O Novo Testamento põe uma forte ênfase no fato de que o *mundo* é o objeto da redenção de Cristo. “E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.” (1 João 2:2). “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” (João 3:16-17). “O Pai enviou seu Filho para Salvador do mundo.” (1 João 4:14). “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.” (João 1:29). “Nós mesmos o temos ouvido, e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo.” (João 4:42). “Eu sou a luz do mundo” (João 8:12). “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Coríntios 5:19).

A parábola do fermento ensina a extensão e triunfo universais do Evangelho, e declara, além disso, que isto é alcançado através do desenvolvimento gradual do Reino, e não através de uma repentina e cataclísmica explosão. Nela, somos ensinados que “O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado” (Mateus 13:33). O Reino dos céus, assim como o fermento, transforma tudo aquilo que toca. Toda a massa foi transformada pelo seu

contato com o fermento. Similarmente, Cristo ensina que a sociedade será transformada pelo Reino dos céus, e o resultado será um mundo cristianizado. Pré-milenistas não podem admitir isso. Fazê-lo seria contradizer todo o seu sistema. Dessa forma, eles procuram outro sentido e, onde Cristo diz que *o Reino dos céus é como o fermento*, eles dizem que o fermento não é um símbolo do Reino dos céus, mas do mal. J. S. Silver, um dos seus escritores representativos, diz: “Literalmente, denota pecado, portanto aqui implica em apostasia”¹³. E outro escritor representativo, W. E. Blackstone, diz: “Cremos que o fermento na parábola de Mateus 13 representa... as falsas doutrinas que entraram sorrateiramente e impregnaram a igreja professante de tal forma que ela, em sua maior parte, tornou-se meramente formal e nominal”¹⁴. Ficamos perplexos ao tentar compreender como alguém que professa tomar as palavras da Bíblia ao pé da letra, especialmente quem deposita grande ênfase na interpretação literal, pode deliberadamente contradizer as palavras ditas de forma tão clara e inequívoca por Cristo e fazê-las significar o diametral oposto, neste caso, falsa doutrina. Qualquer pessoa que possa alterar o sentido da Escritura pode fazer com que ela diga o que quer que lhe agrade. De acordo com essa interpretação, devemos, com efeito, entender Cristo como dizendo que “O reino dos céus é como uma influência maligna que leva todo o mundo a um estado de apostasia.” Isso é um exemplo do extremo para o qual alguns são capazes de ir, a interpretação forçada para a qual eles chegam a recorrer, para defender uma teoria.

¹³ J. S. Silver, *The Lord's Return*, pg. 247

¹⁴ W. E. Blackstone, *Jesus Is Coming*, p. 95

Eles nunca chegariam a um significado como esse se não estivessem tentando evitar as implicações claras da parábola.

Pré-milenistas se agarram nas palavras de Jesus em Mateus 24:14 “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim.”, como uma prova de sua doutrina que o evangelho deve ser pregado apenas como um “testemunho” e, portanto, não tem a intenção de converter o mundo. Este versículo em si pode não ser decisivo em relação ao propósito e o efeito de tal pregação. No entanto, definitivamente não foi esse o caso quando Cristo deu a Grande Comissão aos discípulos. Ele disse: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.” (Mateus 28:18-20, ARA).

Aqui nos é dito que “toda autoridade” no céu e na terra foi dada a Cristo para a realização desta obra. Comentando neste ponto, Dr. Snowden diz: “Toda autoridade inclui todo poder de toda a espécie que é aplicável a essa tarefa. Jesus Cristo nunca poderá ter ainda mais poder do que Ele tem agora, porque Ele já possui todo poder que há. Pré-milenistas depositam sua confiança em alguma ‘vara de ferro’ com a qual Cristo irá ‘esmagar toda oposição’ quando Ele vir, mas Cristo já possui agora toda onipotência e a emprega para a presente obra da pregação do evangelho para a conversão do mundo.” Ele acrescenta: “A palavra grega traduzida como ‘faizei discípulos de’ é forte, e significa não meramente ‘pregar’ ou ‘evangelizar’, mas converter em discípulos... Temos nesta comissão o ensino explícito e inescapável de que o evangelho deve ser pregado não apenas

para ‘evangelizar’ ou ‘como um testemunho’, mas para a obra mais profunda de conversão... Essas nações devem ser convertidas em discípulos cristãos e esta obra não é concluída, mas apenas iniciada quando são ‘evangelizadas’, ou simplesmente têm o evangelho pregado a elas. Jesus aqui fala em termos mundiais, e aqui está a esplêndida universalidade de Seu evangelho... Pré-milenistas dizem que o Cristo Rei está ausente e nos falam das grandes coisas que ele fará quando Ele vier novamente. Porém, o próprio Cristo nos garante que Ele estará presente, e está agora mesmo conosco, em nosso trabalho [em prol do Reino]... Reduzir esta grande comissão ao programa pré-milenarista de pregar o evangelho como um testemunho para um mundo que ficará cada vez pior, até se precipitar rumo à sua condenação final na destruição, é emascular o evangelho de Cristo e desvanecê-lo a um estado de lamentável fragilidade. Não, o evangelho é o poder de Deus para a salvação e Jesus Cristo, marchando na grandeza de Sua força, envia-nos, não para cumprir uma obrigação vazia de declarar uma mensagem que se desfará no ar em um mundo obstinado e hostil, reunindo apenas alguns poucos dentro de suas inumeráveis multidões e consignando a vasta maioria à destruição, mas ele nos envia para ‘fazer discípulos de todas as nações’ e, portanto, ganhar o próprio mundo em si”.¹⁵

Cremos que, verdadeiramente, a obra redentora de Cristo tem como alvo o povo de todo o mundo e que o Seu Reino há de se tornar universal. E, já que não nos é dito por quanto tempo a terra durará após este objetivo ser alcançado, podemos ter a expectativa de uma grande ‘era dourada’ de prosperidade espiritual que continuará por

¹⁵ James H. Snowden, *The Coming of the Lord*, pp. 98-103

PÓS-MILENISMO

séculos, ou talvez até mesmo por milênios, durante a qual o cristianismo será triunfante sobre toda a terra, e a grande proporção até mesmo de adultos será salva. Acreditamos, então, que o número de redimidos aumentará até que supere sobremaneira o de perdidos.

Capítulo VI

A IMENSIDÃO DA MULTIDÃO DOS REMIDOS

O escritor do Apocalipse diz: “Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma grande multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro” (Apocalipse 7:9-10). Deus escolheu redimir incontáveis milhões em meio à raça humana. Não nos foi informada a proporção da humanidade que foi incluída em Seus propósitos de misericórdia, mas, em vista dos futuros dias de prosperidade que foram prometidos à Igreja, pode ser inferido que grande parte desta será contada entre os redimidos. Assumindo que aqueles que morrem na infância são salvos, como a maioria das igrejas têm ensinado e a maior parte dos teólogos têm crido, a maior proporção da raça humana já foi salva.

Em Apocalipse 19:11-21, temos uma visão que descreve em linguagem figurada o conflito duradouro entre as forças do bem e as forças do mal no mundo, com sua promessa de vitória completa. Lemos:

E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça. E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão ele mesmo. E estava vestido de uma veste tingida em sangue; e o nome pelo qual se chama é A Palavra de Deus. E seguiam-no os

exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro. E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regerá com vara de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso. E no manto e na sua coxa tem escrito este nome: REI DOS REIS, E SENHOR DOS SENHORES.

E vi um anjo que estava no sol, e clamou com grande voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, e ajuntai-vos à ceia do grande Deus; para que comais a carne dos reis, e a carne dos tribunos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que sobre eles se assentam; e a carne de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes.

E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército. E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre. E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes.

Cremos que a melhor explicação desta passagem é dada pelo Dr. Warfield. Ele diz:

A seção é aberta com uma visão da vitória do Verbo de Deus, o Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores, sobre todos os Seus inimigos. Vemos Ele vir dos céus cingido para batalha, seguido pelos exércitos celestiais; as aves nos ares são convocadas para o banquete de cadáveres que será preparado para elas; os exércitos do inimigo – as bestas e os reis da terra – estão reunidos contra ele e são totalmente

destruídos; e ‘todas as aves se fartaram com a carne deles.’ O que temos aqui é um retrato vívido de uma vitória completa, uma conquista total; e todas essas imagens de guerra e batalha são empregadas para dar-lhe vida. Esse é o símbolo. O que é simbolizado, obviamente, é a vitória completa do Filho de Deus sobre todas as hostes da iniquidade. Apenas um único indício dessa significação é fornecido pela linguagem da descrição, mas isso é o bastante. Em duas ocasiões, somos cuidadosamente informados que a espada pela qual a vitória é alcançada procede *da boca* do conquistador (versículos 15 e 21). Portanto, não devemos pensar, como lemos, em uma guerra literal ou um combate físico; a conquista é alcançada através da palavra falada – em suma, pela pregação do Evangelho. Por fim, temos diante de nós um retrato da carreira vitoriosa do Evangelho de Cristo no mundo. Todo o simbolismo de uma batalha terrível e seus horrendos detalhes existe apenas para nos dar a compreensão da completude da vitória. O Evangelho de Cristo deve conquistar a terra; Ele deve vencer todos os Seus inimigos...

Com efeito, o que temos aqui é um retrato de todo o período entre o primeiro e o segundo adventos, vistos do ponto de vista do céu. É o período de vitória progressiva do Filho de Deus sobre o mundo, enfatizando, em harmonia com sua posição ao fim do livro, a totalidade da vitória. É o undécimo capítulo de Romanos e o décimo-quinto capítulo de 1 Coríntios de forma simbólica – exceto pelo fato que, talvez, a totalidade do triunfo do Evangelho é possivelmente enfatizada em um nível maior aqui...

Tão enfaticamente quanto Paulo, João ensina que a história terrena da igreja não é uma história meramente de conflito contra o mal, mas da conquista deste: e até mais ricamente que Paulo, João ensina que essa conquista será decisiva e

completa. O significado da visão como um todo é que Cristo Jesus avança não meramente para a guerra, mas para a vitória; e cada detalhe desse retrato é posto precisamente com a intenção de enfatizar a perfeição dessa vitória. O Evangelho de Cristo há de, conforme João testemunha, completamente conquistar o mundo. Ele não diz nada, não mais do que Paulo diz, sobre o período de duração desse mundo conquistado. Se o juízo final e o reino consumado devem se seguir imediatamente após sua conquista – suas visões ficam em silêncio, assim como os ensinamentos de Paulo. No entanto, levando isso em conta, a possibilidade de uma duração estendida da terra conquistada é deixada em aberto; e, em todo caso, uma conquista da terra pelo Evangelho de Cristo que avança progressivamente implica numa era vindoura que merece, no mínimo, o adjetivo ‘dourada’¹⁶

Nós que vivemos entre a primeira e a segunda vinda de Cristo presenciamos a conquista se realizando. cremos que Apocalipse 19:11-21 é uma descrição da batalha espiritual que é travada pelos séculos, da qual, como seguidores de nosso grande Capitão, temos o privilégio de ser participantes. No versículo 14, diz-se que aqueles que seguem o Cavaleiro no cavalo branco estão “vestidos de linho fino, branco e puro.” Claramente, os eleitos de Cristo são Seus soldados. Anteriormente no mesmo capítulo, no versículo 8, é-nos dito que a Igreja, como a noiva do Cordeiro, se vestiu “de linho finíssimo, resplandecente e puro. *Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos*” (ARA). Dessa forma, os atos de justiça dos santos que, pelos séculos, constituem a Igreja, certamente têm um papel importante nessa grande

¹⁶ B. B. Warfield, *The Millenium and the Apocalypse*; reimpresso em *Biblical Doctrines*, pp. 647, 648, 662

conquista. Paulo nos dá uma compreensão da natureza dessa batalha quando ele diz: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.” (Efésios 6:11-12). Aqui aprendemos quem são os reais inimigos do reino de Cristo. Nosso conflito é revelado como não sendo primordialmente contra seres humanos malignos, mas, em vez disso, contra hostes espirituais da maldade. Aqui também aprendemos que, nessa guerra santa, os cristãos são os soldados de Cristo, e que é através de suas vitórias que a vitória dEle é obtida.

Não nos é dito por quanto tempo a conquista continua até que seja coroada com a vitória – nós propositalmente usamos a palavra “conquista”, no lugar de “conflito”, pois Cristo não está meramente combatendo o mal, mas progressivamente vencendo-o – ou por quanto tempo o mundo convertido deve aguardar pela vinda de seu Senhor. Hoje, vivemos em uma era que é relativamente ‘dourada’ em comparação com o primeiro século da era cristã. Esse progresso deve continuar até que vejamos nesta terra um cumprimento pleno da oração “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” – e o simples fato que o próprio Cristo ensinou Seus discípulos a orar dessa forma certamente indica que é uma petição que Deus deseja ouvir e atender. Quando compreendemos a visão mais ampla do misericordioso trato de Deus para com o mundo pecaminoso, percebemos que Ele não distribuiu Sua graça salvadora com uma mão mesquinha, mas que o Seu

propósito sempre foi a restauração de todo o mundo para Si mesmo.

Citamos a visão de Warfield referente a uma era dourada futura. Outro dentre os mais brilhantes teólogos da América, Jonathan Edwards, dá a seguinte exposição da visão pós-milenista:

O reino visível de Satanás será derrubado, e o reino de Cristo se erguerá em cima de suas ruínas em todo mundo habitável. A promessa feita a Abraão será realizada: que nele e em seus descendentes todas as famílias da terra serão abençoadas. Cristo se tornará o desejado de todas as nações (cf. Ag. 2:7, ARC). Nesse dia, o reino de Cristo abrangerá todas as nações, o mundo todo no sentido mais literal possível. Há muitas passagens na Bíblia que não podem ser compreendidas de outra maneira. O que pode ser mais universal que Isaías 11:9: “A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.” Em outras palavras, não há nenhuma baía nem outra parte do mar que não seja coberta de água, portanto, não haverá nenhum canto do mundo onde a humanidade não tenha conhecimento de Deus. Assim, em Isaías 45:22, é predito que os confins da terra se voltarão para Cristo e serão salvos. E para reforçar que essas palavras deverão ser entendidas de forma bem universal, o versículo seguinte diz: “Jurei por mim mesmo; a palavra de justiça já saiu da minha boca e não voltará atrás. Todo joelho se dobrará e toda língua haverá de jurar diante de mim...” Em Daniel 7:27, a expressão mais universal é colocada: “O reino, o domínio e a grandeza dos reinos debaixo de todo o céu serão dados à multidão dos santos do Altíssimo”.¹⁷

¹⁷ Jonathan Edwards, *Uma História da Obra de Redenção*, pp. 235-236, Edições Vida Nova, 2024

Logo no início do Antigo Testamento, a promessa que foi dada a Abraão que sua posteridade seria uma imensa multidão – “Deveras te abençoarei, e grandissimamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar” (Gênesis 22:17); “E farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada” (Gênesis 13:16). E, no Novo Testamento, descobrimos que essa promessa não se refere meramente aos judeus como um povo separado, mas aos Cristãos que, no sentido mais elevado, são os verdadeiros “filhos de Abraão”. “Sabei, pois”, diz Paulo, “que os que são da fé são filhos de Abraão”; e novamente, “se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa.” (Gálatas 3:7. 29)

Isaías declarou que o bom prazer de Jeová prosperará na mão do Messias, que Ele verá o fruto do trabalho da Sua alma e ficará satisfeito (Isaías 53:10-11). E, em vista do que Ele sofreu no Calvário, sabemos que Ele não será facilmente satisfeito.

A ideia de que os salvos estarão em maior número do que os perdidos é também demonstrada pelos contrastes feitos na Escritura. O Céu é uniformemente retratado como sendo o próximo mundo, como um grande reino, uma nação, uma cidade; enquanto, por outro lado, o inferno é uniformemente representado como sendo um lugar comparativamente pequeno, uma prisão, um lago (de fogo e enxofre), um poço (talvez profundo, mas estreito): (Lucas 20:35; Apocalipse 21:1, Mateus 5:3; Hebreus 11:16, 1 Pedro 3:19; Apocalipse 19:20; 21:8-16). Quando os anjos e santos são mencionados na Escritura, eles são descritos como sendo hostes, miríades, uma inumerável multidão, dez milhares

vezes dez milhares e muito mais milhares de milhares; mas nenhuma linguagem do tipo jamais é usada em relação aos perdidos e, em contraste, seu número aparenta ser relativamente insignificante (Lc. 2:13; Is. 6:3; Ap. 5:11). A descrição do julgamento do grande trono branco, vista em Apocalipse 20:11-15, é concluída com a seguinte declaração: “E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo” – uma linguagem que indica que, no julgamento, o *normal* será que os nomes da grande maioria da população da terra *estejam* escritos no livro da vida. Tal linguagem implica que aqueles cujos nomes não estão escritos lá são os casos excepcionais – poderíamos dizer até raros.

“O círculo da eleição de Deus”, diz o Dr. W. G. T. Shedd, “é o grande círculo dos céus, e não o de uma esteira penal. O reino de Satanás é insignificante em contraste com o reino de Cristo. No imenso alcance do domínio de Deus, o bem é a regra, e o mal é a exceção. O pecado é um cisco sobre o céu azul da eternidade; uma pequena mancha no sol. O inferno é apenas um canto em meio ao universo.”¹⁸

Julgando a partir destas declarações, a conclusão que chegaríamos, se ousarmos conjecturar, é que a proporção entre o número dos que são salvos e o dos condenados, ao fim, será semelhante a do número de cidadãos livres em nossa nação em relação ao número dos que estão em prisões e penitenciárias; ou que a companhia dos salvos poderia ser comparada ao caule da árvore, que cresce e floresce, enquanto os perdidos são apenas os pequenos galhos e ramos a serem podados, que são cortados para serem

¹⁸ W. G. T. Shedd, *The Doctrine of Endless Punishment*, pp. 74, 99, Monergism.com

destruídos nas fogueiras. Este é o prospecto que o pós-milenismo é capaz de oferecer. Quem entre os que defendem os outros sistemas não desejaria que isso fosse verdade?

Mas, poder-se-ia perguntar, os versículos “Estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem”, e “Muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mateus 7:14; 22:14) não ensinam que há muito mais perdidos que salvos? Cremos que estes versículos devem ser entendidos como descrevendo as condições que Jesus e os discípulos presenciaram na Palestina de seus dias. A grande maioria do povo não andava no caminho da justiça, e as palavras foram ditas a partir do ponto de vista do momento, em vez do ponto do distante Juízo Final. Nessas palavras apresenta-se um retrato do que era verídico para a época, e que continua sendo, no geral, até mesmo em nosso presente. Mas poderíamos perguntar, em vista da prosperidade futura prometida à Igreja, se não temos o direito de crer que, à medida que os anos e séculos e eras passam, a proporção dos que seguem “os dois caminhos” será invertida?

Esses versículos também têm o propósito de ensinar que o caminho da salvação é de dificuldade e sacrifício, e que é o nosso dever nos esforçarmos em segui-lo com diligência e persistência. Nenhum cristão deve trivializar a sua salvação. Aqueles que entram no reino dos céus o fazem através de muitas tribulações; por isso Cristo nos ordena: “Esforçai-vos para entrar pela porta estreita” (Lucas 13:24). A escolha na vida é representada como sendo uma escolha entre dois caminhos – um é largo, suave e fácil de caminhar, mas leva à destruição. O outro é estreito e difícil, mas leva à vida. “Não há razão alguma,” diz o Dr. Warfield, “para assumir que essa similitude ensina que os salvos serão menores em número

que os perdidos, mais do que há para assumir que a parábola das Dez Virgens (Mateus 25:1ff) nos ensina que serão precisamente iguais em número; e há bem menos razão para supor que essa similitude ensina que os salvos serão menores em número comparativamente aos perdidos quando a parábola do Joio em meio ao Trigo (Mateus 13:24ff) ensina que os perdidos estarão em número insignificante em comparação com os salvos – pois isso, de fato, é uma parte importante do ensino desta parábola”.¹⁹ E poderíamos acrescentar que não há razão para supor que essa referência aos dois caminhos ensina que o número dos salvos será menor do que o número do que o número dos perdidos mais do que há para supor que a parábola da Ovelha Perdida ensina que apenas um dentre cem se afasta e que mesmo este um será finalmente trazido de volta ao rebanho – o que realmente equivaleria a um restauracionismo absoluto.

¹⁹ B. B. Warfield, *Are They Few That Be Saved*, Artigo

Capítulo VII

O MUNDO ESTÁ MELHORANDO

A redenção do mundo é um processo longo e demorado, que se estende pelos séculos, mas que, no entanto, certamente se dirige a um alvo pré-determinado. Vivemos nos dias do avanço da vitória do Reino, apesar de haverem muitos aparentes reveses. Vendo a situação a partir de um ponto de vista meramente humano, frequentemente parece que as forças do mal estão prestes a obter a vantagem no confronto. Períodos de avanço e prosperidade espirituais alternam-se com períodos de declínio e retrocesso espirituais. Mas, à medida que uma era sucede à outra, há progresso. Olhando para o passado através dos quase dois mil anos que passaram desde a primeira vinda de Cristo, podemos ver que, de fato, houve maravilhoso progresso. Esse processo, por fim, será concluído e, antes que Cristo venha novamente à terra, veremos um mundo cristianizado. Isso não significa que todo o pecado será erradicado até então. Sempre haverá um pouco de joio em meio ao trigo até o tempo da colheita – e a colheita, o Senhor nos diz, é o fim do mundo. Mesmo os justos caem, às vezes gravemente, em tentação e pecado. Mas isso não anula o fato de que os princípios cristãos de vida e conduta hão de se tornar os padrões aceitos para a vida pública e privada.

Que um grande progresso espiritual ocorreu é algo que deve estar claro a todos. Considere, por exemplo, as terríveis condições morais e espirituais que existiam na Terra antes da vinda de Cristo – o mundo como um todo, sem qualquer esperança, tateando em meio às trevas do paganismo, com escravidão, poligamia, a condição oprimida de mulheres e crianças, a quase total ausência de liberdade política, e a

ignorância, pobreza, e medicina extremamente primitiva que era a sorte de quase toda a população, exceto daqueles que pertenciam às classes governantes. Hoje, o mundo como um todo está em um plano muito superior. Princípios cristãos são os padrões de conduta aceitos em muitas nações, mesmo que não sejam consistentemente praticados. Escravidão e poligamia praticamente desapareceram. O status de mulheres e crianças melhorou imensuravelmente. As condições econômicas e sociais em quase todas as nações chegaram a um novo ápice mais elevado. Um espírito de cooperação é manifesto entre as nações como nunca antes. Incidentes internacionais que, apenas uns poucos anos atrás resultariam em guerras, hoje são geralmente resolvidos por meio de arbitragem internacional²⁰. Como uma evidência da boa vontade internacional, testemunhe o fato de que os Estados Unidos no presente ano fiscal (julho de 1957 a julho de 1958) reservaram mais de três bilhões de dólares ao seu programa de ajuda internacional e segurança mútua e, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, concedeu a outras nações mais de 60 bilhões de dólares para esses mesmos fins. Já que nossa população é de aproximadamente 170 milhões, isso significa uma contribuição média de 350 dólares por cada homem, mulher e criança nos Estados Unidos. E isso não inclui as outras somas bem consideráveis que foram doadas por indivíduos, igrejas e outras organizações. Essa grande quantidade de bens e serviços foi dada gratuitamente por

²⁰ Apesar de ainda existirem conflitos de proporções significativas no presente, é um fato que, em comparação ao passado, vivemos em tempos relativamente mais pacíficos: “... o período pós-guerra foi muito pacífico. Pela primeira vez não houve guerra ou conflito na Europa Ocidental em cerca de três gerações” (L. H. Schmitt e C. F. Raymundo, *Estamos vivendo nos Últimos Dias?*, pg. 83) [N. T.]

esta nação iluminada e predominantemente protestante a nações de outros povos e religiões, sem quaisquer expectativas de receber algo em troca, uma expressão eficaz de altruísmo e boa vontade internacionais. Por toda a história do mundo, nem esta nação, muito menos alguma outra, jamais se aproximara, mesmo remotamente, de tal recorde.

Recentemente, o *London Times*, o principal jornal na Inglaterra, após elogiar a sabedoria e a generosidade com as quais os Estados Unidos agiram, mencionou: “Há outras coisas que são tão óbvias para nós que chegamos a não dar o valor devido. Mas, porque o silêncio pode ser mal compreendido, vale a pena dizer mais uma vez que nenhuma nação jamais chegou a possuir tamanho poder para o bem ou mal, para liberdade ou tirania, para amizade ou inimizade entre os povos da terra, e que nenhuma nação na história usou tais poderes, em geral, com maior visão, moderação, responsabilidade e coragem [que os Estados Unidos].”²¹

Hoje, há muito mais riqueza consagrada ao serviço da Igreja que nunca antes; e, a despeito da deserção em direção ao modernismo em alguns lugares, cremos que há muito mais atividade evangelística e missionária séria nos dias de hoje do que em qualquer ponto do passado. Isso é indicado por um número de fatores. Citamos, especificamente, os seguintes.

Até a época da Reforma, a Bíblia fora um livro reservado apenas a sacerdotes. Ela era escrita em latim, e a Igreja Romana recusava permitir com que ela fosse traduzida às línguas do povo comum. Mas, quando os Reformadores chegaram em cena, tudo isso mudou. A Bíblia logo foi

²¹ *London Times*, edição de 23 de março de 1954

traduzida para todas as línguas vernaculares da Europa e, onde quer que a luz da Reforma chegava, ela se tornava o livro do povo comum. Decretos de papas e de concílios eclesiásticos deram lugar à Palavra da vida. Lutero traduziu a Bíblia toda para o idioma alemão para o povo de sua pátria e, com 25 anos de seu surgimento, cem edições da Bíblia Alemã haviam sido publicadas. Isto também foi verdadeiro na França, Holanda, Inglaterra e Escócia. Hoje, sociedades bíblicas protestantes põem mais bíblias em circulação do que a quantidade total das que circulavam nos quinze séculos que precederam a Reforma.

Editoras relatam que mais de 8 milhões de cópias da Bíblia completa foram vendidas nos Estados Unidos em 1956. As vendas aumentaram em aproximadamente 10% em comparação com a quantidade de 1955, que foi o recorde anterior. Incidentalmente, é interessante perceber que, do número mencionado anteriormente, a Versão King James facilmente alcançou seu lugar como a favorita popular, com suas vendas totais sendo de mais de 6 milhões de cópias. A *Revised Standard Version* [Versão Padrão Revisada] vendeu quase 1 milhão de cópias; a Versão Douay-Rheims, a Bíblia padrão para católicos romanos nos Estados Unidos, por volta de 750.000; Bíblias Judaicas, por volta de 70.000; traduções em linguagem contemporânea como Moffatt, Goodspeed, etc., por volta de 25.000; a *American Standard Version* [Versão Padrão Americana] de 1901 e outras, por volta de 150.000. Além dessa quantidade total mencionada acima, muitos milhões de cópias do Novo Testamento e de outras porções avulsas da Bíblia foram vendidas.

Durante os últimos 150 anos, a Bíblia foi traduzida para todos os principais idiomas do mundo. De acordo com o relatório dado na edição de 1957 do encontro anual da

American Bible Society [Sociedade Bíblica Americana], a Bíblia Completa, Antigo e Novo Testamentos, está agora disponível em 210 idiomas e dialetos, o Novo Testamento completo está agora disponível em mais 270, e ao menos um livro inteiro da Bíblia, geralmente um dos evangelhos, foi traduzido para mais 629, totalizando 1109 idiomas e dialetos para os quais a Bíblia foi traduzida, seja completa ou parcialmente (relatório da *United Press*, 12 de jan. de 1957).

Hoje, a Bíblia está disponível de forma completa ou parcial no idioma nativo de 98% dos habitantes do mundo. Certamente isso deve ser reconhecido como um grande progresso e como uma base bem extensa e substancial sobre a qual a estrutura futura do Cristianismo poderá ser erguida. Nenhum dos supostos “best sellers” chegam a mais do que uma pequena fração do número de Bíblias vendidas.

Além disso, a mensagem cristã está sendo transmitida via rádio e televisão em todos os principais idiomas do mundo. Vários programas evangélicos, de cobertura nacional ou mundial, foram lançados nos anos recentes – por exemplo., *The Lutheran Hour*, *Missouri Synod* (Luternao, transmitido em mais de 50 idiomas); *Coral Ridge Ministries* (Presbiteriano); *The Back to God Hour* (Reformado, transmitido em 8 idiomas); e *Family Radio* (ministério independente), para nomear alguns. Há literalmente centenas de outros programas de rádio e televisão, muitos dos quais são ouvidos e assistidos diariamente. Dessa forma, o evangelho é levado a muitas casas e a muitos leitos de hospitais, onde não chegaria de outra forma, e às estradas e aos navios no mar. Quão maravilhoso isso é, em comparação com a proclamação bem limitada que prevaleceu por muitos séculos! O resultado geral disso é que, pela primeira vez na

história, os habitantes de todo mundo agora possuem a mensagem cristã evangélica à sua disposição.

O número de seminários teológicos, institutos bíblicos e faculdades cristãs nas quais a Bíblia é sistematicamente estudada está crescendo mais rápido que a população, e as matrículas estão aumentando continuamente. Numerosas revistas cristãs de ampla circulação foram estabelecidas nos anos recentes. Uma proporção considerável dos novos livros que são impressos aborda o Cristianismo diretamente ou algum aspecto da religião.

Durante os últimos dois séculos, a Igreja Cristã realizou grande progresso e estabeleceu milhares e milhares de igrejas locais. Se tornou habitual nos Estados Unidos pensar no período colonial como uma era de profunda fé. No entanto, o fato é que um grande número dos que vieram a essas terras durante aquele tempo o fizeram para escapar da repressão religiosa nos países europeus, e foram lentos em estabelecer novas igrejas. Para começar, muitos não tinham relação alguma com igrejas, ou abandonaram a relação que tinham, como geralmente ocorreu em assentamentos de pioneiros. Os Peregrinos e os Puritanos foram a exceção à regra, mas, enquanto eles eram bem fortes em algumas áreas, em outras a situação era bem diferente. O Professor Leonard Verduin, do Departamento de História na Universidade de Michigan diz o seguinte sobre a membresia de igrejas no período colonial:

O primeiro século e meio da história americana foi uma mera continuação do *establishment* europeu. Por todas as colônias, no geral, havia uma igreja favorecida. E, contrariando a lenda que é tão frequentemente ouvida que aqueles eram dias de ouro, a América nunca esteve tão perto de se tornar pós-cristã quanto estivera ao fim desses

150 anos. Historiadores competentes concluem que não mais que 6% da população adulta [da época] estava ligada à igreja. Então veio a Revolução, e dela nasceu-se a constituição federal. Como se por uma economia divina, foi declarado de uma vez por todas na Primeira Emenda que o *establishment* [religioso] fosse excluído dessa nova comunidade²². E, assim como um paciente, às vezes, com uma injeção de sulfonamida é revigorado de forma incrível, da mesma maneira essa nova comunidade testemunhou o retorno da religião. Continuamente, sem flutuações, a porcentagem da população membra de igrejas passou a aumentar, até chegarmos num ápice nos dias de hoje – com quase 60% da população sendo membra de alguma igreja.²³

Podemos acrescentar que, em 1870, apenas 18% da população era membro de alguma igreja, um aumento de três vezes dos números do período da Revolução. Hoje, esse número se encontra num ápice de 61%, com um aumento de 4% nos últimos cinco anos. Destes, 35% são membros de igrejas protestantes, 20% são católicos romanos²⁴. É um fato que o assim chamado Modernismo ou Liberalismo emergiu em alguns setores, negando uma porção maior ou menor da fé. Porém, o Modernismo não tem nada positivo a oferecer. Seus principais proponentes oferecem sistemas conflitantes e, com efeito, reconhecem que o sistema em si é desprovido de um sustentáculo firme. Estamos confiantes de que, após o término da presente estação de crítica e prova dos

²² Referindo-se aqui à '*Establishment Clause*' da constituição americana, que afirma a liberdade religiosa e proíbe o estabelecimento de uma igreja favorecida pelo Estado. [N. T.]

²³ *The Reformed Journal*, jan. de 1953

²⁴ *Yearbook of American Churches*, 1956

fundamentos, teremos um edifício de teologia maior e mais forte do que todas as eras até então já viram.

Estatísticas indicam que o mundo sob o cristianismo cresceu mais nos últimos cem anos, do que nos dezoito séculos que os precederam, e que agora possui um número consideravelmente maior de aderentes nominais do que o total combinado de quaisquer duas dentre as religiões mundiais. Esses números mostram que, dentre a população mundial total de quase 2.5 bilhões, há, aproximadamente, 800 milhões de cristãos²⁵, 350 milhões de confucionistas (incluindo taoístas), 320 milhões de muçulmanos, 310 milhões de hindus, 150 milhões de budistas, 20 milhões de xintoístas, e 12 milhões de judeus. E, apesar de muitos dos que são contados como cristãos o serem apenas de forma ‘nominal’, a proporção de cristãos verdadeiros é tão grande quanto, senão maior, que a proporção de verdadeiros aderentes em quaisquer dentre as religiões pagãs. Todas as outras religiões, com exceção do maometanismo, são bem mais velhas que o cristianismo. Todas as falsas religiões estão morrendo. Apenas o cristianismo é capaz de crescer e florescer na civilização moderna, enquanto todas as outras logo se desintegram ao serem expostas à sua ofuscante luz.²⁶

²⁵ Estatísticas mais recentes (2015) indicam 2.3 bilhões de cristãos para uma população de 7.3 bilhões (Pew Research Center, *The Changing Global Religious Landscape*) [N. T.]

²⁶ Na atualidade, existem dados que apontam que o crescimento do Islã é, em grande parte, compensado pela saída de membros. De acordo com o *Pew Research Center*, nos EUA, “o fato que a proporção de pessoas que se convertem ao Islã e que o abandonam é aproximadamente igual sugere que as conversões para e da fé têm pouco impacto no crescimento geral do grupo” (Cf. *The share of Americans who leave Islam is offset by those who become Muslim*, Pew Research Center, 2018). [N. T.]

Nós nos sentimos perfeitamente confiantes em afirmar que todas as religiões e filosofias anticristãs de nossos dias são demonstradamente falsas. Suas histórias mostram o quão fracassadas têm sido até agora no que tange a elevar os padrões morais, espirituais e intelectuais de seus aderentes. Elas aguardam apenas o golpe de misericórdia de um cristianismo despertado e enérgico para que sejam lançadas ao esquecimento. Em relação a isso, o Dr. Albertus Pieters disse muito bem: “Na igreja primitiva, ebionitismo, gnosticismo, montanismo, arianismo e pelagianismo colocaram em risco a vida da igreja. Elas são lembradas, agora, apenas através de historiadores eclesiásticos. Mais tarde, foi o romanismo e o socinianismo. Na vida moderna, é o unitarismo, modernismo, mormonismo, russelismo, Ciência Cristã, espiritismo, etc. – uma longa lista de movimentos de origem satânica, que irrompem como uma enchente e, por um tempo, fazem crentes tímidos terem medo de que a igreja será sobrepujada e o evangelho permanentemente perdido para o mundo – mas isso nunca se concretiza. As presentes heresias desaparecerão assim como as do passado.”²⁷

Foi apenas nos últimos cem anos que as missões estrangeiras realmente se firmaram. Tendo se desenvolvido recentemente, com grandes organizações eclesiásticas por trás delas e com amplos recursos para traduzir e publicar literatura cristã em muitos idiomas, elas encontram-se hoje em posição de realizar uma obra de evangelismo em terras estrangeiras como o mundo jamais vira no passado. É seguro mencionar que a presente geração que vive na Índia, China, Japão, Coreia, Indochina e no Oriente Próximo viram

²⁷ Albertus Pieters, *Studies in the Revelation of St. John*, pg. 165

maiores mudanças no que tange a religião, sociedade e governo do que as dos dois milênios anteriores. Não apenas os alicerces para um maior avanço do evangelho foram postos na maior parte destes países, mas também, sob a benigna influência da Igreja, inumeráveis igrejas locais, escolas e hospitais foram fundados; a cultura ética e serviços sociais avançaram significativamente; e os padrões morais tornaram-se muito mais elevados hoje do que eram quando a Igreja foi primeiramente estabelecida. Para que tenhamos uma visão mais justificada do progresso que foi realizado, citamos o seguinte retrato do mundo antigo no qual o cristianismo nasceu, como descrito pelo Dr. William Hendriksen:

“Transportemo-nos” para o mundo de João, o apóstolo. Que cenário de trevas e de desolação! Tente contar o número de ídolos que degradam as ruas e os santuários da Roma imperial. As abominações, a imundícia e a corrupção na celebração dos festivais pagãos, as superstições, os vícios e muito mais, são realmente surpreendentes. Templos e relicários pelo mundo afora estão repletos de adoradores ignorantes e meio desesperados. Vemos umas poucas igrejas estabelecidas pelo esforço de Paulo e outros. De resto, o paganismo triunfa por todo lado... Todas as nações - com exceção dos judeus - estão sob o domínio de Satanás.²⁸

Quando contrastamos o rápido avanço do cristianismo nos anos recentes com a rápida desintegração que ocorre em todas as outras religiões mundiais, fica bem claro que o cristianismo é a futura religião mundial. Há, no entanto,

²⁸ William Hendriksen, *Mais que Vencedores*, pg. 218, Editora Cultura Cristã, 2018

alguns que nos dizem com toda seriedade que o mundo está ficando pior. Certamente, eles são levados a fazê-lo apenas em defesa de uma teoria que é claramente contradita pelos fatos. Em resposta a tal raciocínio, Dr. Snowden diz:

A verdadeira forma de julgar o mundo é comparar o seu presente com a sua condição passada e notar em qual direção ele está se movendo. Ele está indo para trás, ou para frente? Está ficando melhor ou pior? Ele pode até estar envolto num sombrio crepúsculo, mas é o crepúsculo da noite ou da manhã? Estão as sombras se aprofundando na noite sem estrelas, ou estão elas fugindo do sol nascente? Uma simples observação no mundo como é hoje, em comparação com o seu estado a dez ou vinte séculos atrás, nos mostra que ele percorreu uma longa trajetória e caminha em direção ao amanhecer.²⁹

Porém, enquanto um grande progresso foi realizado à medida que a Igreja propagou o seu testemunho aos confins da terra, a maior parte da obra ainda há de ser concluída. A quantidade de aderentes das religiões pagãs ainda é maior do que os da fé cristã, e mesmo dentro da Igreja ainda há uma necessidade gritante de um conhecimento mais pleno dos princípios da fé cristã e de um viver mais consistente com seus princípios por parte do povo cristão professo. Hoje percebemos que a prisão de Satanás, descrita em Apocalipse 20:1-2, não é um evento repentino, mas um processo bem longo e demorado. Tal processo tem avançado em direção à sua conclusão por mais de dezenove séculos, e muito progresso já foi feito. Mas nenhum limite pode ser posto em relação à sua duração remanescente até que atinja o sucesso, nem a quanto tempo a era de justiça prevalecerá na terra até

²⁹ James H. Snowden, *The Coming of the Lord*, pg. 250

que o Senhor retorne. Os dezenove séculos que passaram desde o início da era cristã podem muito bem indicar que vários séculos, talvez até mesmo milênios, ainda serão necessários, especialmente se mais guerras devastadoras ainda forem travadas, o que é perfeitamente possível.

Céticos muitas vezes apontam para os males do presente e nos dizem que vivemos numa era pós-cristã. Mas, não, nunca houve ainda uma era verdadeiramente cristã, nem mesmo uma nação que tenha sido consistentemente crista. A era em que vivemos ainda é pré-cristã.

A razão do progresso da Igreja por todos esses anos ter sido lento deve-se ao fato de que cristãos no geral não levaram a sério a ordem de Cristo para evangelizar o mundo. A Grande Comissão não é meramente endereçada aos pregadores e missionários, mas *a todos os cristãos em todo lugar*. A ordem se aplica a pais que educam seus filhos, a filhos para com seus pais, a quaisquer indivíduos para com seus vizinhos ou colegas de trabalho ou de convívio social, independentemente de sua relação para com eles, àqueles que ensinam em escolas, a empregadores e empregados em suas relações mútuas, a escritores, jornalistas, políticos, enfim, a cristãos no geral, independentemente de sua ocupação ou posição na vida. O Evangelho são as “boas novas” da salvação que Deus proveu para a humanidade pecadora, e ela deve ser espalhada por todos os que a possuem – seja através de palavras, do exemplo de uma vida cristã e pelo uso eficaz e generoso de dinheiro, propriedades ou tempo, de acordo com a disponibilidade. Por vezes, uma palavra sincera dita por um amigo ou vizinho a alguém que está fora da Igreja é mais persuasiva do que aquilo que é dito pelo pregador. É como já foi dito: “Ninguém pode realizar um serviço mais elevado que estre – fazer as riquezas que

estão em Cristo Jesus mais acessíveis.” Que Cristãos por toda parte levem a sério a ordem de evangelizar o mundo, e a obra será concluída num tempo comparativamente mais curto.

Roderick Campbell disse muito bem:

Um dia, a Igreja cristã aprenderá a tirar proveito da experiência amarga da igreja e da nação da Antiga Aliança. Duas lições muito severas e úteis podem ser aprendidas dos registros do passado. Israel fora ordenada por Deus a marchar e tomar posse da Terra Prometida. Por volta de um ano após terem deixado o Egito, eles chegaram às fronteiras da terra. Então, sua fé e sua coragem se esvaíram. ‘Constituamos um capitão,’ disseram, ‘e voltemos ao Egito.’ Qual foi o resultado? – quarenta cansativos anos de vagar em meio às pedras e às areias do deserto, e a morte daquela geração adulta inteira, com exceção dos dois homens de fé (cf. Números 14; 32:10-13).

A outra lição é igualmente proveitosa e clara. Um novo exército sob o comando de Josué adentrou a terra. Ele atingiu sua primeira vitória notável em Jericó. Logo depois, se deparou com uma amarga e humilhante derrota. Por que? Israel pecou. O culpado deveria ser punido e todo anátema destruído antes que a vitória pudesse ser alcançada. Quando isso foi feito, Israel [novamente] se viu do lado do Todo-Poderoso (Josué 7). Deus lutou por Israel com mão poderosa. O cumprimento da profecia aguarda o dia em que a Igreja realmente crerá que Deus fará tudo o que Ele prometeu fazer, e, de forma sincera, terá como objetivo a conformidade total com a vontade revelada de Deus. Então, pela agência de homens imperfeitos, porém fiéis, poderemos esperar que Deus fará o que Ele prometeu³⁰

³⁰ Roderick Campbell, *Israel and the New Covenant*, p. 162

Pré-milenaristas, às vezes, tentam refutar essa visão geral citando a pergunta em Lucas 18:8: “Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?”. E eles inferem que a resposta deve ser “Não”. Mas, para darmos um resposta negativa para essa questão, é necessário ignorar as muitas declarações na Escritura que descrevem a glória dos últimos dias da Igreja. Certamente, não podemos permitir que uma resposta que, num primeiro momento, parece estar implícita, mas que não é dada na Escritura em si, tenha mais peso que as muitas referências que falam do triunfo da justiça na terra. Sustentamos que uma pergunta como a de Lucas 18:8 não necessariamente exige uma resposta negativa. No discurso de despedida aos discípulos, Jesus perguntou: “Credes agora?” – nenhuma resposta foi dada, mas não acreditamos que a resposta implícita é “Não”. Quando Paulo perguntou, “Crês tu nos profetas, ó rei Agripa?” (Atos 26:27), a resposta implícita aparenta ser “Não”, pois há pouco que indique que Agripa de fato cria. Mas Paulo rapidamente acrescenta: “Bem sei que crês”.

Na conclusão desse capítulo, devemos ressaltar que alguns escritores pós-milenistas, assim como de outras visões, caíram no erro de presumir um progresso muito rápido. Dr. Snowden, por exemplo, após mostrar de forma bem clara o erro dos pré-milenistas em marcar datas e assumir o retorno iminente de Cristo, cometeu o mesmo erro ao assumir que o Milênio estava prestes a despontar. Em seu livro, *The Coming of the Lord* [A Vinda do Senhor], escrito durante a Primeira Guerra Mundial, ele assumiu que a conclusão bem-sucedida da guerra, a qual ele entendeu como estando no futuro próximo, colocaria um fim no militarismo para sempre, o que seria seguido por um rápido desenvolvimento em direção à era do Milênio. Que as lições

aprendidas com a Primeira Guerra Mundial deveriam ter surtido tal efeito, nós prontamente concordamos. Porém, se o tempo será curto ou longo, não temos como saber. Isso é o que podemos dizer: O pós-milenismo não perde a esperança no poder do Evangelho para converter o mundo, mas defende que ele não pode ser derrotado, mas que no decorrer dos séculos prevalecerá, e que, finalmente, o objetivo será alcançado.

À luz destes fatos, enfrentamos o futuro confiantes de que o melhor ainda está por vir. Que cristãos em toda parte agradeçam a Deus pelo progresso que foi feito e tomem coragem. O futuro deles é tão brilhante quanto as promessas de Deus.

Capítulo VIII

PROSPERIDADE MATEIRAL DURANTE A ERA MILENAR

A grande prosperidade material mencionada pela Bíblia como característica da era do Milênio será, em sua maior parte, o resultado natural dos padrões mais elevados de vida moral e espiritual daquele tempo. Estas bênçãos também virão de Deus. Em numerosas profecias, bênçãos temporais são explicitamente representadas como sendo parte das bênçãos da nova aliança. Certamente, não devem haver dúvidas de que, quando as outras características da era do Milênio forem concretizadas, esta prosperidade material também se realizará. A piedade e o viver em justiça em seu sentido real têm sua própria recompensa: “Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”, disse Jesus (Mateus 6:33). “A piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente”, assim como também “da que há de vir” (1 Timóteo 4:8). “O deserto e o lugar solitário se alegrarão disto; e o ermo exultará e florescerá como a rosa.” (Isaías 35:1). E quão apropriado é o profético Salmo Messiânico 72:

Concede, ó Deus, os teus juízos ao Rei
e a tua justiça, ao Filho do Rei.
Que ele governe com retidão o teu povo
e, com equidade, os teus aflitos.
Remirá as suas almas da opressão e da violência,
e, precioso será, aos seus olhos, o sangue deles.
Viva o Rei! E que lhe deem do ouro de Sabá;
Roguem por ele continuamente
e bendigam-no em todo o tempo.
Haja na terra abundância de trigo até o cume dos montes;

Prosperidade Material Durante a Era Milenar

ondule o seu fruto como o Líbano,
e da cidade brote a gente como erva da terra.
Permaneça o seu nome para sempre.
Haja descendentes do seu nome enquanto durar o sol;
nele, se bendigam todas as nações e proclamem feliz...
Seja bendito o seu glorioso nome para sempre!
Encha-se da sua glória a terra toda!
(Salmo 72:1-2, 14-17, 19, TB)

Em ligação a isso, David Brown cita um escritor de seus dias, que segue:

Não precisamos recorrer à miraculosa fertilidade da terra, inventada por Papias, para cumprir esta profecia (Sl. 72). A prosperidade é a consequência natural da mudança moral que ocorre no mundo durante o milênio. A justiça universal deste período bem-aventurado impedirá o despotismo no governo, a anarquia no povo, assim como as devastações da guerra, pelas quais a terra é deixada sem plantio, ou tem sua produção destruída. A religião neste período civilizará selvagens, e destruirá entre as nações civilizadas as numerosas ocupações que atendem às paixões iníquas dos homens; desta forma direcionando uma grande multidão da raça humana às úteis artes da agricultura, que antes estavam estagnadas e eram [vistas como] um fardo a ser posto sobre outros. O amor sentido e praticado universalmente neste período levará aqueles que têm em abundância a distribuir alegre e livremente às necessidades daqueles que vivem em escassez.³¹

A título de contextualização, devemos nos lembrar que, quando o homem foi criado e posto no jardim do Éden, ele foi ordenado não apenas a lavrar e guardar o jardim, mas

³¹ David Brown, *The Second Advent*, pg. 400

também foi dado a ele a ordem mais ampla de ‘sujeitar’ a terra e dominar “sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Gênesis 1:28; 2:15). Isso significava que ele deveria investigar as leis da natureza e aprender como usá-las, desenvolver novas substâncias e, no geral, fazer de si mesmo o mestre de toda criação. Certamente, ele está muito atrasado nessa tarefa.

No relato de Gênesis sobre a origem do pecado, lemos que parte da punição posta sobre o homem por seu pecado consistiu na maldição lançada sobre o solo (3:17-18). Doravante, a terra produziria espinhos e cardos, para que assim ele vivesse numa luta infundável para a manutenção de sua existência. As plantas e os animais e as forças da natureza no geral, que anteriormente eram para o seu uso e serviço, passaram, a partir de então, a ter uma relação diferente para com ele e tornaram-se, em certo nível, antagônicas. A sua antes prazerosa tarefa de lavrar e guardar o jardim se tornou em “dor”, uma labuta cansativa; e daí em diante ele deveria comer o seu pão pelo suor de seu rosto (Gênesis 3:19). E, na realidade, não é grande parte da condição inóspita da terra o resultado natural e inevitável da indolência, da ignorância e da frequentemente pervertida natureza da humanidade, que veio a surgir como resultado de sua queda no pecado? Os trechos de terra improdutivos e brutos são testemunhas de sua negligência. Irrigação e cultivo adequados já fizeram muitos desertos desabrocharem como rosas. Qualquer um que viajou pelo nosso árido sudoeste, especialmente pelos estados do Novo México, Arizona e o sul da Califórnia, teve a oportunidade de ver as grandes mudanças que acontecem quando água, fertilizantes, variedades aprimoradas de vegetação e cultivo são aplicados ao solo. A deslumbrante

vegetação e as belas paisagens que agora são encontradas em algumas áreas limitadas são apenas uma pequena amostra do que pode ser feito com mais eficiência e em escala mundial quando o homem retornar para o cumprimento adequado da tarefa que lhe foi designada no Éden. Um campo que, este ano, possui uma bela plantação de trigo ou milho pode muito bem, no próximo ano, se tornar uma terra não cultivada, resultando com que ervas daninhas e cardos tomem conta dela. O gerenciamento apropriado da terra por parte do homem, a tarefa designada a ele antes da queda, contribuirá significativamente para a restauração de uma vida vegetal e animal produtiva. Quando a condição de pecado do homem é remediada, uma maravilhosa transformação ocorre na natureza. Luther Burbank e outros fizeram muito para trazer de volta às suas condições originais muitas variedades de plantas e frutas, que, em seu estado selvagem e negligenciado, degeneraram ao ponto de perderem todo o seu valor, praticamente.

Presenciamos uma real revolução nos transportes, nas comunicações, na fabricação de mobília, e etc. em nosso tempo. Nossos meios de transporte mudaram mais nos últimos 150 anos do que nos 2000 que os precederam. George Washington, usando uma carruagem puxada por cavalos, que era o melhor meio de transporte em seus dias, viajou praticamente da mesma forma que os antigos persas e egípcios. O automóvel, as estradas de asfalto, energia elétrica para iluminação e outros usos domésticos, o avião, o rádio, a televisão, etc., são todos comparativamente novos. E agora as novas ciências das energias atômica e solar, com o prospecto de energia extremamente barata, e um novo campo de eletrônica, do qual, até agora, mal começamos a explorar o mínimo de seu potencial, fazem o futuro ser

bastante promissor. Um dos principais empresários do ramo da indústria disse recentemente: “A América está prestes a entrar numa nova era dourada de prosperidade, advinda da obtenção de energia a partir do átomo, e do advento da era eletrônica.” Uma nova descoberta segue a outra, e vemos de forma cada vez clara as tremendas possibilidades que estarão disponíveis para o bem, possibilidades estas que, por todos estes muitos séculos, permaneceram, em sua maior parte, inexploradas.

O conhecimento se tornou amplamente difundido. Escolas, até mesmo para ensino superior, se tornaram disponíveis a todas as classes sociais, e livros, revistas, jornais, bibliotecas, laboratórios científicos, etc., disponibilizam a todos grandes quantidades de informação e conhecimento que, apenas a duas ou três gerações atrás, era restrita quase que exclusivamente a grupos limitados e favorecidos.

Na administração da justiça grande progresso foi feito, à medida que princípios cristãos ganharam uma aceitação mais ampla. A justiça britânica e americana nos dias de hoje é renomada mundialmente por sua consideração meticulosa pelos direitos dos acusados e dos prisioneiros. Mas esse é, comparativamente, um desenvolvimento recente. Mesmo na Inglaterra, geralmente considerada a mais avançada dentre as nações europeias, ainda no século XIX, detentos condenados por crimes de comparativamente menor dano recebiam penas de longa duração ou até mesmo de morte. Um livro recente, *The Old Bailey and Its Trials* [O Old Bailey e Seus Julgamentos], por Bernard O'Donnell (1951), conta a história de um dos mais famosos tribunais da Inglaterra, que é cheia de relatos chocantes de testemunhas profissionais e júris subornados sendo usados para garantir condenações, e

de execuções sendo realizadas diante de multidões histéricas e embriagadas. As condições entre os prisioneiros eram revoltantes. A higiene era quase desconhecida, e doenças se disseminavam de forma desenfreada entre os prisioneiros. Torturas como o flagelamento e prensagem eram usados para extrair confissões. Detentos condenados por difamar a realza poderiam acabar com suas mãos cortadas. A prática cruel de carcereiros cobrarem taxas de prisioneiros para que estes recebessem necessidades básicas como água, cama, ente outras, não cessou até o século XIX. Houveram tentativas indiferentes de aplicar reformas de tempos em tempos, mas foi necessária ação parlamentar durante o período vitoriano para estabelecer a justiça e a equidade que prevalece hoje.

Similarmente, o progresso que já foi feito nos campos da saúde e da higiene aumentou a expectativa de vida nos Estados Unidos de 32 anos em 1750 até pouco menos de 70 anos atualmente. A cirurgia e a medicina modernas se desenvolveram em sua maior parte nos últimos 100 anos. A prática médica foi transformada de procedimentos místicos e supersticiosos a uma ciência avançada. Os assim chamados “remédios milagrosos”, incluindo as sulfonamidas, a cortisona e os antibióticos, foram todos introduzidos por volta dos últimos 20 anos, com as primeiras tendo sido descobertas em 1935. Não é irrazoável supor que, com o avanço contínuo da ciência e, especialmente, com os melhores estilos de vida que acompanham o avanço moral e espiritual, a expectativa de vida do homem será estendida consideravelmente. Isaías parece indicar que haverá uma grande longevidade para os justos – o pecador morrendo com a idade de cem anos será visto como um maldito, e sua morte será tão inatural que será considerada como a morte de uma criança: “Não haverá mais nela criança de poucos

dias, nem velho que não cumpra os seus dias; porque o menino morrerá de cem anos; porém o pecador de cem anos será amaldiçoado” (Isaías 65:20). Bem recentemente, o Dr. Robert A. Davidson, do Departamento de Medicina Geral da faculdade médica da Universidade do Tennessee, declarou a um grupo de doutores que “Doutores do futuro gastarão a maior parte de seu tempo mantendo a saúde [de seus pacientes], ao invés de restaurando-a. Viver 115 ou 120 anos será esperado. Viver até 140 anos será desejado.” Ele acrescentou que a ciência estima que o potencial metabólico do corpo humano atualmente é de 140 anos.³²

Porém, não importa o quão maravilhosa esta prosperidade material pode se tornar, ele sempre será apenas o subproduto da prosperidade moral e espiritual que, até certo ponto, já caracteriza as nações parcialmente cristianizadas. Está abundantemente claro que estas bênçãos não se originam sob religiões pagãs. Muitas nações que são vítimas de tais religiões jazeram em sua pobreza, ignorância e degradação moral por séculos, ou até mesmo milhares de anos, sem realizar praticamente nenhum progresso. O progresso que já ocorreu, originado, em sua maior parte, das nações protestantes da Europa ocidental e dos Estados Unidos, foi alcançado em conexão com apenas uma quantidade limitada de progresso feito em direção ao Milênio. Que maravilhas nos aguardam quando as nações de todo o mundo se tornarem cristãs – quando o Milênio se tornar uma realidade!

Portanto, o Pós-Milenismo defende que o cristianismo há de se tornar a influência de domínio e transformação não apenas na vida moral e espiritual de alguns indivíduos, mas

³² *The Kansas City Times*, 21 de out. de 1995

também na vida social, econômica e cultural das nações. Não há razão de por que essa mudança não deva ocorrer em toda terra, com religiões pagãs e falsas filosofias dando lugar à verdade, e a terra sendo restaurada em considerável medida ao elevado propósito de justiça e santidade para o qual ela foi criada.

Capítulo IX

O MILÊNIO: NÃO UM ESTADO PERFEITO OU SEM PECADO

Quando falamos do Milênio, a impressão geral de muitos parece ser a de um tempo em que não haverá pecado algum no mundo ou, ao menos, praticamente. Cremos que há de vir um tempo em que o mundo no geral será cristão, um tempo em que Satanás não mais será capaz de “enganar as nações” (Apocalipse 20:3). Porém, não cremos que o reino neste mundo, mesmo em sua plenitude e poder milenares, será um estado perfeito e sem pecado. Nem acreditamos que cada pessoa será cristã. Mesmo assim, não é incomum encontrar escritores pré- e amilenistas inferindo ou declarando que tais são as crenças fundamentais do Pós-Milenismo, e usando termos como “perfeição ideal”, “um mundo perfeito”, “converter cada indivíduo” e “perfeição sem pecado” para descrever a posição pós-milenista. Nenhum teólogo pós-milenista representativo jamais ensinou tais coisas. Certamente não foram estes os ensinamentos de Hodge, Dabney, Shedd, Strong, Snowden ou Warfield. Nem é este o ensino da Escritura.

Perfeição sem pecado pertence apenas à vida celestial. Enquanto uma pessoa permanecer neste mundo, mesmo que ela de fato seja cristã e nascida de novo, restos da velha natureza ainda continuarão a existir, e ela será vítima, até certo ponto, de coisas como desejos egoístas, inveja, ciúmes, impaciência e etc. Todos nós temos ocasião para dizer junto a Paulo que “não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço” (Romanos 7:19). Santificação é um *processo* que não é concluído até a morte. Enquanto o mundo

presente continuar, todos nascidos nele serão membros de uma raça caída e pecaminosa. Eles podem ser trazidos a um estado de conhecimento salvífico de Deus e levados a uma vida justa e santa apenas através do poder regenerador e santificador do Espírito Santo. Alguns vivenciam a regeneração na infância, outros no meio de suas vidas ou em idade avançada, e alguns nunca passam por ela. Sempre existirão problemas para afligir os santos. Num ambiente cristão, as tentações de fato se tornam limitadas em escopo e intensidade, mas nunca são completamente eliminadas. O trigo e o joio continuarão a crescer juntos até a colheita, que é o fim do mundo.

Que tremenda diferença faria nesse mundo se a massa da população fosse cristã, e se padrões cristãos fossem as regras geralmente aceitas em nossa vida social, econômica, educacional e política! O progresso seria incrivelmente mais rápido e permanente, a pobreza e as doenças seriam eliminadas em sua maior parte, rivalidade econômica e política seria reduzida a um nível mínimo, e as conquistas de uma era prolongada de paz seriam preservadas, em vez de serem destruídas por guerras periódicas, como tem sido frequentemente o caso no tempo presente.

O Milênio é, de fato, simplesmente o desenvolvimento pleno do Reino da Graça à medida que ele é levado à fruição neste mundo. Este reino começa bem pequeno, mas ele cresce e, por fim, domina toda a terra.

Em algumas profecias no Antigo Testamento, o Reino futuro de Deus é descrito por meio do simbolismo de uma montanha. Nestas, é apresentado o triunfo da Igreja já existente, quando ela se tornará proeminente e influente em todas as fases da vida humana. Nenhum tipo novo de armas é necessário para a conquista do mundo, nem há qualquer

mudança de dispensações. David Brown diz: “A igreja já é tudo o que precisa ser. Ela é completa em sua vida e sempre presente Cabeça, tendo ‘todo o poder no céu e na terra’ à sua disposição, e recebendo esse poder também nos tempos pré-determinados, quando chega ‘o tempo de te compadeceres dela, o tempo determinado’”³³

Snowden exprime a ideia do que o Milênio será nas seguintes palavras: “O mundo ainda é jovem. A humanidade ainda está em sua infância. Os séculos se estendem diante dela em vastos panoramas. Há diante dela um prospecto de esperança e esplêndidas oportunidades. O futuro é róseo com a luz da manhã... A verdade será tirada do cadafalso, e a mentira expulsa do trono. Mais e mais Aquele que é digno reinará e a vontade de Deus será feita na terra, como é no céu. Este será o Milênio. As visões dos profetas hebreus do reino messiânico serão cumpridas em seu verdadeiro sentido espiritual e glorioso... Enquanto nos preparamos para os labores da vida, podemos olhar com esperança para o tempo em que, no sentido mais verdadeiro, os reinos desse mundo se tornarão o reino de Cristo, e Ele reinara para todo o sempre, Rei dos reis, e Senhor dos Senhores”³⁴

Como, então, será o Milênio? Em Atos 9:31, lemos que, após o perseguidor sanguinário da Igreja, Saulo de Tarso, ter sido transformado num cristão fervoroso “as igrejas em toda a Judeia, e Galileia e Samaria tinham paz, e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e consolação do Espírito Santo”. Tal descanso e suas benditas consequências serão uma das principais características do Milênio. Até o tempo presente, vimos tal descanso apenas

³³ David Brown, *The Second Advent*, pg. 342

³⁴ James H. Snowden, *The Coming of the Lord*, pg. 275

em círculos limitados e em curtos períodos de tempo. Mas, durante o Milênio, tal estado existirá por toda a Igreja e em todo o mundo. “Qual, então, é a diferença entre o estado presente e o milenar?”, pergunta David Brown. “É simplesmente a diferença”, ele responde, “entre arrebataramos tições do fogo que agora – entre um número menor e um maior de pessoas convertidas e santas. Isso é tudo.”³⁵

Em essência, não haverá diferença alguma entre o ensino e pregação do Evangelho naquela era e agora. A diferença será na *extensão* à qual ela se tornará eficaz na vida das pessoas. Assim como o cristianismo é triunfante agora em alguns grupos familiares e comunidades locais, assim ele será sobre todo mundo. O Milênio, portanto, não significa um estado de coisas nessa terra completamente novo e diferente, mas, em vez disso, a eliminação de grande maioria das influências malignas que ainda são tão proeminentes por todo o mundo, que trará, como consequência, um estado moral e espiritual mais elevado na vida da população. Então, figuradamente, o lobo e o cordeiro morarão juntos – aqueles que, anteriormente, eram antagônicos e odiosos entre si trabalharão juntos em um propósito harmonioso. O deserto florescerá como a rosa – literalmente, à medida que avanços científicos e econômicos levarem ao desenvolvimento de recursos naturais e a condições de vida geralmente prósperas pelo mundo, e também figuradamente, à medida que condições morais e espirituais são aperfeiçoadas. Pobreza e ignorância, em sua maior parte, serão eliminadas. Saúde e educação serão a regra geral, e a riqueza será imensamente mais abundante e mais amplamente distribuída.

³⁵ David Brown, *The Second Advent*, pg. 393

Em geral, então, o Milênio não envolverá mudança alguma na natureza do cristianismo, mas apenas em sua extensão, que se tornará mais ampla. Não haverá elementos nele que já não estejam presentes agora, em menor escala. Então será dito: “Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre”. Nas palavras de David Brown:

Quando o mundo, e o domínio, e a grandeza do reino, debaixo de todo o céu, for dado ao povo dos santos do Altíssimo; quando o domínio de Cristo for de mar a mar, e do Rio até os confins da terra; quando os homens forem benditos nEle, e todas as nações O chamarem de bendito; quando eles converterem suas espadas em enxadas e suas lanças em foices – com nação não mais levantando espada contra nação, e não aprendendo mais a guerrear – então, é claro, toda a terra estará em descanso e tranquila, salvo em relação às atividades infatigáveis de fazer o bem. Mas, mesmo então, a carne ainda militará contra o espírito, e o espírito contra a carne, e assim a salvação em todos os casos será ainda um triunfo da graça sobre a natureza, como é agora.³⁶

³⁶ Ibid., pg. 397

Capítulo X

A ERA MILENAR SE APROXIMA A PASSOS IMPERCEPTÍVEIS

A era dourada de justiça, é claro, não deve ser vista como tendo seu início de forma repentina, ou em alguma data específica. Ela não pode ser marcada no calendário, uma vez que ela chega com o resultado de um processo longo e demorado. “O reino de Deus não vem visivelmente.” (Lucas 17:20, TB). Ele vem como “primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga” (Marcos 4:28). Ou novamente, ele é “preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; regra sobre regra, regra sobre regra; um pouco aqui, um pouco ali” (Isaías 28:10, TB).

A chegada do Milênio é como a do verão, apesar de ser bem mais demorada e estar numa escala muito mais grandiosa. No embate entre as estações, há muitos avanços e muitos reveses aparentes. Repetidamente, os primeiros precursores da primavera aparecem, apenas para serem vencidos pelos ventos do inverno. Chega até mesmo a parecer que a batalha foi perdida e que o frio do inverno nunca será rompido. Mas, gradualmente, as brisas moderadas da primavera tomam conta e, após um tempo, encontramos-nos na gloriosa estação do verão.

Tentar definir com precisão a data na qual o Milênio começará é como tentar distinguir o dia ou o ano em que a história medieval terminou e a história moderna começou. O descobrimento da América por Colombo é geralmente tomado como um marco temporal que as divide. Pelo menos, para nós americanos, este é o ponto em que a idade média terminou e a história da América começou. Porém, o

descobrimento não causou mudança imediata alguma na vida do mundo e, de fato, o próprio Colombo morreu antes mesmo de saber que havia descoberto um novo mundo. Em retrospecto e por conveniência, escolhemos arbitrariamente uma data como o ponto de divisão entre as duas eras. Mas, na realidade, uma era se mistura à outra de forma tão lenta e imperceptível que nenhuma mudança é reconhecível por um tempo. Apenas com a perspectiva da história é que podemos olhar para o passado e definir uma data aproximada, talvez em um século ou dois, na qual uma era cessou e a outra começou. Assim será com a chegada do Milênio: indubitavelmente, seguirá a lei de todos os outros grandes períodos na história da Igreja, sendo sua aproximação gradual e imprevisível.

Vemos repetidamente na história da igreja momentos em que houve progresso em direção a padrões morais e espirituais mais elevados, apenas para que se sofressem trágicos reveses através de uma série de guerras ou outros retrocessos. Olhando a partir do ponto de vista dos eventos dos dias atuais, pode não ser possível dizer para qual lado as marés estão se movendo. Porém, pelos séculos, há progresso, grande progresso se olharmos para quinhentos anos atrás, ou mesmo mil, ou dois mil. Certamente, muitos daqueles que nos dizem que o mundo está ficando pior mudariam de ideia bem rapidamente se eles, de repente, se vissem na era colonial, ou na Idade das Trevas, ou na era pré-cristã.

O seguinte parágrafo pelo Dr. William Hendriksen, professor no *Calvin Seminary*, em relação à “prisão” de Satanás em Apocalipse 20:1-3, é bem oportuno. Diferimos com o Dr. Hendriksen apenas em relação ao fato de considerarmos a era milenar primariamente como uma era

futura na história da humanidade, enquanto ele, como Amilenista, a compreende como abarcando toda a era da Igreja. Mas isso não vem ao caso. Ele diz:

A igreja se tornou internacional. Essa igreja internacional é poderosa: “A Igreja marcha como um grande exército”... O particularismo da antiga dispensação deu lugar ao universalismo da nova. A Bíblia já foi traduzida em mais de 1.000 línguas. A influência do evangelho sobre o pensamento e a vida humana dificilmente pode ser superestimada. Em alguns países, as verdades abençoadas do Cristianismo afetam a vida humana em todas as suas áreas: política, econômica, social e intelectual. Só a pessoa falta em senso histórico e, portanto, incapaz de ver o presente à luz das condições preponderantes em todo mundo antes da ascensão de Cristo pode falhar na apreciação da glória milenar que vivemos hoje. A profecia encontrada em Salmo 72 está sendo cumprida ante os nossos olhos.³⁷

Fizemos muito progresso durante a era Cristã, mas, mesmo assim, em termos pós-milenistas, dificilmente parece que mesmo as mais avançadas dentre as nações na terra sequer são dignas de serem vistas como estando no princípio da aurora do Milênio. Podemos até dizer que ainda estamos trabalhando, primariamente, no estabelecimento dos alicerces, e não na construção da estrutura em si. Alguns amilenistas, como acabamos de ver, negam que há uma era dourada futura, seja em termos pós- ou pré-milenistas, e defendem que o termo abarca todo o período entre a primeira e a segunda vindas de Cristo. Cremos, no entanto,

³⁷ William Hendriksen, *Mais que Vencedores*, pg. 221, Editora Cultura Cristã, 2018

que, apesar de estarmos progredindo, ainda há um longo caminho a ser percorrido, e que o Milênio será algo muito mais avançado e glorioso do que tudo o que já vimos.

Defendemos que Cristo não é meramente um vencedor em potencial contra o pecado, mas que ele realmente o venceu de uma vez por todas. Durante seu reino no período entre Suas duas vindas, Ele está continuamente levando à fruição os resultados da vitória que Ele conquistou, gradualmente derrotando as forças do mal, até que todos os Seus inimigos sejam postos por escabelo de Seus pés (Atos 2:35). A dispensação na qual estamos é um período de conquista progressiva, para que a Sua vinda seja a um mundo convertido. São bem apropriadas aqui as palavras do Dr. Samuel G. Craig:

Certamente, com base na Escritura, podemos ter a garantia da expectativa de um período relativamente dourado em comparação com o que presenciamos atualmente. Cristo hoje é o cabeça de um reino, um reino que não meramente trava um conflito contra o mal, mas triunfa contra ele. Hoje, vivemos em meio a um período que é relativamente dourado se contrastado com o período no qual o Novo Testamento foi escrito. Ademais, Cristo deve avançar vencendo e para vencer até que os reinos desse mundo se tornem o reino de nosso Senhor e Seu Cristo, até que, verdadeiramente, a oração que Ele ensinou Seus discípulos a orarem seja realizada: 'Venha o teu reino, seja feita a tua vontade na terra, como é no céu'.³⁸

Um mundo legitimamente cristianizado foi o objetivo posto diante dos discípulos pelo próprio Cristo, pois ele disse: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações". E o

³⁸ Samuel G. Craig, *Jesus as He Was and Is*, pg. 278

fato de que este pudesse ser um processo longo e vagaroso foi indicado pelo tipo de promessa que ele deu em conexão com esta ordem: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação do mundo” (Mateus 28:20). O fermento deve trabalhar até que ele fermente toda a massa. O reino, como a pequena semente de mostarda, deve crescer até que ele se torne uma árvore. Aqui também se vê o cumprimento da promessa: “A terra será cheia do conhecimento de Jeová, assim como as águas cobrem o mar.” (Isaías 11:9, TB). João nos dá a profecia de que o diabo será preso por mil anos “para que não mais engane as nações” (Ap. 20:3). E que esta última profecia se refere não ao estado intermediário, nem à ordem eterna, mas à presente ordem mundial, deve ficar claro a partir do fato de que João vê um anjo “descendo do céu” (TB) à terra, e de que as *nações*, entidades que se relacionam à presente ordem mundial, são especificamente mencionadas. As nações, como conceito, não têm lugar no reino celestial.

A terra durante a presente dispensação nunca poderá, é claro, se tornar um paraíso plenamente restaurado. Porém, um mundo cristianizado pode oferecer um vislumbre do céu, uma prévia do bem que Deus tem reservado para aqueles que O amam. Em essência, cristãos já são partícipes da vida celestial. Eles já “nasceram de novo” ou “nasceram do alto” (João 3:3); eles já foram “vivificados”, quando antes estavam “mortos” em suas ofensas e pecados (Efésios 2:1); eles são “participantes da vocação celestial” (Hebreus 3:1); eles “provaram o dom celestial” (Hb. 6:4); a sua “cidadania está nos céus” (Fp. 3:20); e Paulo diz que Deus já “nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus” (Ef. 2:6). Quando nascemos de novo, nascemos no Reino e nos tornamos

partícipes dos benefícios preliminares do Reino já neste mundo.

Portanto, vemos o mundo progredindo lenta, porém seguramente, em direção a um alvo pré-determinado. Muito progresso já foi feito. Os raios do nascente Sol da Justiça já começam a dissipar as trevas, a confusão, a iniquidade e a ruína que eles estão destinados a eliminar. Como diz o Dr. Warfield: “De acordo com o Novo Testamento, o tempo em que vivemos é precisamente o tempo em que o nosso Senhor está conquistando o mundo para Si mesmo; e é a conclusão desta conquista que, marcando a finalização de Sua obra de redenção, define o tempo de Seu retorno à terra para consumir o Seu reino e estabelecê-lo em sua forma eterna.”³⁹

³⁹ B. B. Warfield, *The Gospel of the Second Coming*, artigo publicado em *The Bible Magazine*, abril de 1915

Capítulo XI

OS MIL ANOS COMO UMA FIGURA SIMBÓLICA

Ao lermos o livro de Apocalipse, nos deparamos com expressões figuradas ou simbólicas em cada página. As igrejas são simbolizadas por sete castiçais de ouro. Sete espíritos diante do trono são utilizados para simbolizar a plenitude do único Espírito Santo. Lemos sobre o Cordeiro tendo sete chifres. Não esperamos ver um cordeiro literal, nem sete chifres literais, mas sabemos que isso simboliza a plenitude do poder de Cristo. Doze é o número da Igreja, e onde quer que a Igreja seja mencionada, veremos esse número ou um múltiplo – doze apóstolos, vinte e quatro anciões, ou a totalidade do povo de Deus simbolizada pelo número 144.000. Na Bíblia, o número dez representa totais arredondados. Daí a razão de termos a lei moral sumarizada nos dez mandamentos. Dez pragas no Egito, cada uma delas direcionada a um dos deuses egípcios, demonstraram a completa superioridade do Deus dos hebreus sobre os deuses do Egito. No tabernáculo, o Santo dos Santos, o lugar onde Deus manifestava a Sua presença, tinha dez côvados de comprimento, dez côvados de largura, e dez côvados de altura. O cubo, com todas as suas dimensões iguais, simboliza perfeição. Mil é a potência cúbica de dez, e simboliza a vastidão numérica ou temporal. Em Salmo 50:10 (KJF), a expressão “o gado sobre mil colinas” não significa que apenas o gado em exatamente mil colinas do mundo são dEle. Quando o Senhor disse a Pedro que ele deveria perdoar o seu irmão não sete vezes, mas setenta vezes sete (Mateus 18:22), Ele não quis dizer 490 vezes, mas que ele deveria perdoá-lo quantas vezes pedisse com sinceridade para ser

perdoado. A Nova Jerusalém, sobre a qual lemos em Apocalipse 21, é retratada como uma cidade na forma de um cubo de 12.000 estádios (2.200 km) em cada lado, uma figura que simboliza perfeição, grandiosidade e imensidão. “O seu comprimento, largura e altura eram iguais”, diz João. A cidade era cercada por um muro de 144 côvados de altura (12 ao quadrado), ou 65 metros, o que, ao povo a quem João escreveu, simbolizaria segurança absoluta. Nem o formato, nem as dimensões da cidade devem ser tomadas com precisão matemática, como se estivessem descrevendo um apartamento gigantesco.

Em Apocalipse 20, não vemos João escrevendo sobre um dragão ou uma serpente literal. Nem o compreendemos como se estivesse falando de um anjo com uma chave literal, ou uma corrente literal em suas mãos, com as quais ele prende o diabo. Bem claramente, os “mil anos” não devem ser compreendidos como uma quantidade exata de tempo, mas, em vez disso, como um número simbólico. Não há lugar para aritmética estrita aqui. O termo é uma expressão figurada, indicando um período indefinidamente longo de tempo, talvez não menos que literais mil anos e, com toda probabilidade, bem mais duradouro. Contudo, ainda é um período definitivamente limitado, durante o qual eventos específicos ocorrem e que, após ele, outros eventos devem se seguir.

Referente a este simbolismo, o Dr. Warfield diz:

É bem certo que o número 1000 representa na Bíblia o simbolismo de absoluta perfeição e completude; e que o simbolismo da Bíblia inclui também o uso de um período de tempo para exprimir a ideia de grandeza, em ligação à perfeição e completude. Não deve ser necessário insistir novamente aqui sobre o uso simbólico de números no

Apocalipse e a consequente necessidade posta sobre o interpretador de tratá-los de forma consistente, não meramente como símbolos, mas representando diferentes ideias. Eles constituem numa linguagem e, assim como qualquer outra linguagem, podem ser incorretamente compreendidos a menos se interpretados e lidos como expressões de ideias bem definidas. Quando o profeta diz sete, ou quatro, ou três, ou dez, ele não utiliza estes números de forma arbitrária, mas exprime uma noção específica através de cada um deles. O número sagrado sete em combinação com o igualmente sagrado número três forma o número da santa perfeição, dez, e quando este dez é elevado ao cubo como mil, o profeta diz tudo o que ele poderia dizer para transmitir às nossas mentes a ideia de plenitude absoluta. Indubitavelmente, no entanto, é de maior importância ilustrar o uso de períodos de tempo para retratar a ideia de completude. Ezequiel 39:9 nos dá um exemplo disso. Nesta passagem, a completude da conquista de Israel sobre seus inimigos é expressa pela declaração que sete anos se passarão na queima dos destroços da batalha: eles ‘irão adiante’, lemos, ‘e queimarão as armas, tanto os escudos quanto os broquéis, os arcos e as flechas, e bastões de mão, e as lanças; e eles os *queimarão com fogo por sete anos.*’ Seria absurdo supor que o sentido intencionado seja de que o fogo permanecerá aceso por sete anos. Temos aqui apenas uma hipérbole que indica a grandeza da massa a ser consumida e a completude da obliteração. Um emprego meio que similar da expressão de tempo para exprimir a ideia de grandeza é encontrada no décimo-segundo versículo do mesmo capítulo, onde, após a derrota de Gogue ‘e toda a sua multidão’, é dito: ‘E a casa de Israel os estará enterrando durante sete meses, para que eles possam limpar a terra.’ Isso implica em dizer que a multidão dos mortos é tão grande que, por maneira de hipérbole, o seu sepultamento é descrito como durando

Os Mil Anos como uma Figura Simbólica

sete meses. O número sete empregado por Ezequiel nestas passagens é substituído pelo número mil na presente passagem, com o efeito de ampliar grandemente a ideia de grandeza e completude transmitida. Quando é dito que os santos hão de viver e reinar com Cristo por mil anos, a ideia intencionada é a de inconcebível exaltação, segurança e beatitude além do que pode ser exprimido pela linguagem ordinária.⁴⁰

Similarmente, o Dr. Abraham Kuyper diz:

Os números e os indicadores de [quantidade de] pessoas que aparecem neste livro não são números reais, mas figurados. Não devemos tomar o número 144.000 como se fosse o número de um homem, daqueles que foram salvos primeiro. Os 1600 estádios do rio de sangue que chega até os freios dos cavalos não é uma descrição geográfica. Todas estas figuras devem ser compreendidas simbolicamente.⁴¹

O fato de que Calvino compreendia os “mil anos” figuradamente é claro para além de qualquer dúvida. Ele rejeita e descarta a ideia de interpretação literal em uma breve referência:

Mas pouco tempo depois surgiram os quiliastas, que limitaram o reino de Cristo ao término de mil anos. Mas este desvario é tão pueril que não merece e nem precisa de refutação.⁴²

⁴⁰ B. B. Warfield, *The Millennium and the Apocalypse*, artigo reimpresso em *Biblical Doctrines*, pg. 654

⁴¹ Abraham Kuyper, *Artigo Chiliasm or Premillennialism*, pg. 28

⁴² João Calvino, *A Instituição da Religião Cristã, Tomo II* (trad. Elaine C. Sartorelli), Lv III, Cap. XXV, Sec. 5, pg. 448. Editora UNESP, 2008

No entanto, devemos ressaltar que, em Apocalipse 20, os “mil anos” dos versículos 1-3 e os “mil anos” dos versículos 4-6 não se referem ao mesmo elemento. O Milênio dos versículos 1-3 refere-se a um período do *futuro da terra*, durante o qual o diabo será preso para que ele não mais possa enganar *as nações*. O Milênio dos versículos 4-6, durante o qual as almas dos “que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus” vivem e reinam com Cristo, refere-se ao *estado intermediário*, e para cada alma individual abrange o período entre a morte e a ressurreição. Que estas almas que vivem e reinam com Cristo estão no estado intermediário é indicado: (1) pelo fato de que João as viu como “almas”, e não como pessoas com corpos; (2) pelo fato que elas são contrastadas com um segundo grupo, “o restante dos mortos” (Ap. 20:5, NVI), portanto ambos os grupos devem ser identificados com os mortos – aqueles que morreram no Senhor, dos quais Apocalipse 14:13 fala, e aqueles que morreram em seus pecados e, portanto, não têm parte no reino intermediário junto a Cristo; e (3) pelo contraste entre a expressão “a primeira ressurreição”, e outra expressão figurada, “a segunda morte” (v. 14). Ninguém compreende este último termo como literalmente se aplicando a uma segunda morte física. Ele é comumente entendido como se referindo à punição eterna dos iníquos. Similarmente, “a primeira ressurreição” é uma expressão figurada, e este evento (vida no estado intermediário) é chamado desta forma para distingui-lo da ressurreição do corpo que ocorre mais tarde. Alguns, contudo, entendem “a primeira ressurreição” como se referindo à regeneração da alma, isto é, ao novo nascimento do crente, que é seguido por um período de santificação nesta vida e é coroado quando este é levado aos céus para reinar com Cristo

durante o período entre a morte e a ressurreição. Em todo caso, “mil anos” deve ser compreendido simbolicamente como se referindo a um período de tempo indefinidamente longo. Para os santos do Antigo Testamento e para os que morreram no princípio da era cristã, este reino já perdurou por bem mais que mil anos literais.

Capítulo XII

UMA APOSTASIA E REBELIÃO FINAL?⁴³

Uma questão que confronta tanto o Pós- quanto o Pré-Milenismo é: Há uma breve, porém mundial, apostasia e rebelião ao final do Milênio? Será que uma grande proporção da raça humana, após desfrutar dos elevados privilégios da vida na era milenar, se voltará violentamente contra Deus e Sua justiça e tentarão depor o Reino que foi estabelecido?

Que isto deva ocorrer é geralmente a posição tanto do Pós- quanto do Pré-Milenismo. Em relação ao Amilenismo, uma rebelião final não apresenta dificuldade alguma, já que ele não sustenta a expectativa de uma era futura de justiça. A maioria dos amilenistas, no entanto, também previam uma grande apostasia. Mas, levando em conta os princípios tanto pós- quanto pré-milenaristas, e acontecendo bem no ápice do reino milenar, tal desenvolvimento parece bem anticlimático e aparenta retratar um futuro desagradável. Independentemente de vermos a era milenar como o resultado e o fruto de uma longa e custosa campanha de evangelismo mundial, como os pós-milenistas creem, ou como um reino divinamente estabelecido por Cristo governando pessoalmente em Jerusalém, uma apostasia geral na qual o diabo recebe um triunfo mundial, apesar de breve, parece não fazer sentido algum. Muita da glória do Reino pareceria ser perdida em tal rebelião

⁴³ Traduzido a partir de seu texto original integral, conforme a edição de 1957 de *The Millennium*. A edição revisada de 1984 relega parte da discussão sobre o assunto a uma seção posterior, fora do escopo da presente tradução. [N. T.]

A Escritura em questão é Apocalipse 20:3, 7-10. Após a declaração de que Satanás será acorrentado e lançado no abismo por mil anos, para que não mais engane as nações, lemos:

E depois disto importa que seja solto por um pouco de tempo... E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e de Deus desceu fogo, do céu, e os devorou. E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.

Esta passagem contém muita linguagem figurada e ela, admitidamente, é difícil de ser interpretada. Contudo, como mencionado anteriormente, cremos que a prisão de Satanás à qual os versículos 1-3 se referem, para que ele não mais engane as nações, significa que o mundo será cristianizado. Estes versículos claramente se referem à terra, já que João viu o anjo *descer do céu*, e o diabo foi preso para que ele não mais enganasse as *nações* até o término dos mil anos. A menção a “nações” refere-se à vida terrena, não à vida celestial. Cremos que os versículos 4-6 são parentéticos e referem-se ao estado intermediário.

Devemos nos lembrar, em primeiro lugar, que o diabo já é um inimigo derrotado e caído, e que ele não mais pode tentar ou prejudicar a humanidade ou fazer qualquer outra coisa, exceto se receber permissão de Deus. Pré-milenistas têm uma tendência de subestimar o poder de Deus e superestimar o poder do diabo. Alguns falam como se o

diabo fosse um inimigo formidável, “o deus desse mundo” num sentido literal, praticamente em pé de igualdade com Deus, e estivesse alcançando muitas vitórias. Nunca seremos capazes de compreender o curso dos eventos deste mundo a menos se mantivermos em nossas mentes que Deus é o absoluto e inquestionável Soberano sobre tudo o que existe, e que nenhum evento, seja bom ou mal, grande ou pequeno, pode ocorrer sem ou Sua vontade permissiva ou decretiva. Que Ele permite muito mal que Ele poderia impedir se Ele escolhesse é um fato inegável. Mas Ele o limita, o controla, e, por fim, prevalece sobre ele para a Sua própria glória e para o bem maior de Seu povo. Ele frequentemente usa uma pessoa ou poder maligno para punir outro. O poder que o diabo e os homens maus tem nesse mundo é como o que o cruel e arrogante rei da Assíria exercia contra Israel, que, enquanto perseguia seus próprios planos, estava, na realidade, sendo apenas o instrumento de Deus para o castigo de Israel (Is. 10:5-15). Ele estava completamente nas mãos de Deus e não poderia ir mais longe do que Deus permitisse. Esta é a única visão adequada do curso da história se quisermos entender o trato de Deus para com a humanidade.

Tudo isso é claramente exposto na história de Jó. O diabo não podia tocar em Jó até que recebesse permissão para tal, e então poderia fazê-lo apenas dentro de limites prescritos. Deus prevaleceu sobre os desígnios malignos do diabo e fez uso deles para santificar ainda mais o Seu servo. Usando este meio, Deus provou a paciência de Jó, humilhou o seu orgulho, aniquilou sua autoconfiança e, por fim, levou Jó a confiar ainda mais profundamente em Sua graça. No Novo Testamento, lemos que “Deus não poupou aos anjos que pecaram [incluindo o diabo], mas, havendo-os lançado

no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo” (2 Pedro 2:4). Durante o ministério público de Jesus, o diabo e os demônios foram sujeitos imediatamente aos Seus comandos. Dessa forma, qualquer interpretação que fizermos de Apocalipse 20 deve ser feita com base no fato que o diabo está a todo tempo debaixo do controle absoluto de Deus e sujeito aos Seus comandos.

Contudo, pode muito bem ser o caso que, logo antes do fim, Deus permita uma manifestação limitada do mal, para que se possa ver novamente e mais claramente o quão horrível o pecado é e o quanto ele merece punição. É bem natural imaginar que pessoas que passaram a vida toda num ambiente comparativamente cristão, especialmente aqueles que viveram durante a era gloriosa que chamamos de Milênio, achariam quase impossível acreditar que o diabo e seus seguidores são tão maus quanto se diz sobre eles, ou tão merecedores de punição assim. Portanto, logo antes do juízo final e da punição última ao diabo e seus seguidores, será dada a ele certo grau de liberdade. Ele imediatamente irá reunir alguns seguidores e, com eles, realizará uma última tentativa desesperada de destruir o Reino. O fato de que ele será capaz de ganhar alguns seguidores não deve ser visto como estranho, já que, mesmo durante o Milênio, ainda existirão alguns que não são cristãos regenerados.

O resultado é que, através de suas ações, o Diabo se revelará como sendo o mesmo personagem homicida, mentiroso e enganador que ele sempre foi deste o princípio. Sua rebelião mostrará novamente, e de uma maneira que ninguém será incapaz de entender, o quão abominável e merecedor de punição o pecado é. Ele sairá para enganar as nações, isto é, estenderá sua atividade a nível mundial, e terá sucesso em reunir um grande número de seguidores, uma

companhia que aparenta ser, no ponto de vista humano, numerosa como “como a areia do mar”. Contudo, na realidade, é um grupo pequeno em comparação com aquele dos santos da Igreja. Este último é descrito em Apocalipse 7:3-4 pelo número simbólico de 144.000 – doze, o número da Igreja, elevado ao quadrado e multiplicado por mil para transmitir a ideia de vastidão e completude.

Não devemos pensar no resultado da “guerra” que é mencionada nos versículos 7-10 como sendo algo que realmente ameace a segurança e a proteção do Reino, nem crer que ele esteja em risco por um único momento. Apesar do diabo e seus seguidores receberem a permissão de se exibirem numa demonstração pública de sua insurreição e serem muito barulhentos, eles são mantidos dentro de limites estritos. A rebelião é de curta duração e, após ela cumprir seu propósito, fogo desce dos céus e destrói tanto o diabo quanto seus seguidores. Vista sob este ângulo, a curta ressurgência do mal próximo ao fim é, com efeito, uma parte do grande juízo final – ou, no mínimo, uma preparação para ele. O resultado geral é que Deus usa o evento para demonstrar novamente a todos os seres inteligentes por todo o universo o quão justos e retos são Seus caminhos para com todas as Suas criaturas.

Sem dúvidas, esta “guerra” final nada tem a ver com manobras militares ou equipamento bélico, ou mesmo com localidades geográficas. É a última fase da guerra espiritual que tem sido travada entre a semente da mulher e a semente da serpente desde a queda do homem no Jardim do Éden. Cremos que já mostramos claramente que a grande batalha descrita em Apocalipse 19:11-21 não é um conflito militar, mas espiritual, que é travado pelos séculos. A guerra contra os santos em Apocalipse 20:7-10 é da mesma natureza,

apesar de sua duração muito mais curta. O povo do Senhor tem um lugar de refúgio e segurança no “arraial dos santos”, na “cidade amada”, e nem um único deles é perdido. “O arraial dos santos” e “a cidade amada” do versículo 9 são, claramente, expressões figuradas que se referem à Igreja, a qual é uma fonte de força, sabedoria e segurança espirituais para os santos. As almas regeneradas na Igreja verdadeira, como é revelado em Apocalipse 7:3-4, são seladas para que não pudessem ser feridas, isto é, para que elas não pudessem ser levadas à apostasia por quaisquer das obras do diabo. Nenhum dos verdadeiros santos apostata para servir ao diabo. Por todo o tempo, estão sob proteção divina, que é simbolizada pelo fogo que desce dos céus e devora seus inimigos. As armas usadas por Satanás e seus seguidores são falsas doutrinas, heresias, mentiras, calúnias, etc., as quais são direcionadas contra o povo do Senhor. Aqueles que não são cristãos verdadeiramente nascidos de novo são vítimas fáceis dos ardis do diabo. Mas os verdadeiros cristãos são preparados em seu interior e estão prontos para enfrentar quaisquer ataques do tipo e tais coisas não lhes podem causar dano.

Anteriormente no Novo Testamento, ao escrever aos cristãos na Igreja em Éfeso, Paulo usou uma linguagem similar e expôs minuciosamente a ideia de que o Cristão está interiormente preparado e seguro contra os ataques do maligno: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus”, ele diz, “para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.” “Porque”, ele continua, “não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para

que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos,” (Ef. 6:11-18). E aos cristãos coríntios, ele escreveu: “Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas sim poderosas em Deus para destruição das fortalezas; destruindo argumentos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo” (2 Co. 10:3-5).

Supor que, ao fim do Milênio, a vasta multidão dos santos de Deus está, literalmente, encurralada na cidade de Jerusalém por seus inimigos e praticamente indefesa é presumir o absurdo. Precisamos sempre manter em mente que esta é uma linguagem simbólica, que o que estamos vendo não é a realidade, mas sim uma visão, um grande espetáculo, e que quaisquer símbolos materiais são usados, meramente, para transmitir verdades espirituais.

Em seu livro recente, *Revelation Twenty* [Apocalipse 20], Rev. J. Marcellus Kik faz o seguinte comentário referente à soltura de Satanás e a guerra contra a cidade amada:

Perceba que Satanás não é liberto da prisão por seu próprio poder. Ele não rompe suas correntes. Ele é solto pelo Senhor... Os nomes de Gogue e Magogue são usados da mesma forma que usaríamos os nomes de ‘Hitler’ e ‘Nazista’ após nossa experiência com a Segunda Guerra Mundial.

Hitler e Nazista trazem às nossas mentes a ideia de exércitos cruéis que causaram grande devastação. Podemos muito bem chamar algum tirano futuro de *Hitler* e alguma nação futura de *horda nazista* sem ter os alemães em mente. Em Apocalipse, os nomes dos inimigos antigos são usados para designar novos. Gogue e Magogue representam inimigos futuros da Igreja cujos nomes ainda são desconhecidos. Este tipo de interpretação é ensinado em Apocalipse 11:8, 'E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o nosso Senhor também foi crucificado.' Sodoma e Egito são 'espiritualizados'. Assim também 'espiritualizamos' Gogue e Magogue...

É difícil para alguns conceber a natureza da oposição. A linguagem é tão vívida que é difícil percebermos que esta não é uma batalha de armas – de espadas ou fuzis. Nosso Senhor claramente afirma que a batalha pelo cristianismo não é combatida através da espada carnal. Ela é uma batalha entre o verdadeiro Evangelho e o falso Evangelho. É uma batalha da verdade contra o erro. É uma batalha da luz contra as trevas. Não é uma guerra contra carne e sangue, 'mas contra os principados, contra as potestades, contra os governantes das trevas deste mundo, contra a maldade espiritual em regiões celestiais' (KJF)...

E cercaram o arraial dos santos. A Igreja é comparada a um arraial, ou seja, um acampamento militar. Esta é uma figura emprestada da época de Moisés e Josué, quando a Igreja, até mesmo externamente, assumia a forma de um acampamento militar. As doze tribos com seus estandartes cercavam o Tabernáculo em quatro lados. O acampamento tinha a forma de um quadrado; do qual seus quatro lados deveriam ser postos em direção aos quatro pontos cardeais. Este era um tipo da cidade celestial como vista em Ezequiel 48:20 e a cidade quadrangular de Apocalipse 21:16. O

acampamento e a Cidade são apenas figuras de linguagem diferentes para descrever a Igreja na terra. A Igreja nos céus jamais será cercada por inimigos como os retratados em Apocalipse 20...

Para outros, esta é a literal cidade de Jerusalém. Pensar só um pouco sobre isso já é o bastante para mostrar o quão impossível isso é. Imagine todos os exércitos das nações do mundo sitiando uma única cidade na Palestina! E você deve imaginar exércitos modernos com mísseis, bombas e aviões. A terra da Palestina não poderia conter todos os exércitos do mundo. Isto é linguagem figurada. Isto é a linguagem do Antigo Testamento para expressar a inimizade do mundo contra a igreja.⁴⁴

Comentando sobre a afirmação que “de Deus desceu fogo, do céu, e os devorou”, o Rev. Kik mostra que isto, evidentemente, se refere à segunda vinda de Cristo, que ocorre bem ao fim do Milênio. Ele diz:

Já que nada mais está escrito nesta profecia concernente a um período intermediário entre a destruição de Gogue e Magogue e a ressurreição dos mortos, este deve ser o último golpe destruidor. É a revelação de Cristo, como descrita em 2 Tessalonicenses 1:7-9: ‘e a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando o Senhor Jesus se revelar desde o céu, com os seus anjos poderosos, em chama de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais serão punidos com eterna destruição, longe da presença do Senhor e da glória do seu poder’ (KJF)⁴⁵

⁴⁴ J. Marcellus Kik, *Revelation Twenty*, pp. 61-66

⁴⁵ Ibid., pg. 69

É válido mencionar, em relação ao presente assunto, que o Dr. Warfield não cria que haveria ressurgência alguma do mal próximo ao fim, mas sim que, no retorno de Cristo, o presente Reino – então aperfeiçoado, com a derrota do último inimigo, a morte – seria unido ao Reino eterno. Sua visão difere um pouco do que foi exposto até agora, no sentido de que ele compreendia toda a seção de Ap. 20:1-20 como sendo referente ao estado intermediário, enquanto cremos que apenas os versículos 4-6 o são. Ele cria que a menção a “mil anos” tinha a intenção de descrever o júbilo celestial dos santos no Paraíso, em contraste com o tempo de provação da Igreja, descrito como “um pouco de tempo”. Esta visão permitia a ele defender que não haveria apostasia ou rebelião alguma ao findar da era dourada de justiça e paz. Como pós-milenista, ele cria que o mundo seria convertido ao Cristianismo antes do retorno de Cristo, mas ele baseava sua visão em Apocalipse 19:11-21 e nas alusões em Romanos 11 e 1 Coríntios 15, do que em Apocalipse 20:1-10:

A imagem que é trazida diante de nós é, em suma, um retrato do ‘estado intermediário’ – dos santos de Deus reunidos no Céu, longe do ruído de confusão e das vestes banhadas em sangue que caracterizam a guerra na terra, para que eles aguardem o fim em segurança. Os mil anos, portanto, representam a presente dispensação como um todo, a qual é, novamente, posta diante de nós em sua totalidade, mas tendo em vista não o que ocorre na terra, mas o que é desfrutado ‘no Paraíso’. Este, de fato, é o significado do símbolo de mil anos. O período entre os adventos é, na terra, um tempo partido – três anos e meio, ‘um pouco de tempo’ (v. 3) – o qual, em meio a adversidade e tribulação, os santos são encorajados a olhá-lo como sendo de curta duração, prestes a acabar. Aos santos na alegria celestial é, no entanto, um período longo e bendito

que passa lentamente e pacificamente, enquanto eles reinam com Cristo e desfrutam da bênção da santa comunhão com Ele – ‘mil anos.’

É visível que a passagem (Apocalipse 20:1-10) não nos dá uma descrição direta do ‘estado intermediário’. Precisamos manter em mente que o livro que estamos lendo é escrito em símbolos e não nos dá uma descrição direta de nenhuma das realidades que nos são apresentadas, mas sempre apenas dos símbolos que as representam. Na visão antecedente (Apocalipse 19:11-21), não temos nenhuma descrição direta do triunfo e do progresso do Evangelho, mas apenas de uma batalha violenta e horrenda: a simples frase que descreve a espada destruidora como sendo uma “que saía da sua boca”, da boca do Cristo conquistador, ela por si só indicava uma conquista realizada por meio de palavras persuasivas. Então, não devemos esperar aqui uma descrição direta do ‘estado intermediário’... É uma descrição em forma de uma narrativa: o elemento do tempo e de sucessão cronológica pertence ao símbolo, não ao elemento que é simbolizado. A “prisão de Satanás” é, portanto, na realidade, não por uma estação, mas com referência a uma esfera da realidade; e a sua “soltura”, novamente, não é após um período, mas em outra esfera: o que é sugerido não é subsequência, mas sim exterioridade. Não há, de fato, nenhuma ‘prisão de Satanás’ literal. Portanto, o que acontece, não acontece a Satanás, mas aos santos, e é apenas representado como acontecendo a Satanás para os propósitos da imagem simbólica. O que ocorre, na realidade, é que os santos mencionados são removidos da esfera dos ataques de Satanás. Eles são descritos como livres de todos os acessos de Satanás – ele está preso com respeito a eles: fora de sua esfera protegida, a obra horrível do maligno ainda continua. Isso é indicado, de fato, pelo emprego preciso dos dois símbolos ‘mil anos’

e ‘um pouco de tempo’: “Mil anos” é o símbolo de completude e plena bênção celestiais; “um pouco de tempo”, de mal e tribulação terrenos. Aqueles nos “mil anos” estão a salvo dos ataques de Satanás: aqueles fora dos mil anos ainda resistem aos seus ataques. E, portanto, aquele que está preso com respeito aos que estão nos mil anos não foi destruído; e a visão, consequentemente, exige ser concluída com um relato de sua completa destruição e, claramente, isso também deve ser apresentado na forma narrativa de uma soltura de Satanás, a reunião de seus exércitos, e a sua destruição através de fogo vindo do alto.⁴⁶

Apesar de não concordarmos totalmente com esta visão, cremos que os pontos de vista de um teólogo notável como ele devem ser levados em consideração ao realizar um tratamento abrangente desta questão, e concordamos que Apocalipse 20:1-10 não fornece base real alguma para a crença de que haverá uma apostasia final no sentido de uma grande proporção dos habitantes da terra se voltar contra Deus, ou no de a segurança dos santos ser ameaçada de forma séria.

Mencionamos anteriormente que cremos que haverá uma manifestação pública do mal por parte daqueles que nunca foram justos, e com o propósito de mostrar o quão horrendo e merecedor de punição o pecado é. Mas não cremos que isto resultará na perda de sequer um dentre os santos. Além disso, após vermos em Apocalipse 19:11-21 o quão completa a vitória de Cristo é, e o quão totalmente esmagados os Seus inimigos serão, não podemos crer que, próximo ao fim, Deus, como Governante soberano do

⁴⁶ B. B. Warfield, *The Millennium and the Apocalypse*, artigo reimpresso em *Biblical Doctrines*, pp. 649-651

mundo – Aquele de quem as Escrituras dizem: “Como correntes de água é o coração do rei na mão de Jeová; ele o inclina para onde quiser” (Pv. 21:1, TB); e “Ele faz conforme a sua vontade no exército do céu e entre os habitantes da terra, e não há quem possa resistir a sua mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Dn. 4:35) – repentina e propositalmente irá abrir mão de tal vitória e permitir ao diabo um triunfo mundial, até mesmo pelo mais breve período. Assim que a árdua batalha estiver terminada e tal vitória magnífica alcançada, poderemos ter a absoluta certeza que ela estará devidamente protegida, e que nunca mais será permitido ao diabo se levantar como um oponente sério contra Deus.

E cremos que este é o ensino consistente da Escritura. Talvez a afirmação mais definitiva referente à permanência do reino do Messias é encontrada na interpretação do sonho de Nabucodonosor por Daniel, onde, após indicar os reinos mundiais sucessivos que deveriam se levantar, Daniel diz: “Nos dias desses reis, suscitará o Deus do céu um reino que não será jamais destruído, nem passará a soberania deste a outro povo; mas fará em pedaços e consumirá todos esses reinos, e ele mesmo subsistirá para sempre” (2:44, TB). Ezequiel retrata as sempre crescentes bênçãos do reino do Messias como uma torrente de águas purificadoras que saíam por debaixo do umbral do tempo, primeiro apenas com uma profundidade que batia nos tornozelos, depois nos joelhos, depois nos lombos, e depois se tornando um grande rio que não podia ser atravessado (47:1-5). Zacarias fala sobre o Reino Messiânico que “o seu domínio se estenderá de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra” (9:10). As profecias do reino em Isaías e Miqueias ensinam uma vitória completa sem nunca fazerem menção a uma apostasia final. Falando através do Salmista, Deus diz: “Pede-

me, que te darei as nações por tua herança e as extremidades da terra, por tua possessão” (2:8, TB).

O Novo Testamento apresenta o mesmo ensino. O rio de águas purificadoras é cumprido no ministério vivificador da Igreja Cristã. O reino dos céus é descrito como sendo “semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado.” (Mt. 13:33). “O restante dos homens... e todos os gentios” hão de ‘buscar ao Senhor’ (Atos 15:17). Cristo deve sentar-se à destra do Pai até que todos os Seus inimigos sejam postos debaixo de Seus pés (Atos 2:35) – e não há razão para crermos que estes inimigos, uma vez conquistados, um dia serão permitidos a se levantarem e guerrear novamente.

Um contraste marcante entre o Milênio em que os pós-milenistas creem e o dos pré-milenistas é visto no grau em que o mal será permitido a se manifestar durante essa época e ao seu fim. Os pós-milenistas creem que, quando o Milênio se tornar realidade, o mal será reduzido a um nível mínimo. Mas os pré-milenistas creem que, apesar de Satanás ser preso para que não mais engane as nações, tais nações continuarão a ser inimigas em seus corações, prontas para se voltarem a Satanás e a seguir sua liderança numa guerra contra os santos, no momento em que os mil anos terminarem. De acordo com a visão pré-milenista, o mal é efetivamente mantido sob controle durante o Milênio apenas graças ao governo com vara de ferro de Cristo.

Pré-milenistas que estão acostumados a pensar na era milenar como uma era de justiça e paz podem se surpreender com o que três de seus homens representativos que foram tão influentes em trazer o sistema à sua forma presente (Dispensacionalismo) disseram sobre o assunto. John N.

Darby, cuja influência no início do movimento foi bem formativa, diz:

*Agora há uns poucos fieis, com Satanás sendo o príncipe e deus deste mundo, que remam contra a maré. Então Cristo será o príncipe deste mundo, e Satanás será preso, e a obediência será dada ao poder manifesto de Cristo, mesmo quando os homens não forem convertidos. Quando esta obediência não é dada, a extirpação ocorre, para que tudo esteja num estado de paz e felicidade. É um governo perfeito da terra, feito bom por toda parte. Quando Satanás é solto e as tentações retornam, aqueles que não foram mantidos pela graça o seguirão. Tenho a impressão de que a piedade diminuirá no milênio; mas ela é fundamentada numa figura, então eu não insisto nisso; mas o restante do que eu disse é revelado. Que homens caem quando tentados, embora triste, é apenas uma verdade bem simples. É o último esforço de Satanás.*⁴⁷

James H. Brookes, em sua obra *Maranatha*, apresenta um retrato ainda mais sombrio. Ele diz:

Aquilo que é nascido da carne é carne e, apesar de contido durante o Milênio, manifestará sua depravação inerente na primeira oportunidade favorável; da mesma forma que um tigre, enjaulado e mantido em cativeiro por muito tempo, voltaria à sua selva nativa com uma insaciável sede de sangue quando as barras de ferro fossem removidas.⁴⁸

E o Dr. G. Campbell Morgan diz:

Vimos que a Era Dourada será caracterizada pelo governo direto de Cristo. O pecado ainda estará na terra; mas será

⁴⁷ J. N. Darby, *Collective Writings*, xi., pg. 534

⁴⁸ James H. Brookes, *Maranatha*, pg. 540, Quinta Ed., 1878

mantido em repressão e sumariamente punido assim que manifesto. As nações que Cristo governará com vara de ferro serão, em sua maior parte, desleais em seus corações; dessa forma, quando Satanás for solto por um pouco de tempo, ele imediatamente as enganará. É verdade que ainda haverá por toda parte aqueles que se recusarão a se alistarem sob seus estandartes; mas o retrato aqui é de uma enorme apostasia, a mais temível jamais vista... Não há dúvidas que, para alguns que imaginaram o Milênio como uma finalidade, o que vemos acontecer ao seu fim é decepcionante; mas antes que o reino de Jesus Cristo em toda a sua glória possa ser inaugurado, a incredulidade e deslealdade que se escondem nos corações dos homens devem ser levadas a um ponto crítico final... Todas as nações estarão debaixo do governo da 'vara de ferro' e, portanto, serão compelidas a se sujeitarem. Em seus corações, no entanto, a grande massa será rebelde até o fim, e avidamente aproveitarão a oportunidade de lançarem fora o jugo e entrar em conflito real quando ela se apresentar através da soltura de Satanás⁴⁹

Ao comentar sobre esta visão, Dr. Allis observa que ela não é atrativa e então diz:

Não é agradável pensar que o Rei Messiânico, o Príncipe da paz, sentado e entronizado como se sobre um vulcão fumegante; de um reino do Messias, que é pacífico em sua aparência exterior, mas ferve com ódio e murmúrios de rebelião; de seus habitantes exercendo uma obediência exterior simplesmente porque 'extirpação' é a consequência inevitável de desobediência e oposição, já que o governo com vara de ferro pode apenas significar 'despedaçar' os rebeldes, assim como vasos do oleiro. Quando lemos que

⁴⁹ G. Campbell Morgan, *God's Methods with Man*, pp.132, 183

‘morará o lobo com o cordeiro’, não compreendemos isso como significando que o lobo estará tão ansioso quanto nunca para devorar o cordeiro, e é apenas impedido de fazê-lo por medo das graves consequências. Naturalmente entendemos que isso implica uma mudança de natureza; o animal voraz, tomando as palavras seja de forma figurada ou literal, não mais *desejará* devorar o cordeiro. ‘Não se fará mal nem dano algum’ em todo o monte santo de Deus, pelo fato de que não mais desejarem, não por que eles serão impedidos por força maior de fazer o que desejarem.

Ele ainda acrescenta que, de acordo com essa visão

Os inimigos do Messias farão um espetáculo de obediência a um governo que odeiam. Então podemos dizer que, de acordo com ela, o milênio superará todas as outras eras como uma era de hipocrisia e de hipócritas. Homens, muitos homens, se submeterão apenas por que devem; e estes homens-tigres aguardarão com uma impaciência cada vez mais crescente pelo momento quando oposição e resistência poderão oferecer o mínimo de semelhança a um fim bem sucedido.⁵⁰

Mas que Milênio o pré-milenista tem! Mil anos de supremacia judaica, com capital em Jerusalém, meio-celestial e meio-terrena, santos em corpos de ressurreição glorificados convivendo com pecadores na carne, um estado misto de mortais e imortais, e tudo isso tendo como clímax uma manifestação sem precedentes do mal ao seu término! A vida humana e o funcionamento do mundo continuarão durante todo esse longo período assim como agora. Homens e mulheres se casarão, e crianças serão nascidas; pessoas com corpos mortais viverão em casas e comerão comida física e

⁵⁰ O. T. Allis, *Prophecy and the Church*, pg. 241

estarão sujeitas a doença e morte, apesar de não ao mesmo grau que no presente. As condições serão ideais, mas não celestiais; a terra será abundantemente frutífera; multidões honrarão e adorarão a Deus, enquanto outras multidões estarão amuadas e ressentidas. Homens ímpios serão mantidos sob controle por meio da força. As condições do Antigo Testamento serão restauradas a um nível considerável. “A parede de separação” entre judeus e gentios, que Cristo derrubou “para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz” (Ef. 2:14-15), será erguida novamente e feita mais forte e elevada, e os judeus serão reestabelecidos como o povo escolhido. Tal Reino deve, por necessidade, ser bem inferior em glória que o Reino final.

Pré-milenistas insistem que a parte final de Ezequiel, dos capítulos 38 ao 48, deve ser tomada com grande literalidade como tendo seu cumprimento no reino milenar, e como se predissesse um Israel restaurado na terra da Palestina. Dessa forma, o templo há de ser reconstruído, sacrifícios de animais serão novamente apresentados para realizar expiação pelos pecados do povo (45:15-46:15), sacerdotes presidirão os rituais (46:2), os povos da terra irão a Jerusalém para as festas ordenadas na Lei (46:9), e Cristo estará pessoalmente presente e visível apenas a um número comparativamente pequeno de pessoas que entrarão no templo pelo portão oriental, enquanto os sacerdotes preparam os holocaustos e os sacrifícios pacíficos dEle (46:2-3). Perceba que, se estes capítulos devem ser tomados literalmente, eles não dizem, como pré-milenistas tentam fazê-los dizer, que os sacrifícios serão apenas de natureza memorial, mas que eles são definitivamente chamados “ofertas pelo pecado”, “holocaustos” e “ofertas de alimentos” (45:22, 25). Um literalista não tem direito algum de dá-las

qualquer outro significado. Preferimos dizer que tais profecias foram cumpridas em parte, quando Israel foi restaurado à Palestina nos tempos de Esdras e Neemias, e, mais tarde, formas de pensamento do Antigo Testamento seriam empregadas para ensinar verdades espirituais do Novo Testamento, verdades estas que, naquele tempo, poderiam apenas ser expressas de forma inteligível através destas formas com as quais o povo era familiar. E este é um princípio aplicável a quaisquer partes da profecia que não se cumpriram àquela época.

Francamente, não temos desejo algum por um estado como o que o Pré-Milenismo descreve, mas preferimos adentrar diretamente no Reino celestial na morte. Certamente, tal estado de coisas, mesmo que, para os santos, seja marcado por santidade de vida, todavia, ainda deixa muito a desejar; e o fato que este arranjo será prolongado por mil anos se torna não um aumento, mas uma diminuição das bênçãos, acabando por limitar, em vez de promover, a vinda do Reino de Deus em sua plenitude. Não há, de fato, nada que justifique o prolongamento de tal intervalo fútil. Para os santos que partiram e que estavam reinando com Cristo nos céus, um retorno às condições e à vida terrenas seria, literal e figuradamente, um grande “rebaixamento”, uma séria restrição da vida gloriosa que eles já desfrutavam. O pré-milenista não faz nenhuma concessão adequada para a vida infinitamente superior e de tipo radicalmente diferente desfrutada pelos santos no Paraíso e àquela à qual eles seriam sujeitados se trazidos de volta à esta terra. E, com respeito aos que ainda estão na carne, certamente a presença física do Senhor, visível para apenas um número comparativamente pequeno dentre o Seu povo, significaria menos que Sua presença espiritual que é agora uma realidade para todo o

Seu povo por todo o mundo – a menos se cessarmos de andar pela fé e começarmos a andar pela vista.

Novamente dizemos: que Milênio o pré-milenista tem! – um Milênio precedido por sete anos de incomparável caos, sofrimento e perseguição durante a “Grande Tribulação”, e sob o reino do Anticristo, e terminando numa revolta e guerra universais, contra a qual os santos, e até mesmo o próprio Cristo, parecem estar indefesos e da qual eles são resgatados apenas através de fogo que desce dos céus! Não podemos hesitar em perguntar: será que Cristo abandona Seu povo ao fim do glorioso reino milenar, ao ponto de este terminar encurralado em Jerusalém, praticamente à mercê do inimigo? Certamente não! Como que este estranho desenrolar de eventos pode ser explicado?

E precisamos perguntar também: porque, se um período terreno tão importante como o descrito há de acontecer, nem o Cristo e nem os apóstolos claramente profetizaram que o templo seria reconstruído, os sacrifícios e rituais levíticos reestabelecidos, o sacerdócio levítico restaurado, os judeus novamente designados como um povo separado e especialmente favorecido, e Jerusalém novamente feita o centro da adoração mundial num reino judaico de mil anos? Há apenas uma resposta possível para isso: tal esquema nunca fez parte de suas crenças. Bem longe de restringir a adoração a um templo em Jerusalém, Jesus disse: “A hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai... A hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.” (João 4:21-24)

Capítulo XIII

PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

É inegável que cada uma das posições em relação ao milênio foi defendida – e continua a ser – por homens sobre os quais não há dúvidas em relação à sua sinceridade e lealdade à fé evangélica. O fato de que cristãos legítimos através das eras, usando a mesma Bíblia e reconhecendo-a como autoritativa, chegaram a conclusões diferentes se deve ao uso de diferentes métodos de interpretação. Pré-milenistas põem forte ênfase na interpretação literal se se orgulham em tomar a Escritura da forma na qual ela é escrita. Pós- e amilenistas, por outro lado, cientes do fato que boa parte tanto do Antigo quanto do Novo Testamento é inquestionavelmente dada em linguagem figurada ou simbólica, não fazem objeção alguma, em princípio, contra interpretação figurada e prontamente a aceitam, se a evidência indicar que ela é preferível. Isso faz pré-milenistas acusarem pós- e amilenistas de desconsiderarem ou rejeitarem partes da Bíblia. Um escritor pré-milenista diz:

Pré-milenistas insistem que uma regra geral de interpretação deve ser aplicada a todas as áreas da teologia e que a profecia não requer espiritualização mais do que os outros aspectos da verdade... História é história, não alegoria. Fatos são fatos. Eventos futuros profetizados são simplesmente o que foram profetizados⁵¹

Outro diz:

Pré-milenaristas aderem a uma interpretação literal das sagradas Escrituras, crendo que os ensinamentos de Cristo e dos

⁵¹ John F. Walvoord, *Bibliotheca Sacra*, jul.-set., 1951, pg. 272

Apóstolos devem ser compreendidos num sentido literal, exceto em lugares específicos onde algum outro sentido é designado⁵²

Esse princípio geral de interpretação já foi expresso como “Literal sempre que possível” (H. Bonar), ou “Literal, a menos que absurdo” (Govett). Não é preciso ler muito a Bíblia para descobrir que nem tudo pode ser tomado de forma literal. Silver refere-se a “lugares específicos” onde algum “outro sentido” é designado. Mas ele não dá nenhuma regra pela qual tais lugares específicos possam ser reconhecidos. Não encontramos rótulos na própria Escritura nos dizendo “Tome isso literalmente” ou “Tome aquilo figuradamente”. Evidentemente, o leitor individual deve usar de seu próprio julgamento, apoiado pelo máximo de experiência e bom senso que ele possa acumular. E isso, claramente, variará infinitamente de indivíduo para indivíduo.

Como um exemplo do que ele se refere por interpretação literal, Silver diz: “Cada profecia que apontava para o primeiro advento de Cristo foi literalmente cumprida, palavra por palavra, em cada detalhe”⁵³. Declarações similares foram feitas por muitos outros pré-milenistas. Mas isso simplesmente não é o caso. A primeira profecia messiânica na Escritura é encontrada em Gênesis 3:15, onde, ao pronunciar a maldição sobre a serpente, Deus disse: “Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (ARA). Esta profecia certamente não foi cumprida literalmente por um homem esmagando a cabeça de uma serpente, ou por uma serpente mordendo o calcanhar de um

⁵² Jesse F. Silver, *The Lord's Return*, pg. 204

⁵³ *Ibid.*, pg. 209

homem. Em vez disso, foi cumprida num sentido altamente figurado quando Cristo obteve vitória total e triunfou sobre o Diabo e todas as suas forças malignas na cruz. A última profecia no Antigo Testamento é encontrada em Malaquias 4:5, e lê: “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia de Jeová” (TB). Tal profecia, da mesma forma, não foi cumprida literalmente. O próprio Cristo disse que ela foi cumprida na pessoa de João Batista (Mateus 11:14), que veio no espírito e no poder de Elias.

Novamente, temos a profecia de Isaías: “Eis a voz do que clama: Preparai no deserto o caminho de Jeová, endireitai no ermo uma estrada para o nosso Deus. Todo o vale será exaltado, e todo monte e outeiro será abatido; o torto far-se-á direito, e os lugares escabrosos, planos. A glória de Jeová se revelará, e toda a carne juntamente a verá, pois a boca de Jeová o disse.” (Isaías 40:3-5, TB). Isso certamente não foi cumprido através de um programa de construção de estradas na Palestina, porém, em vez disso, na obra de João Batista que preparou o caminho para o ministério público de Jesus. A Escritura registra como o próprio João respondeu aos que o questionavam: “Disseram-lhe, pois: Declara-nos quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes a respeito de ti mesmo? Então, ele respondeu...”, e citou estes mesmos versículos (João 1:22-23, ARA; Cf. Mateus 3:1-3; Lucas 3:3-6).

As palavras de Isaías 9:1-2, sobre o povo de Zebulom e Naftali, “O povo que andava em trevas, viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz”, são cumpridas figuradamente no ministério de Jesus. Pois Mateus diz: “Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso, retirou-se para a Galileia; e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-

mar, nos confins de Zebulom e Naftali; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías:

Terra de Zebulom, terra de Naftali,
Caminho do mar, além do Jordão,
Galileia dos gentios!
O povo que jazia em trevas
Viu grande luz
E aos que viviam na região e sombra da morte
Resplandeceu-lhes a luz” (Mateus 4:12-16, ARA)

Nestas palavras, Isaías claramente estava falando da escuridão espiritual que existe onde quer que o pecado domine, e da luz espiritual que seria levada a estas terras quando o Messias viesse.

E, quando Balaão tentou pronunciar uma maldição contra o povo de Israel, e ele pronunciou uma bênção em vez de maldição, e disse:

“De Jacó nascerá uma estrela,
E de Israel se levantará um cetro
Que ferirá as fontes de Moabe,
E a cabeça de todos os filhos de orgulho.”
(Números 24:17, TB)

Estas palavras são geralmente compreendidas como representando uma profecia messiânica, tendo o seu cumprimento na vinda de Cristo, que se levantou como uma estrela no meio de Israel, e cujo reino, por fim, há de abranger todo o mundo.

Muitas outras profecias do Antigo Testamento que estão em linguagem figurada poderiam ser mencionadas, mas, certamente, estas já são suficientes para mostrar que simplesmente *não é* verdadeiro que “Cada profecia que

apontava para o primeiro advento de Cristo foi literalmente cumprida, palavra por palavra, em cada detalhe.”

Que grande parte da Bíblia é dada em linguagem figurada ou simbólica, a qual, por nenhum exercício de imaginação, pode ser tomada de forma literal, deveria ser visível para todo leitor das Escrituras. Espiritualizamos tais declarações porque consideramos esta como sendo a única maneira na qual o seu verdadeiro sentido pode ser extraído. Para citar mais alguns exemplos: em meio a um relato histórico bem prosaico da libertação dos filhos de Israel do Egito, o poder providencial e protetivo de Deus é descrito através das seguintes palavras: “Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim” (Êxodo 19:4). A Palestina é descrita como “uma terra que mana leite e mel” (Êxodo 3:8). Leia o Salmo 23 ou o 91 e perceba o quase contínuo uso de linguagem figurada.

O Novo Testamento segue a mesma prática. Aos seus discípulos, “Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo... Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mateus 5:13-14,16). Ao instituir a Ceia do Senhor, Ele disse: “Isto é o meu corpo... isto é o meu sangue” (Mt. 26:26,28). O presente escritor recentemente ouviu um sacerdote católico-romano argumentar, e de forma bem convincente, que estas palavras provam que, na Missa, o pão e o vinho são verdadeiramente transformados no corpo e sangue de Cristo. Do ponto de vista do literalismo, seria impossível refutar tal doutrina. Falando aos presbíteros da Igreja em Éfeso, Paulo disse: “Porque eu sei isto que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não pouparão ao rebanho” (Atos 20:29). Aos filipenses, ele escreveu: “Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus

obreiros, guardai-vos da cortadura” (Fp. 3:2). E aos gálatas: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim” (Gl. 2:20). A palavra “sangue” é usada repetidamente num sentido figurado com referência ao sofrimento e morte de Cristo, através dos quais a salvação foi comprada no Calvário, p. ex.: “Em quem temos a redenção pelo seu sangue” (Ef. 1:7); “...pelo sangue da aliança eterna” (Hb. 13:20); “...e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro” (Ap. 7:14); etc. Ao espiritualizar certas profecias do Antigo Testamento, nos encontramos em boa companhia, já que os escritores do Novo Testamento frequentemente fazem o mesmo. Em seu discurso no dia de Pentecostes, Pedro espiritualizou a profecia bem extensa de Joel (Atos 2:16-21). O discurso de Tiago no Concílio de Jerusalém espiritualizou a profecia de Amós (Atos 15:14-18). Literalmente milhares de expressões figuradas e simbólicas como estas são encontradas por toda Bíblia, geralmente sem explicação. Assume-se que o leitor compreenderá. Ademais, a lavagem de pés foi claramente ordenada por Jesus (João 13:14), e é ordenada por Paulo (1 Tm. 5:10); e cinco vezes temos a ordem “Saudai-vos uns aos outros com santo ósculo” (Rm. 16:16; 1 Co. 16:20; 2 Co. 13:12; 1 Ts. 5:26 e 1 Pedro 5:14). Mesmo assim, apenas bem poucas pessoas tomam estas declarações de forma literal.

Espiritualizar certas profecias ou outras declarações não significa que estejamos tentando contorná-las. Às vezes, o seu verdadeiro significado é encontrado apenas no mundo espiritual invisível. Pré-Milenistas geralmente materializam e literalizam as profecias a tal ponto que eles as mantêm num nível terreno e perdem de vista o seu verdadeiro e mais profundo sentido. Isto é exatamente o que os judeus fizeram ao interpretar as profecias messiânicas. Eles procuraram por

cumprimentos literais com um reino terreno e um líder político e, por terem perdido o elemento redentivo tão completamente, o resultado disso foi que, quando o Messias veio, eles não O reconheceram: em vez disso, O rejeitaram e O crucificaram. As temíveis consequências da interpretação literalista com referência à primeira vinda deveriam nos fazer cautelosos em cometer o mesmo erro em relação à segunda vinda.

O princípio geral de interpretação literal rígida leva à conclusão que, em Sua segunda vinda, Cristo reestabelecerá o trono de Davi na cidade de Jerusalém, e reinará num reino político terreno de supremacia judaica por mil anos. De acordo com essa visão, os judeus novamente se apossarão de toda a Palestina e das áreas circundantes, e morarão lá, o templo será reconstruído, e o sacerdócio, os rituais do templo, os sacrifícios de animais, as festas e jejuns serão reinstituídos.

No entanto, pré-milenistas encontram real dificuldade e são forçados a abandonar seu literalismo quando encontram as profecias que declaram que, no novo reino, todas as nações da terra deverão subir a Jerusalém em cada ano e em cada Sábado: “Todos os que restaram de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorarem o Rei, Jeová dos Exércitos e para celebrarem a Festa dos Tabernáculos.” (Zacarias 14:16, TB); “Desde uma lua nova até outra e *desde um sábado até outro*, virá toda a carne a adorar perante mim, diz Jeová.” (Isaías 66:23, TB); e “Assim diz o Senhor Jeová: Dos estrangeiros que se acharem no meio dos filhos de Israel, nenhum *incircunciso de coração* e *incircunciso de carne* entrará no meu santuário.” (Ezequiel 44:9, TB).

Logo se torna evidente que um espantoso literalismo como este vai muito além do que os seus defensores desejam ou que, de fato, são capazes de levá-lo. Tomadas de forma literal, estas profecias significam que toda a terra há de se tornar *uma única grande nação e Igreja israelita*, com apenas um templo, uma única forma de adoração, e uma lei comum. Pré-milenistas não desejam reconhecer que peregrinações semanais ou circuncisão universal se tornarão a regra durante o Milênio. Já que eles não podem seguir até o fim com a interpretação literal de suas próprias passagens sobre o milênio, torna-se bem evidente que o seu princípio de interpretação literal está basicamente errado.

Pré-milenistas também encontram dificuldade com as profecias messiânicas e do reino que envolvem a restauração das condições históricas da vida nacional de Israel, incluindo seus inimigos nacionais, não apenas as grandes potências da Assíria, Egito e Babilônia, mas também as nações menores de Moabe, Amom, Edom, Filístia, nações que há muito desapareceram na história sem qualquer possibilidade de restauração. Note especialmente Miqueias 5:5-6 (seguindo a profecia de que o Messias nasceria em Belém, v. 2): “E este [o Messias] será a nossa paz; quando a Assíria vier à nossa terra, e quando pisar em nossos palácios, levantaremos contra ela sete pastores e oito príncipes dentre os homens. Esses consumirão a terra da Assíria à espada, e a terra de Ninrode nas suas entradas. Assim nos livrará da Assíria”. Referências similares são encontradas sobre o Egito, em Joel 3:19, e à Babilônia em Apocalipse 18:1-24. Na profecia messiânica encontrada em Isaías 11, referente à relação do reino futuro com as nações menores circundantes, lemos: “Eles, voando, descerão sobre o ombro dos filisteus, ao ocidente; juntos, despojarão os filhos do Oriente; estenderão

as suas mãos sobre Edom e Moabe, e os filhos de Amom lhes obedecerão” (Is. 11:14, TB).

Seria necessário um milagre de ressuscitar tais nações dos mortos, se estes versículos devem se cumprir de maneira literal. Nós cremos que George B. Fletcher dá a verdadeira interpretação quando ele diz: “Estes versículos são uma profecia da conversão dos gentios (v. 10), e do retorno do remanescente dentre os judeus de acordo com a eleição da graça, isto é, o retorno a Deus em Cristo (vs. 11-16). Esta profecia começou a se cumprir no Dia de Pentecostes, quando ‘judeus, homens religiosos, de todas as nações’, foram evangelizados pelo apóstolo Pedro, e voltaram para Deus em Cristo, o poderoso Deus. Em uma linguagem figurada, estes pregadores hebreus são representados como voando de Jerusalém com ávida agitação sobre a Filístia para convertê-la, assim como uma águia se lança sobre os ombros de uma ovelha ou outro animal, a sua presa (ver Atos 8:26-40, a pregação de Filipe ao eunuco etíope; e 9:32-43, a missão de Pedro a Jope)”⁵⁴. Apenas este ponto, que as nações referidas desapareceram da face da terra e não poderiam mais ter parte numa futura restauração de Israel, é prova suficiente de que o método literalista de interpretação não pode ser defendido.

Ao rejeitar o princípio claramente enunciado na Escritura que a Igreja foi estabelecida na terra como o instrumento através do qual Cristo realiza uma conquista *espiritual* do mundo – Ele deve assentar-se à destra de Deus, onde agora está, a posição de poder e influência, até que todos os Seus inimigos sejam feitos escabelo de Seus pés (Mc 12:36; 16:19; Hb. 1:13) – o Pré-Milenismo o substitui pela

⁵⁴ George B. Fletcher, *The Millennium*, panfleto, pg. 30

visão que, até que Ele retorne, o mundo há de se tornar progressivamente pior, e que, em Sua vinda, Ele deve conquistar o mundo e depor Seus inimigos na conquista *militar* mais gigantesca, espetacular e repentina de todos os tempos. Ele é retratado como usando de força sobrepujante em sua conquista, na qual Ele faz chover fogo e enxofre dos Céus sobre Seus inimigos e, dessa forma, completamente derrota o Anticristo e todas as suas hostes. O Pré-Milenismo compreende de forma seriamente errada a genialidade da profecia preditiva do Antigo Testamento ao interpretar em um sentido literal e material os prenúncios da era messiânica que só podem ser compreendidos num sentido figurado.

Na seguinte passagem, objetos materiais e ideias familiares da era do Antigo Testamento são usados para transmitir verdades espirituais e para descrever uma era que ainda não despontara e que, portanto, poderia ser descrita inteligivelmente apenas através das formas de pensamento e da linguagem com as quais o povo que recebeu a mensagem era familiar: “Sucederá, nos dias vindouros, que o monte da Casa de Jeová será estabelecido no cume dos montes e será exaltado sobre os outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. Irão muitos povos e dirão: Vinde e subamos ao monte de Jeová, à Casa do Deus de Jacó; dê-nos ele a lição dos seus caminhos, e andaremos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra de Jeová” (Is. 2:2-3, TB).

Estas palavras se cumprem no avanço do Evangelho desde Jerusalém, quando os discípulos saíram com ordens de evangelizar o mundo inteiro, com a Igreja, pelos séculos, gradualmente chegando a uma posição de proeminência mundial, gradualmente aumentando em poder e se tornando cada vez mais influente nas vidas de homens por todo o

mundo, até que ela seja elevada como uma montanha em meio a uma planície. A tentativa de designar significados específicos a cada figura da paisagem descrita não apenas arruína a beleza da imagem, mas obscurece o real sentido da profecia. Quando Deus diz “Não se fará mal nem dano algum *em todo o meu santo monte*”, que o leitor não venha a imaginar absurdamente que Ele tivera em mente apenas aquela insignificante elevação chamada Sião, no sudeste da cidade de Jerusalém. “O santo monte de Deus”, que, à época, era o local do templo e o centro da religião verdadeira, é o nome familiar e estimado da *Igreja* ou do Reino na presente era messiânica.

Quando é-nos dito que Deus vai “criar Jerusalém para regozijo, e seu povo, para alegria” (Isaías 65:18, NVI), Jerusalém, o centro da teocracia e o símbolo do Israel do Antigo Testamento, é usada para representar a Igreja do Novo Testamento. O escritor da Epístola aos Hebreus espiritualiza estas passagens e mostra que o seu verdadeiro cumprimento é encontrado na Igreja Cristã, quando ele diz sobre os crentes: “Porque não chegastes ao monte palpável, aceso em fogo... mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos; à universal assembleia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus” (Hb. 12:18,22-23); “Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus” (4:14); e, “Temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da majestade, ministro do santuário, e do *verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem.*” (8:1-2). Paulo, também, espiritualiza o termo Jerusalém quando ele diz que “A Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós” (Gl. 4:26).

Isaías diz: “Ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará ao ímpio” (11:4). Linguagem similar é encontrada em Apocalipse 19:11-21, onde Cristo é retratado como o cavaleiro no cavalo branco, que mata Seus inimigos com a espada afiada que procede “da sua boca”, isto é, pela palavra falada, o Evangelho que é pregado pelos Seus seguidores por todo o mundo, e através do qual Ele realiza uma conquista completa de Seus inimigos. Isaías diz: “Estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices” (2:4) – que se cumpre na gradual eliminação das guerras, à medida que o mundo é cristianizado e as energias e recursos da população são dedicadas a propósitos pacíficos. Novamente, ele diz: “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará ao pé do cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequenino os conduzirá... E o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca do áspide, e a criança desmamada meterá a mão na cova do basilisco. Não farão dano, nem destruirão em todo o meu santo monte, porque a terra será cheia do conhecimento de Jeová, assim como as águas cobrem o mar.” (11:6-9, TB) – isto é, forças que são, naturalmente, antagônicas serão gradualmente subjugadas e reconciliadas entre si em um novo relacionamento, para que cooperem harmoniosamente no Reino do Messias. Um exemplo apropriado do lobo habitando com o cordeiro é visto na mudança que recaiu sobre o feroz perseguidor Saulo de Tarso, que era um lobo voraz e destruidor, mas que foi transformado pelo Evangelho a tal ponto que se tornou um cordeiro. Após sua conversão, ele perdeu seu ódio pelos Cristãos e, no lugar de ávido perseguidor, se tornou seu humilde amigo, confidente e defensor. O leão come palha como o boi quando homens que antes eram fortes, cruéis e

selvagens por natureza são transformados pelo Evangelho a tal ponto de se tornarem gentis, mansos, humildes, e se alimentarem da palavra da vida junto àqueles que são membros da Igreja de Cristo.

Um escritor diz o seguinte sobre a profecia de Isaías:

Já que aqui temos uma descrição do Reino de Cristo, o qual não é composto de feras, lobos, serpentes, leões, etc., mas de homens, devemos compreender que ‘em todo o Meu (i.e., de Deus) santo monte’, isto é, a Igreja de Cristo (‘Sião’), a paz que deve reinar é uma de tal natureza que as pessoas que anteriormente eram como lobos, leões sedentos por sangue, víboras insidiosas, pela graça de Deus, abandonarão sua antiga natureza, cessarão de fazer mal uns aos outros, e viverão juntos pacificamente como cordeiros de Cristo e se alimentarão dos verdes pastos do Evangelho. Desta mudança de natureza, S. Paulo fala em claras palavras (2 Co. 5:17): ‘Se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.’ Não apenas o feroz perseguidor Saulo, que se tornou o Paulo pregador do Evangelho e ganhador de almas, é um exemplo (1 Tm. 1:13), mas toda a história das missões cristãs é abundante em tais exemplos.⁵⁵

Quando Ezequiel diz que Israel há de ser restaurada à sua terra para sempre (37:24-28), ele indica claramente que estas palavras não devem ser tomadas literalmente. Ele diz: “E meu servo Davi será rei sobre eles... Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente” (vs. 24-25). De forma similar, Jeremias diz que Davi há de ser seu rei (Jr. 30:9). Se isso for tomado literalmente, então Davi deveria ser ressuscitado dentre os mortos para ser o rei milenar na Palestina – Davi,

⁵⁵ L. A. Heerboth, livreto, *The Millennium and the Bible*, pg. 12

e não Cristo. Os literalistas dizem que Davi é usado aqui como um símbolo para Cristo. Mas não é o que a Bíblia diz. Tomar Davi como símbolo para Cristo seria “espiritualizar” a profecia para contorná-la. Se as outras partes da profecia são literais, esta deveria sê-lo também.

Compreender estas descrições de forma literal é perder a verdadeira beleza e seu grande significado espiritual. A interpretação literalista pré-milenista de muitas passagens do Antigo testamento é, como Rutgers aponta, “inferior ao nível de certas passagens no próprio Antigo Testamento, que transcendem o plano local e particular e abrem-se para o mais elevado espiritual, ético e universal. Essas noções carnavais e materialistas,” acrescenta ele apropriadamente, “são (apenas) os ‘envoltórios infantis’ do judaísmo”.⁵⁶

Indicamos anteriormente que um dos erros do Pré-Milenismo é não compreender que *a Igreja é o Israel do Novo Testamento*. Ele persiste em pensar “Israel” como composto apenas pelos descendentes físicos de Abraão. O sistema dispensacionalista leva esse princípio a um extremo quase sem precedentes, ao insistir que, em todos os casos, Israel deve sempre significar o Israel segundo a carne, ou os judeus, que o termo nunca pode significar a Igreja, e que as profecias do reino do Antigo Testamento devem ser cumpridas aos judeus literalmente. E já que algumas destas não foram cumpridas antes de a nação de Israel deixar de existir, eles nos dizem que Israel deve ser reestabelecido na Palestina e estas devem se cumprir numa era futura.

Mas o ponto crucial é que o relacionamento espiritual é mais importante que o físico, e tem precedência sobre ele. Paulo afirmou isso de forma bem clara quando disse: “Sabei,

⁵⁶ William H. Rutgers, *Premillennialism in America*, pg. 255

pois, que os que são da fé são filhos de Abraão”; e, também: “E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa” (Gl. 3:7, 29). E o próprio Cristo pôs o espiritual acima do físico quando disse: “Porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, e irmã e mãe” (Mt. 12:50). A Epístola aos Hebreus é um argumento contínuo que as relações, formas e cerimônias antigas acabaram para sempre, e que todas as nações e raças agora estão em igual posição diante de Deus.

O Sistema Sacrificial do Antigo Testamento

O escritor da Epístola aos Hebreus tem muito a dizer sobre a repetição interminável e a futilidade dos antigos sacrifícios. Ele mostra que o seu único valor era simbolizar e apontar para o único e verdadeiro sacrifício que haveria de ser feito por Cristo. “Temos sido santificados”, ele diz, “pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez. E assim todo o sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados; mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus, daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés. Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados.” (Hebreus 10:10-14).

O Rev. Harold Dekker, um dos apresentadores no programa de rádio *The Back to God Hour* [A Hora de Volta para Deus], diz o seguinte, concernente à futilidade dos sacrifícios de animais e a finalidade do sacrifício de Cristo como estabelecido nessa passagem:

Continuamente, dia após dia, ano após ano, o povo de Deus fazia seus sacrifícios de acordo com a lei do Antigo Testamento. O escritor traz à mente as montanhas de ofertas de hortaliças, grãos e de alimentos que foram trazidas diante do Senhor, os rios de sangue que fluíram de milhões de ovelhas, cabras e rebanhos de gado. E então ele levanta a seguinte questão: Por que a constante repetição? Por que as infundáveis peregrinações a Jerusalém? Por que as fogueiras intermináveis sobre os altares de Israel? Por que o constante derramar de sangue? A razão, diz o escritor inspirado, é que nenhum destes trouxeram alívio duradouro às consciências pesadas. Então, dessa forma, continuamente os sacrifícios se repetiam.

Mas, do sacrifício de Cristo no Calvário, ele diz:

Ele foi, certamente, o sacrifício para findar todos os sacrifícios. Que o sangue nos chifres do altar agora seque. Que os fornos que assavam ofertas de alimentos sejam esfriados. Que os animais sacrificiais voltem aos pastos. A expiação final foi realizada! Que todos os homens por toda parte agora olhem para o único sacrifício de Cristo consumado na cruz!

Em sua doutrina de um Reino terreno com um templo, sacerdócio e sistema sacrificial restaurados, o sistema pré-milenista é um recrudescimento do judaísmo. Snowden explica isso de forma bem convincente, e agora o citamos extensamente:

É um dos ensinamentos universais mais claros do Novo Testamento que os sacrifícios da economia mosaica foram cumpridos em Cristo e, a partir de então, desapareceram, assim como sombras desvanecentes que prefiguram a

PÓS-MILENISMO

substância, ou como estrelas da manhã que anunciam o nascer do sol e que então perdem-se em sua luz.

Os alertas de Paulo contra um retorno a estes são citados:

“Como estais voltando outra vez aos rudimentos fracos e pobres, aos quais vos quereis ainda, de novo, escravizar?” (Gl. 4-9:10, TB)

“Para a liberdade Cristo nos livrou. Portanto, ficai firmes e não vos sujeiteis, de novo, a um jugo de escravidão” (Gl. 5:1; TB).

Snowden ainda acrescenta:

A Epístola aos Hebreus é um argumento longo e conclusivo de que as velhas ordenanças estão cumpridas e eliminadas em Cristo, ‘que não tem necessidade, como aqueles sumos sacerdotes, de oferecer sacrifícios diariamente, primeiro, pelos seus próprios pecados e, depois, pelos do povo; porque isso fez uma só vez para sempre, quando se ofereceu a si mesmo’ (Hb. 7:27, TB).

Quem sequer esperaria que, em face de todo esse ensino e de todo o impetuoso esforço para livrar a Igreja Cristã de todas estas velhas ordenanças que cumpriram seu propósito, como a casca seca e vazia serve ao milho, se levantaria entre os crentes em tempos mais tardios uma escola de intérpretes que ensinariam que todo o sistema mosaico, com seu templo e local central de adoração, e suas estações e festas e sacrifícios, sua páscoa e seu pão sem fermento, suas ofertas diárias pacíficas e holocaustos sangrentos e ofertas pelo pecado, seu altar jorrando sangue e sua fumaça e incenso, haveriam de ser restaurados em Jerusalém após a segunda vinda de Cristo? Quem é que acreditaria em tal coisa incrível? E, mesmo assim, é

exatamente nisso que muitos passaram a crer, e ainda creem nos dias de hoje...

Esta doutrina é primordialmente fundamentada na lógica do sistema. É um princípio cardeal do Pré-Milenismo que as profecias do reino messiânico no Antigo Testamento se aplicam, não à primeira, mas à segunda vinda de Cristo e ao reino milenar que Ele inaugurará. É um outro princípio deste sistema que estas profecias devem ser interpretadas em um sentido literal em concordância com o seu ensino de que a Bíblia diz exatamente o que quer dizer, e abandonar este modo de interpretação em sua aplicação a estas profecias seria ceder ao princípio de interpretação figurada, que destruiria o sistema.

O Pré-Milenismo, portanto, é obrigado pela sua própria lógica a tomar a profecia de Ezequiel, capítulos 40-48, na qual uma visão idealizada do templo é descrita, incluindo a páscoa e todos os sacrifícios com sangue que são expressamente ordenados (45:21-25), e transferi-la corporal e literalmente ao reino milenar em Jerusalém após a segunda vinda de Cristo. E este sistema deve fazer o mesmo com todas as profecias similares. Isaías declara: 'A todos os vossos irmãos, tirados dentre todas as nações, eles os trarão como uma oferta para Jeová; sobre cavalos, em carros, em liteiras, sobre mulas e sobre dromedários, os trarão ao meu santo monte, a Jerusalém, diz Jeová, como os filhos de Israel trazem a sua oferta num vaso limpo à Casa de Jeová. [Aqui percebemos que os meios de condução se tornaram obsoletos desde muito e pertencem a uma era distante. Certamente não seriam apropriados para o muito avançado e próspero reino que os pré-milenistas esperam no Milênio]. Desde uma lua nova até outra e desde um sábado até outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz Jeová.' (66:20, 23, TB). Zacarias profetiza: 'E acontecerá que, todos os que restarem de todas as nações que vieram

contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrarem a festa dos tabernáculos' (14:16); 'e todos os que sacrificarem virão' (v. 21).

A inescapável lógica do Pré-Milenismo requer que todas estas profecias, e outras similares, sejam literalmente cumpridas em Jerusalém. Isso é 'judaizar o cristianismo' com grande violência. E isso é revoltante; e alguns pré-milenistas se revoltam com isso. David Brown cita Increase Mather, um pré-milenarista, que diz: 'E uma obra mais repugnante eles realizam, tanto a Deus quanto aos homens, quando desenterram as cerimônias da sepultura na qual Jesus as enterrou dezesseis séculos atrás'⁵⁷

Que não haja dúvidas de que o Dispensacionalismo ensina o reestabelecimento do judaísmo após a era da Igreja. Lewis S. Chafer, o finado presidente do *Dallas Theological Seminary*, diz que, após a era da Igreja chegar ao seu fim, haverá "a reunião de Israel e a restauração do Judaísmo".⁵⁸ E Merrill F. Unger, também do *Dallas Theological Seminary*, diz: "No segundo advento, Cristo restaurará o sistema judaico com uma glória e espiritualidade ainda maior do que já teve no período do Antigo Testamento até a sua completa dissipação com a destruição do templo de Herodes em 70 d.C. O coração e o centro do judaísmo reestabelecido será o templo milenar, em associação com o qual o judaísmo desfrutará de seu estágio final de desenvolvimento"⁵⁹

Apenas a um literalista a ideia de um reestabelecimento do sistema sacrificial e dos rituais do templo parece coerente.

⁵⁷ James H. Snowden, *The Coming of the Lord*, pp. 206-209

⁵⁸ Lewis Sperry Chafer, *Dispensationalism*, pg. 46

⁵⁹ *Bibliotheca Sacra*, jan.-mar. 1950

Para um pós- ou amilenista, é algo muito materialista. A lógica pré-milenista, no entanto, não permite que tais sacrifícios sejam “espiritualizados”. Fazê-lo seria remover uma pedra angular do sistema, e, caso tal raciocínio fosse seguido de forma consistente, os conduziria diretamente às conclusões que eles tanto almejam evitar.

Alguns pré-milenistas dizem que os sacrifícios a serem oferecidos no Milênio seriam apenas “memoriais” da obra que Cristo concluiu na cruz. Scofield dá essa explicação ao dizer: “Indubitavelmente, tais ofertas serão memoriais, remontando à cruz, assim como as ofertas sob o antigo pacto eram antecipatórias, aguardando a cruz”⁶⁰ Esta explicação também é dada por G. Campbell Morgan em seu livro *God's Methods with Man* [Os Métodos de Deus para com o Homem] (pg. 118). Mas tal explicação contradiz o princípio pré-milenista de interpretação literal das profecias. Ezequiel diz claramente que “os sacerdotes”, “os filhos de Zadoque” servirão novamente, que ser-lhes-á dado “um bezerro, para oferta pelo pecado”. Ele ainda acrescenta: “E tomarás do seu sangue, e o porás sobre as suas quatro pontas, e sobre os quatro cantos da armação, e no contorno ao redor; assim o purificarás e o *expiarás*” (40:46; 43:19-20). Aqueles que insistem tanto que “a Bíblia diz exatamente o que quer dizer” não podem ser permitidos a “espiritualizar e alegorizar” declarações como essas, quando encontradas em seções as quais eles mesmos alegam descrever a restauração dos judeus na Palestina durante a era milenar. Ezequiel capítulos 40-48 é, no mínimo, vinte vezes mais extenso e detalhado que Apocalipse 20:1-10, que pré-milenistas dizem que deve ser tomado literalmente. Então, aqueles que insistem numa

⁶⁰ C. I. Scofield, *Scofield Reference Bible*, pg. 890, 1917

interpretação literal encontram aqui um programa para a restauração dos rituais e sacerdócio levíticos, a despeito do fato que as epístolas aos Gálatas e aos Hebreus, ambas deixam claro que o templo, o sacerdócio humano e os rituais foram abolidos para sempre.

Em todo caso, a reinstuição de um sistema sacrificial não faria outra coisa a não ser desonrar o sacrifício que Cristo fez no Calvário, o qual a Escritura descreve como sendo um sacrifício feito “[de] uma vez por todas” (Hb. 7:27, ARA). O Novo Testamento não tem absolutamente nada a dizer sobre supostos sacrifícios memoriais, muito menos sobre uma reconstrução do Templo. Ademais, todos os memoriais são desnecessários quando Aquele a ser rememorado está presente pessoalmente, como Cristo estará em Sua Segunda Vinda. Podemos também acrescentar que uma característica do catolicismo romano que vemos como especialmente ofensiva é a doutrina de que, na Missa, o sacrifício de Cristo é repetido, que o pão e o vinho são verdadeiramente transformados em Sua carne e sangue – “a incruenta repetição da Missa”, como é chamada.

Concernente ao assunto de sacrifícios de animais durante o Milênio, Allis diz:

É abominável o conceito de que, após a vinda de Cristo, a memória de Sua obra de expiação será mantida viva nos corações dos crentes através de um retorno aos sacrifícios de animais da lei mosaica, com realização dos quais sendo tão enfaticamente condenada nas passagens que falam com inconfundível clareza sobre esse mesmo assunto. Aqui está, inquestionavelmente, o calcanhar de Aquiles do sistema dispensacional de interpretação. Sua ênfase literalista e veterotestamentária leva quase inevitavelmente, se não inevitavelmente, a uma doutrina do milênio que o faz

definitivamente judaico e representa um retrocesso da glória do evangelho em direção aos típicos ritos e cerimônias que prepararam o exato caminho a ele e, tendo cumprido este necessário propósito, perderam para sempre sua validade e aplicabilidade.⁶¹

A conclusão de Snowden em relação a este aspecto do sistema pré-milenista também é digna de ser citada. Ele diz:

Já foi dito o suficiente, e mais que o suficiente, para provar que o Pré-Milenismo é uma recrudescência do Judaísmo. Ele é judaico em seu método de estabelecer o reino e, acima de tudo, em sua restauração dos sacrifícios após a segunda vinda de Cristo. Isto é, de fato, renunciar a lógica de Paulo, 'voltando outra vez aos rudimentos fracos e pobres' e pôr os pescoços mais uma vez sob o jugo mosaico de 'escravidão'. Isso é atrasar o relógio de desenvolvimento religioso em dois ou três milênios. É pôr novamente o altar em Jerusalém e retornar ao 'sangue de touros e bodes'. Se quaisquer pré-milenaristas hesitarem neste ponto, ou dizer que não o defendem, devemos repetir que não estamos lidando com indivíduos, mas com a lógica e a literatura do sistema, e não pode haver dúvida para onde a lógica leva e o que os escritores representativos ensinam.

Formas verdadeiramente antigas de religiões são difíceis de morrerem de forma definitiva. O judaísmo tem uma tenacidade estranha e ainda tenta se agarrar à Igreja Cristã... Judaísmo é uma casca seca; o milho há tempos saiu dela. Jerusalém é uma memória esplêndida. A águia, assim que eclode do seu ovo e alça voo, não pode mais retornar a ele. O cristianismo já alçou seu voo do Monte Sião e nunca irá oficialmente retornar para lá. O próprio Jesus varreu o reino do cume daquela montanha como seu centro de

⁶¹ O. T. Allis, *Prophecy and the Church*, pg. 218

adoração e o liberou para ir por todo mundo e fazer discípulos de todas as nações, para que homens por toda parte adorem ao Pai em espírito e em verdade...

Paulo, com um traço de sua pena, ‘espiritualizou’ toda a economia do Antigo Testamento ao escrever: ‘E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa’ (Gálatas 3:29). Pedro também ‘espiritualizou’ o Antigo Testamento e enterrou a escatologia judaica quando escreveu: ‘Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo.’ (1 Pe. 2:5). Esta é a forma na qual o Novo Testamento por todos os seus escritos espiritualiza o Antigo. Esta é a ‘a gloriosa liberdade dos filhos de Deus’ (Rm. 8:21, KJF); e quando lemos essas interpretações e argumentos pré-milenaristas, ouvimos a impetuosa e eloquente voz de Paulo ressoando por todos esses séculos com a seguinte ordem: ‘Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou, e não torneis a colocar-vos debaixo do jugo da servidão’ (Gl. 5:1)⁶²

É admitidamente difícil em muitas instâncias definir se certas declarações na Escritura devem ser tomadas literalmente ou figuradamente. Com relação a profecia, isso frequentemente não pode ser determinado até após o cumprimento. A maior parte da Bíblia, no entanto, especialmente suas porções histórias e as mais didáticas, claramente deve ser compreendida literalmente, apesar de algumas expressões figuradas serem encontradas nelas. Porém, o fato é que muitas outras porções devem ser compreendidas de forma figurada. Até mesmo os pré-

⁶² James H. Snowden, *The Coming of the Lord*, pp. 217-219

milenistas tomam muitas expressões figuradamente, ou elas se tornariam em absurdos. Já que a bíblia não nos dá nenhuma regra absoluta para determinar o que é literal e o que é figurado, devemos estudar a natureza do material, o contexto histórico, o estilo e o propósito do escritor, e então recorrer ao que, na falta de um nome mais apropriado, poderíamos denominar de um “bom sentido santificado”. Naturalmente, as conclusões variarão um pouco de indivíduo a indivíduo, já que nós não pensamos da mesma forma, nem vemos da mesma forma.

Difícilmente deve ser necessário frisar que o verdadeiro Pós-Milenismo é sobrenaturalista em todos os seus aspectos. Pré- e amilenistas geralmente representam este sistema como se ensinasse que a conversão do mundo se daria por meio de processos meramente humanistas e evolucionários. O modernismo de nossos dias de fato defende um programa de melhoria do mundo através de métodos naturais, em vez de sobrenaturais, e oponentes às vezes representam o Pós-Milenismo desta forma. Mas tal sistema, de forma alguma, possui qualquer legitimidade moral de ser denominado Pós-Milenismo. Este não é o sentido no qual o termo tem sido usado historicamente, porém, mesmo assim, comentários desse tipo deram origem a muita da crítica injusta levantada contra o sistema. Teólogos pós-milenistas representativos como Agostinho, Brown, Hodge, Dabney e Warfield foram sobrenaturalistas consistentes e criam numa Escritura completamente inspirada e autoritativa e na obra de regeneração do Espírito Santo como o único meio pelo qual um indivíduo pode ser trazido à salvação.

Por outro lado, a característica mais distintiva do modernismo contemporâneo, pela qual ele pode ser identificado onde quer que se manifeste, é a sua mais ou

menos consistente negação do sobrenatural, i.e., negação da inspiração plenária das Escrituras, da Trindade, Divindade de Cristo, expiação pelo Sangue, milagres, juízo final, céu e inferno. Ele se preocupa primariamente com esta vida, e propõe reformar o mundo através da educação, do progresso social e econômico, de programas de saúde aprimorados, melhores relações entre capital e trabalho, e etc. Estas coisas são boas por si mesmas e, sempre que possível, devem ser encorajadas. Mas elas são apenas os frutos do verdadeiro cristianismo.

O fato que diferentes visões concernentes da Segunda Vinda de Cristo e o Milênio foram defendidas e têm sido defendidas não deve desencorajar ninguém de fazer uma busca séria pela verdade. Esta situação no campo da Teologia não é muito diferente daquela no campo da medicina, no qual doutores proeminentes defendem visões diferentes com relação a como certas doenças devem ser tratadas ou como o corpo humano deve ser cuidado. Temos, por exemplo, médicos, quiropraxistas, osteopatas, cirurgiões, nutricionistas, entusiastas de exercícios físicos, etc. Mas isso não nos impede de crer na saúde, e nem de procurar os melhores métodos para preservá-la; nem isso nos exime de sofrer as consequências se escolhermos erroneamente. Nem é a situação no campo da política e governo diferente. Temos vários partidos políticos: Partido Republicano, Democrata, Socialista, do Trabalho, Comunista, etc., e cada um sustenta diferentes princípios sobre como nossa nação deve ser governada e, particularmente na época de eleição, ouvimos opiniões bem conflitantes por parte deles. Há várias teorias de educação e de governo eclesiástico. Em cada uma destas esferas é o nosso dever buscar diligentemente pela verdade e, tanto quanto seja possível, separar a verdade do erro.

Nossas crenças em relação à maneira e ao tempo da Segunda Vinda de Cristo não mudarão o evento por um jota, mas o que cremos referente a estes assuntos definitivamente afetará nossas vidas e nossa conduta enquanto aguardamos por este evento.

É lamentável que estas diferenças de opinião, mesmo entre aqueles que aceitam a Bíblia como a inspirada e autoritativa palavra de Deus, nem sempre possam ser resolvidas através de uma exegese imparcial e de discussões amigáveis, sendo antes transformadas em motivo de conflito ou critério de ortodoxia. Geralmente, aqueles que defendem o Pré-Milenismo, baseando suas visões numa interpretação mais literal da Escritura, têm uma tendência de sentir que aqueles que não aceitam seu sistema possuem uma visão mais baixa da Escritura e que, portanto, não são consistentemente cristãos. Ao ler literatura pré-milenista, é bem fácil ter a impressão de que apenas eles creem de forma completa no retorno do Senhor. A situação chegou a tal estado em alguns círculos dispensacionalistas que, se alguém questionar o reinado pessoal de Cristo em um reino terreno, acabará ouvindo uma pergunta como “Então você não crê que Cristo voltará?”. Um exame dos catálogos dos institutos bíblicos revela que a maioria deles restringe a participação no corpo docente a quem defende a visão pré-milenista. Alguns relutam em graduar um estudante ou, no mínimo, darão a ele uma nota mais baixa se ele não aceitar esta visão. Literatura proveniente de conferências proféticas apresenta um futurismo unilateral e encoraja a inferência de que visões opostas não são evangélicas. Alguns chegam a transformar o Pré-Milenismo num hobby, encontrando-o com notável ingenuidade em quase toda profecia, visão e promessa de Gênesis a Apocalipse, e dando a ele uma proeminência

indevida em suas pregações – Gray põe o número de referências à vinda de Cristo em um patamar mínimo de 300, e Morgan diz que, em média, um versículo dentre 25 no Novo Testamento refere-se a ela. As diferenças entre pós-, a- e pré-milenistas, que deveriam ser tratadas apenas como comparativos não-essenciais, terminam por dividir igrejas e se tornarem um sério empecilho para a comunhão cristã. Inquestionavelmente, os caprichos de extremistas dispensacionalistas, não meramente em seitas como Testemunhas de Jeová, Estudantes da Bíblia⁶³, e alguns grupos pentecostais e *holiness*, mas também nas igrejas evangélicas convencionais, dividiram cristãos em grupos antagônicos e causaram muito dano à causa do cristianismo.

Ao discutir estes problemas, então, dois importantes fatos devem ser mantidos em mente: (1) Pós-, a- e pré-milenistas evangélicos concordam que a Bíblia é a Palavra de Deus, completamente inspirada e autoritativa. Eles não diferem com relação à natureza da Escritura, mas sim a como compreendem o que a Escritura ensina. E (2) os três sistemas concordam que houve um Primeiro Advento, e que haverá um Segundo Advento, que será pessoal, visível, glorioso, e tão objetivo quanto a Ascensão no Monte das Oliveiras.

Deve-se acrescentar que, enquanto a Igreja debateu e chegou a conclusões e as incorporou em seus credos com referência a todas as outras grandes doutrinas da fé, o assunto da Escatologia ainda permanece em disputa com relação à maneira do retorno de Cristo e o tipo de Reino que ele está estabelecendo ou irá estabelecer neste mundo. Por

⁶³ I.e., o grupo fundado por C. T. Russell, que precedeu as Testemunhas de Jeová. Orig. *Millennial Dawnists*, termo atribuído ao mesmo grupo, com base na obra *Millennial Dawn*, de C. T. Russell. [N. T.]

esta razão, a Igreja em praticamente todas as suas ramificações se recusou a fazer quaisquer das interpretações milenaristas um artigo do credo, e preferiu, em vez disso, aceitar como irmãos em Cristo todos aqueles que acreditam no *fato* da Vinda de Cristo. Logo, enquanto pessoalmente podemos ter visões bem definidas concernentes à maneira e ao tempo da vinda de Cristo, nosso lema deveria sempre ser: “Nos essenciais, unidade; nos não-essenciais, liberdade; em todas as coisas, caridade.”

A Natureza e o Propósito da Profecia

Também com relação ao assunto da interpretação, há algo que deve ser frisado sobre a natureza básica da profecia. Pré-milenistas consideram profecia como *história escrita antecipadamente*. Preferimos dizer, contudo, que o propósito primário da profecia é inspirar fé naqueles que veem o seu cumprimento, e apenas secundariamente informar-nos do que ocorrerá no futuro. No tempo do cumprimento, o observador deve olhar em retrospecto para o autor da profecia e ser levado a reconhecer que ele só poderia ter falado por inspiração e que, portanto, sua mensagem é autoritativa e confiável. Dessa forma, a profecia recai na categoria geral de milagre, e seu propósito primário é atestar uma mensagem ou um mensageiro. Este foi o propósito estabelecido quando Jesus disse: “Eu vo-lo disse agora antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós acrediteis.” (João 14:29); e novamente, “Desde agora vo-lo digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que eu sou.” (João 13:10). Aqui, o propósito primário da profecia, assim como o de um milagre no mundo físico, é inspirar a fé. Ela é, com efeito, um milagre preterido.

Como prova que este é o princípio correto, é válido mencionar que a maior parte das profecias do Antigo Testamento referentes à Primeira Vinda de Cristo foram tão vagas e enigmáticas que não poderiam possivelmente ser compreendidas até que se cumprissem. Enquanto algumas estavam numa linguagem que era fácil de ser compreendida, como a de que Ele deveria nascer em Belém, que Ele seria nascido de uma virgem, e que Ele curaria os doentes e enfermos, o verdadeiro significado das mais importantes, relacionadas à natureza de Sua obra de redenção e do Reino que Ele estabeleceria, não poderiam ser compreendidas até depois de seu cumprimento. Como exemplos destas últimas poderemos citar: o protoevangelho, dado em Gênesis 3:15, “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”; a extensa profecia concernente ao sofrimento do Messias encontrada em Isaías 53; várias profecias referentes à natureza do Reino que seria estabelecido, encontradas em Isaías capítulos 2, 11 e 66; a natureza da obra de expiação como prefigurada no sacerdócio, nos rituais do tabernáculo e nos sacrifícios; e a promessa feita a Davi que o trono de seu reino seria estabelecido para sempre, envolvendo, como vemos à luz do Novo Testamento, uma longa linhagem de reis meramente humanos e então uma transição para o Messias, que é o verdadeiro Rei de Israel. A forma na qual os eventos conectados com a crucifixão de Cristo conforme profetizada no Antigo Testamento foram cumpridos não poderia ser entendida até o seu cumprimento. P. ex., que Suas mais e pés deveriam ser transpassados (Sl. 22:16); que os soldados repartiriam entre si Suas vestes e lançar sortes sobre Sua túnica (Sl.22:18; João 19:24); que nem um só osso de Seu corpo seria quebrado (Ex. 12:46; João 19:36); Sua

ressurreição (Sl. 16:10; Atos 2:27); e até mesmo a morte e sepultamento de Seu traidor, Judas Iscariotes (Sl. 69:25; 109:8; Atos 1:19-20). Era claramente impossível para qualquer judeu do Antigo Testamento traçar um plano de vida para o Messias vindouro a partir destas profecias.

A promessa dada a Abraão, de que sua semente deveria ser muito numerosa e que, através dela, todas as nações da terra seriam benditas, encontra seu cumprimento primário, não na totalidade de seus descendentes físicos, como, à primeira vista, pareceria ser indicado, nem mesmo nos descendentes a partir de Jacó que estavam em um relacionamento especial para com Deus, mas naqueles que são seus descendentes espirituais (Gl. 3:7, 29); e a semente através da qual todas as nações da terra seriam benditas não eram seus descendentes no geral, mas um indivíduo, que é Cristo: “Ora, a Abraão foram feitas as promessas e à sua semente. Não diz: E às sementes, como falando de muitos; mas, como de um: E à tua semente, a qual é Cristo.” (Gl. 3:16, TB). Quem poderia entender isso antes que fosse cumprida?

Concernente a essa característica da profecia preditiva, Campbell disse muito bem:

A forma enigmática de profecia exclui a possibilidade de atores meramente humanos, ao cumprirem-na, estejam cientes que estão participando do evento previsto. Ela permite que a presciência e o poder de Deus se tornem visíveis, enquanto de forma alguma infringe a livre agência do homem. O advento de Cristo, o Seu caráter, ministério, sofrimentos, morte e entronização na glória são todos previstos nos profetas hebreus de tal forma que ninguém que vivesse antes de seu cumprimento seria capaz de identificar seu cumprimento claramente; e, mesmo assim, o leitor diligente hoje que estuda os registros antigos à luz

do seu cumprimento não pode deixar de ver que ele tem diante de seus olhos o claro testemunho da importância e da origem sobrenatural dos registros nos quais as previsões estão escritas. Os discípulos de Jesus provavelmente conheciam muito bem o que os profetas disseram; mas a sua familiaridade com a palavra escrita por si só não os permitiu ver a natureza ou o caráter do reino sobre o qual o Messias reinaria. Não foi até que fossem compelidos por eventos contemporâneos que deixaram de lado suas concepções étnicas e reconheceram a gloriosa visão de todas as nações dos homens unidas em uma irmandade universal sob o ressurreto e glorificado Cristo.⁶⁴

Deve ser ainda mais evidente que, assim como os profetas do Antigo Testamento usaram figuras de linguagem com as quais o povo de seu tempo estava familiar, isto é, figuras emprestadas do vocabulário da antiga economia, como a terra, o templo, os sacrifícios, etc., para descrever as glórias da era messiânica, não deve haver dúvidas que o Novo Testamento usa termos com os quais somos familiares para descrever o estado futuro, o qual podemos apenas vislumbrar distancadamente. É-nos dito o bastante para deixar claro que grandes e gloriosos eventos hão de acontecer; mas a forma na qual estes devem ser realizados, e os detalhes concernentes ao curso futuro do Reino, tanto na terra quanto no céu, são deixados, em sua maior parte, sem claras explicações. Em toda possibilidade, as realidades do estado futuro serão tão diferentes das nossas ideias sobre ele quanto as realidades da presente era se mostraram diferentes das ideias dos judeus do Antigo Testamento.

⁶⁴ Roderick Campbell, *Israel and the New Covenant*, pg. 170

Devemos manter em mente que foi o método mecânico e literalista de interpretar profecias que levou os judeus na época de Cristo a esperar um Messias que conquistaria seus inimigos e estabeleceria um reino político terreno em Jerusalém. Fixando seus olhos na mera letra da Escritura, eles se tornaram tragicamente cegos ao seu real sentido e espírito, com o resultado que, quando Cristo “veio para o que era seu”, “os seus não o receberam” (João 1:11), mas O rejeitaram e O crucificaram. Este mesmo princípio literalista pode também ter resultados trágicos em nossos dias, no sentido de ser capaz de alimentar esperanças que são falsas e decepcionantes. Isso é particularmente verdadeiro com relação à visão de que os judeus ainda devem ser vistos como o povo favorecido de Deus, que a Palestina pertence a eles como questão de direito divino, e que a profecia prevê um glorioso reino para eles na Palestina. Ele é capaz de gerar consequências mais sérias quando é empregado para ensinar que Cristo há de estabelecer um reino político de mil anos neste mundo e, dessa forma, desviar a atenção do real propósito da Igreja, que é evangelizar o mundo durante a presente era. Quase um século atrás, o Dr. Charles Hodge alertou contra a insistência inatural de pré-milenistas no literalismo, que ele chamou de *ignis fatuus* – um fogo falso ou enganoso que “leva aqueles que o seguem para onde eles não sabem”. Este método se mostrou desastroso para os judeus que tentaram prever os detalhes da Primeira Vinda de Cristo. Muito provavelmente, isso também não trará bons resultados para aqueles que tentam definir em detalhes a ordem dos eventos da Segunda Vinda de Cristo.

É válido mencionar que nenhum pré-milenista é capaz de levar adiante o princípio de interpretação literal de forma consistente. Ninguém até agora concebeu um método

certeiro para distinguir entre o figurado e o literal. Muitas declarações na Escritura são claramente figuradas, e o pré-milenista deve espiritualizá-las, independentemente do quão crítico seja do Pós- ou Amilenismo. Ninguém pode tomar literalmente a declaração de que os santos no Paraíso “lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro” (Ap. 7:14); ou que o santo vitorioso será feito uma “coluna” no templo de Deus (Ap. 3:12); ou que o diabo, que é um espírito, possa ser amarrado com uma corrente e preso em um abismo profundo por mil anos (Ap. 20:2-3). Não tomamos as palavras de Cristo “Este é o meu corpo” e “Este é o meu sangue” literalmente, apesar de estas duas sentenças serem compostas de palavras bem claras, curtas e simples. Católicos romanos tomam estas palavras de forma literal, e delas extraem suas doutrinas da Transubstanciação e da Missa. É inconsistente pré-milenistas escolherem a dedo quais declarações eles tomarão literalmente e quais de forma figurada, enquanto, ao mesmo tempo, criticam pós- e amilenistas por aceitar interpretações simbólicas e figuradas quando estas parecem ser preferíveis. Se a interpretação figurada ou simbólica é fundamentalmente errada, não se deve recorrer a ela em nenhum caso. Doutra maneira, pré-milenistas fazem exatamente aquilo que acusam pós- e amilenistas de fazerem: tomar a Escritura literalmente onde parece preferível, e espiritualizá-la onde parece preferível.

Outro princípio de interpretação é que, quando uma profecia ou promessa foi cumprida uma vez, não há razão para ela ser cumprida novamente, ou repetidamente. Uma condição presente envolvendo esse princípio relaciona-se ao Estado de Israel. Alguns dizem que, já que a Palestina e as terras circundantes foram prometidas a Abraão e aos Filhos de Israel, e que estas terras nunca foram completamente

ocupadas, ou foram perdidas mais tarde, elas agora, por direito, pertencem aos israelenses. Mas, em Josué 21:43,45, lemos: “Assim, deu Jeová a Israel toda a terra que prometeu, com juramento, que daria a seus pais; eles a possuíram e nela habitaram... Não falhou nenhuma de todas as boas coisas que Jeová tinha prometido à casa de Israel; tudo se cumpriu.” (TB). Em 1 Reis 4:21, lemos: “E dominava Salomão sobre todos os reinos desde o rio até à terra dos filisteus, e até ao termo do Egito; os quais traziam presentes, e serviram a Salomão todos os dias da sua vida.”. E 2 Crônicas 9:26 nos diz: “E dominava [Salomão] sobre todos os reis, desde o rio até à terra dos filisteus, e até ao termo do Egito”. Portanto, nós concluímos que tais promessas foram amplamente cumpridas, e não se aplicam ao presente Estado de Israel.

APÊNDICE: UM BREVE RESUMO DO PÓS-MILENISMO

A Grande Comissão: Mateus 28:18-20 “E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação do mundo. Amém.”

Aqui é-nos dito que **toda autoridade, no céu e na terra**, já foi dada ao Cristo que ressuscitou, ascendeu e agora reina. Com base nesta autoridade, Ele ordenou Seus discípulos a irem e fazerem discípulos de todas as nações. E Ele prometeu que estaria com eles sempre, mesmo até o fim do mundo. Seu propósito declarado é a **Cristianização** do mundo inteiro durante a presente Era da Igreja. Logo, perguntamos: o que Ele poderá fazer num reino milenar de 1000 anos, sentado num trono em Jerusalém, que Ele não pode fazer agora? Ele já tem **toda autoridade, todo poder**, nos céus e na terra. Ele nunca terá mais poder ou mais autoridade do que Ele já tem agora. Ele ordenou Seus seguidores a ir agora, e fazer discípulos **de todas as nações**, e que estas pessoas devem ser batizadas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Mas apenas crentes verdadeiros devem ser batizados. Logo, isso claramente significa que o povo das nações há de se tornar cristãos verdadeiros. Não pode significar um meramente superficial anúncio do Evangelho a estas nações, como alguns dizem, mas uma verdadeiramente eficaz cristianização do mundo. Assim, perguntamos novamente: o que Cristo poderá fazer, sentado

num trono em Jerusalém durante um reino milenar de 1000 anos, que Ele já não pode fazer agora? Ou que concebível necessidade há para um milênio como esse?

A Marcha Triunfante da Igreja: Mateus 16:18: “E também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”

Este versículo, seguindo imediatamente a magnífica confissão de Pedro de que Jesus é o Cristo, nos dá confiança especial no progresso futuro da Igreja. Ele tem sido geralmente compreendido como dizendo que a Igreja que Cristo estabeleceu poderá se defender contra todos os seus inimigos, que até mesmo o pior que os inimigos do Evangelho puder levantar contra ela não será capaz de destruí-la. cremos, porém, que o real sentido é bem diferente. “Portas” ou “portões” não são mecanismos **ofensivos**, mas **defensivos**. São estacionários. Não atacam. Naquela época, portões eram instrumentos altamente fortificados projetados para a defesa de uma cidade, construídos para resistir às investidas mais fortes dos atacantes. Dessa forma, eles não se movem. Logo, o real sentido deste versículo não é que a Igreja poderá se defender contra todos os ataques, mas que ela fará o ataque: ela avançará por todo mundo, e nada, literalmente nada, poderá resistir à sua marcha contínua. Nem mesmo as fortalezas do próprio inferno será capaz de resisti-la. Todos cairão diante dela. Antes do fim, a Igreja aniquilará completamente toda oposição. Até mesmo as mais imponentes fortificações do inimigo serão reduzidas a ruínas diante dela. Certamente, isso é Pós-Milenismo com veemência!!

